

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ - PUCPR
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA - PPGT**

CÍCERO BEZERRA

**O PODER COMO SERVIÇO NO NOVO TESTAMENTO
PERSPECTIVAS PASTORAIS**

CURITIBA

2012

CÍCERO BEZERRA

**O PODER COMO SERVIÇO NO NOVO TESTAMENTO
PERSPECTIVAS PASTORAIS**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Teologia – PPGT da Pontifícia Universidade Católica do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Clodovis Boff

CURITIBA

2012

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

B574p Bezerra, Cícero
2012 O poder como serviço no Novo Testamento perspectivas pastorais / Cícero
Bezerra ; orientador, Clodovis Boff. -- 2012.
156 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2012
Bibliografia: f. 148-156

1. Poder (Teologia cristã). 2. Serviço (Teologia). 3. Bíblia. N. T. 4. Teologia
pastoral. I. Boff, Clodovis. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 262.8

À minha amada família,

Conceição,

Neemias, Vanessa, Lídia, Priscila,

Guilherme e José Oliveira.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Dr. Clodovis Boff, que me auxiliou em todas as etapas desta pesquisa.

À minha esposa por ter paciência comigo durante o período de estudos.

Aos amigos companheiros da Missão Evangélica Betânia pelo compromisso e dedicação.

RESUMO

A religião cristã está intimamente relacionada às palavras “poder” e “serviço”, porém tais temas acabam sendo pouco explorados nas pesquisas teológicas. O poder não é uma coisa para se ostentar, mas sim uma relação entre pessoas que convivem em uma mesma sociedade, pois a própria convivência social constitui uma relação de poder e influência mútua. Já o “Serviço” caracteriza-se através de dois significados opostos na Bíblia, segundo designe a submissão do homem a Deus ou a sujeição do homem para o homem debaixo da forma de escravidão. Dentro da premissa Poder-Serviço, desenvolveu-se esta pesquisa teórica buscando analisar vários aspectos teológicos neotestamentários relacionados ao tema, bem como as aplicações práticas dos ensinamentos de Jesus e dos apóstolos no âmbito pastoral. Levando-se em consideração a opinião de estudiosos e teólogos sobre o assunto, pretende-se chegar a uma conclusão plausível a respeito dos ensinamentos de Jesus nos Evangelhos e dos seus discípulos nas Epístolas, sobre o papel do poder como serviço no exercício da prática cristã a fim de termos base para análise e conclusões fidedignas a respeito do tema. Dentro desta temática abordaremos o “poder” numa perspectiva do “serviço”, pois as ações de poder devem resultar no serviço para ajudar as pessoas e não simplesmente para manipulá-las ou coagi-las. O serviço precisa ser caracterizado por ações em favor dos mais necessitados, assim estaremos proclamando os valores do Reino de Deus e agindo com transformação de realidades tanto individuais quanto coletivas.

Palavras Chave: Poder; Serviço; Servo; Pastor.

ABSTRACT

The Christian religion is closely linked to the terms “power” and “service”, although these terms have been rarely the objects of theological research. “Power”, in fact, is not a thing but a relationship. It is a relationship between people that live in the same society, because living together in a social setting constitutes a relationship of power and mutual influence. “Service” has two opposite meanings in the Bible: It describes submission of a man to God as well as submission of one man to another in slavery. Jesus used the law and the prophets to remind people that because of one’s love for God, service to God must be complete and excludes any other object of worship. Therefore, those who exercise “service” are called servants of God; but, they are also called friends and sons of God, because as his servants they must walk the way of suffering, triumphing over testing, awaiting the victory that will come in the glory of his kingdom. Elaborating on this theme, we will consider “power” in the perspective of “service”, because the use of power should result in service that actually helps other people and not simply manipulates or coerces them. Service must be characterized by actions that favor the neediest therefore proclaiming the values of the Kingdom of God and working toward the transformation of individual and collective reality.

Key-Words: Power; Service; Servant; Shepherd.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. O ENSINO DE JESUS SOBRE O PODER-SERVIÇO EM GERAL	08
1.1 O DESEJO PELOS PRIMEIROS LUGARES (Mc 10,41-45)	08
1.1.1 A compreensão limitada dos discípulos a respeito do Reino	15
1.1.2 O lugar no Reino de Deus (Mc 10,40)	18
1.1.3 A indignação dos outros discípulos (Mc 10,41)	19
1.1.4 Jesus chamou os dois para junto de si (Mc 10,42)	21
1.1.5 Conclusão	23
1.2 JESUS: EXEMPLO DE “PODER-SERVIÇO” (Jo 13).....	25
1.2.1 Jesus dá uma lição de humildade (Jo 13,12)	28
1.2.2 A questão referente à Ceia	29
1.2.3 A situação do lava-pés	30
1.2.4 A reação de Pedro (Jo 13,8).....	31
1.2.5 A reação de Jesus (Jo 13,8)	33
1.2.6 A continuação do diálogo de Jesus com os discípulos (Jo 13,12)	34
1.2.7 Pedro compreende o que Jesus estava ensinando (Jo 13,9).....	35
1.2.8 Os ensinamentos de Jesus sobre o lava-pés (Jo 13,16).....	36
1.2.9 Jesus nos orienta a fazer o mesmo (Jo 13,15).....	39
1.2.10 O serviço na prática (Jo 13,17).....	40
2 ENSINOS DE JESUS SOBRE O “PODER-SERVIÇO” PASTORAL	43
2.1 O BOM PASTOR A SERVIÇO DO POVO DE DEUS (Jo 10,1-21).....	43
2.1.1 Os pastores no Novo Testamento	46
2.1.2 O Bom Pastor cuida das suas ovelhas (Jo 10)	48
2.1.3 Os maus pastores não cuidam de suas ovelhas (Ez 34)	49
2.1.4 As ovelhas identificam a voz de seu pastor (Jo 10)	51
2.1.5 Conclusão e aplicação a respeito da figura proposta por Jesus	53
2.2 JESUS ENSINA UM MODELO PARA O SERVIÇO (Mc 6,7-13).....	54
2.2.1 A missão dos doze apóstolos (Mc 6,7-13)	55
2.2.2 Jesus os envia de dois a dois	58
2.2.3 O serviço deve ser executado na dependência de Cristo	60
2.2.4 Orientações práticas a respeito do serviço cristão.....	63
2.2.5 O serviço deve ser exercido com perspicácia	66
2.3 O SERVIÇO HUMILDE EXPRESSA GRANDEZA (Mt 18,1-5)	70
2.3.1 A pergunta dos discípulos	72

2.3.2 Uma demonstração de humildade e serviço	75
2.3.3 No que consiste a verdadeira grandeza	78
3. O PODER SERVIÇO EM OUTROS TEXTOS DO NOVO TESTAMENTO	82
3.1 O SERVIÇO DIACONAL COMO EXEMPLO (Atos 6,1-3)	82
3.1.1 A imagem ideal do cristianismo	82
3.1.2 O Serviço da Palavra	87
3.1.3 Ungidos para o serviço	90
3.2 O MODELO DE SERVIÇO PROPOSTO POR PAULO (Atos 20,17-38)	93
3.2.1 Paulo faz uma apresentação do seu ministério	93
3.2.2 Mileto e a situação geográfica.....	96
3.2.3 No seu serviço Paulo exerce autoridade.....	97
3.2.4 Paulo cita seu exemplo no serviço	98
3.2.5 O serviço acontece com a ajuda de cooperadores	104
3.2.6 O serviço requer compromisso de vida	105
3.2.7 No serviço devemos anunciar todo conselho de Deus	107
3.2.8 No serviço há o desgaste emocional	111
3.3 O CUIDADO PASTORAL (1 Pe 5,1-6)	118
3.3.1 Orientações específicas a respeito do cuidado pastoral (1 Pe 5,1-5).....	118
3.3.2 Conceituando o cuidado pastoral	124
3.3.3 O exemplo de Cristo (1 Pe 5,4)	127
3.3.4 As ações pastorais acontecem a partir da humildade (1 Pe 5,5-6)	130
4 CONCLUSÃO	135
BIBLIOGRAFIA	
I - FONTES	148
II - ESTUDOS ESPECÍFICOS	149
III - LITERATURA DE APOIO.....	151

INTRODUÇÃO

O ser humano tem poder para influenciar tanto para o bem, quanto para o mal. Através de suas habilidades pode servir ou explorar o próximo. Essa pesquisa visa analisar e refletir, fazer perguntas e buscar respostas para o tema: Poder como serviço. O conceito sobre o “poder”, é ressaltado nas reflexões sobre a religião cristã. Nessa pesquisa, será abordado o tema: “poder-serviço” como atributo humano, inspirado nos atributos divinos, que deve se transformar em ações a favor dos necessitados. No desenvolver da pesquisa será estudado o “poder numa perspectiva do serviço” realizando boas ações a favor dos mais fracos e sem voz.

Faz-se necessário começar a dizer que, o poder não é uma coisa, mas sim uma relação. É uma relação entre pessoas que convivem em uma mesma sociedade. A própria relação social constitui uma relação de poder. De fato toda relação social é também uma relação de poder. Ela inclui sempre um índice de poder. E o poder aqui toma a forma de influência mútua. Desse modo, o poder está situado originalmente na base da sociedade, nasce aos pés de toda relação social e humana em geral (BOFF, 1988, p. 34).

As ações de poder devem resultar no serviço para ajudar as pessoas. Não se pode exercer o poder para manipular ou coagir indivíduos. O poder usado para explorar denigre o ser humano, a exploração do mais fraco traz à tona a má índole e expõe a opressão e a tirania do mais forte. Assim serão estudados alguns princípios e exemplos apresentados em o Novo Testamento que servirão como referencial teórico, no sentido da bondade e socorro aos oprimidos. O mais forte deve servir ao mais fraco. Precisamos ser voz para aqueles que não têm voz. Devemos ser a mão amiga e proclamadora da verdade para aqueles que não são ouvidos pela sociedade, principalmente no ambiente da religião. Foi assim que Jesus desenvolveu seu ministério.

Através de suas ações ministeriais, Jesus deixou um exemplo para ser imitado. Com sua disposição para servir, ensinou lições para que os discípulos seguissem, os mesmos procedimentos que deveriam ser reproduzidos. Como no caso do apóstolo Paulo, ele encarnou o serviço como ação principal no seu ministério. Suas atividades foram caracterizadas pela ajuda aos necessitados. Paulo

afirmou: “Ai de mim se não pregar o evangelho...” (1 Co 9,16), “Sede meus imitadores assim como eu sou de Cristo...” (1 Co 11,1).

Em todas as religiões o poder é um atributo essencial da divindade. A fé cristã apresenta assim o primeiro artigo da revelação bíblica: “Creio em Deus Pai Todo Poderoso, criador do céu e da terra.” Essa fórmula indica três aspectos da onipotência do verdadeiro Deus: É universal, pois Deus criou todas as coisas (Gn 1,1-3), é amante, pois Deus é o Pai que está nos Céus (Mt 6,9); e misteriosa, pois só a fé pode discernir em suas manifestações às vezes desconcertantes e abrir-se a sua ação salvadora (1 Co 1,18; 2 Co 12,9). A onipotência de Deus se desenvolve na história da salvação (DUFOUR, 2001, p. 134).

Pensando de uma forma generalizada, o serviço se evidencia através de ações a favor do outro.

Em termos gerais, o servir é um querer, atuar ou fazer através dele uma pessoa a atuar, não conforme seus próprios fins ou planos, mas sim tendo como finalidade a outra pessoa e com dedicação atender uma necessidade e disposição para ir aos outros. É um ato cuja liberdade está limitada e determinada pela liberdade da outra pessoa, um ato cuja glória chega a ser cada vez maior ao ponto de quem o faz e não se preocupa com sua glória, mas sim com a glória do outro (BARTH, 2006, p. 213).

Ficaremos com a lição de Jesus: “Entre vós não será assim, ao contrário quem quiser ser o primeiro deve ser o servo de todos” (Mc 10,43), Essa verdade irá ser ressaltada de forma veemente e ilustrativa em vários aspectos da pesquisa, com a intenção de ensinar e transmitir os princípios cristãos sobre o poder-serviço. Como disse Francisco de Assis (apud FOSTER, 1983, p.106): “Sendo servo de todos, estou obrigado a servir a todos e administrar as palavras suavizadoras de meu Senhor”.

W. Law¹, entendia que a disciplina do serviço é que traz humildade à vida. Se quisermos humildade, ele nos aconselha a:

[...] condescender em todas as fraquezas e enfermidades do próximo, ocultar suas fragilidades, amar o que ele tem de excelente, incentivar suas virtudes, aliviar suas necessidades, regozijar-se em suas prosperidades,

¹ Willian Law (1686 - 1761): Teólogo e estudioso inglês. Estudou em Cambridge, porém por causa de suas convicções políticas foi proibido ao uso do púlpito, mas pregou através de seus livros. Dentre estes pode-se citar: Christian Perfection, Spirit of Love, Spirit of Prayer, e o mais conhecido de todos: A Serious Call To a Devout and Holy Life, publicado em 1728. A tese deste último livro é que Deus não se limita a perdoar nossa desobediência, ele nos chama à obediência, e para uma vida completamente centrada n'Ele.

compadecer-se de suas tristezas, receber sua amizade, ignorar suas indelicadezas, perdoar-lhe a malícia, ser servo de servos, e condescender em executar o mais inferior dos ofícios para os mais íntimos da humanidade (LAW apud FOSTER, 1983, p. 108).

“Aprenda esta lição: se você tem de fazer o trabalho de um profeta, você precisa não de um cetro mas de uma enxada”, diz Bernardo de Claraval (apud FOSTER, 1983, p.103). Se for feita uma análise através de símbolos: “Como a cruz é o símbolo da submissão, assim a toalha é o símbolo do serviço”.

Serão citadas algumas palavras que expressam os conceitos a serem estudados. Ao estudar esses termos técnicos ter-se-á como objetivo fazer uma boa fundamentação a respeito do poder como serviço. A partir da compreensão dos termos em questão será construída a tese de que o “poder-serviço” exercido no ministério de Jesus deve servir de referência, para pastores e líderes e para as práticas de liderança cristã, desenvolvidas nas comunidades contemporâneas do povo de Deus. Os líderes religiosos atuais devem seguir Jesus. O ponto de partida são os ensinamentos de Jesus. Vários líderes têm sido afetados pelo secularismo, o qual afasta Deus das ações humanas. Jesus é Deus e deixou uma série de orientações para serem seguidas no cotidiano.

Começemos, pois, estudando as palavras: O ponto de partida para a palavra portuguesa “poder” é o latim “posse”, que indica “ser capaz”. O poder consiste na capacidade de agir, que equivale a potência; é uma virtude mediante a qual uma pessoa ou uma coisa pode tornar algo uma realidade. Poder também consiste na capacidade em potencial, a força ativa em operação; é o direito de ser ou de fazer alguma coisa; é qualquer forma de energia. Nas leis físicas o poder é a opção em que a energia é convertida em trabalho. No ponto de vista da Bíblia, Deus é o Ser Todo-Poderoso.

A palavra “autoridade”, que se traduz “exousia”, vem da palavra latina “auctoritas”, que, por sua vez, deriva de “auctor”: aquele que aumenta, que faz avançar, progredir. Todos esses termos, que são habitualmente associadas à família do verbo “augere” (fazer crescer, aumentar, acrescentar) traçam, pois, os contornos da autoridade compreendida com a “capacidade de fazer crescer” ou “de ser o autor

do crescimento de alguém”. Percebe-se a capacidade de influenciar o outro. Quanto mais poder, mais capacidade de influência o indivíduo terá. Dependendo do caráter do agente será expresso o tipo de influência, tanto para o bem como para o mal: Há pessoas que influenciam para ajudar e o outro, outras para explorar o mais fraco, ambas distintas entre si.

Analisemos o poder a partir dos idiomas bíblicos:

No hebraico:

1. Koach, “ser firme”, “agir vigorosamente”, “produzir”. Essa palavra está inserida “cento e vinte e uma vezes”, de Gn 31,6 a Zc 4,6. Esse termo é usado em todos os tipos de conexão, divina e humana.

2. Oz, “força”, “dureza”, “segurança”, “majestade”. Esse vocábulo ocorre por “noventa e quatro vezes”, conforme citado em Lv 26,19; Es 8,22; Sl 59,16; Sl 62,11; Sl 66,3; Sl 78,26; Ez 30,6; Hb 3,4. Também é uma palavra usada para indicar qualquer tipo de poder.

3. Geburah, “valor”, “força”, “domínio”, usada por sessenta e uma vezes conforme se vê, por exemplo, em Dt 3,24; Jz 5,31; 1 Reis 15,23; 2 Reis 10,34; 2 Cr 29,12,30; Is 11,12; Jr 9,23; Ez 32,29-30; Dn 2,20-23; Mq 3,3.

Há outras palavras hebraicas para “poder”, mas são fundamentalmente sinônimas dessas três palavras básicas.

No grego:

1. “Dunamis”, “poder” indicando obras poderosas (milagres). Daí surge o termo moderno “dinamite”. É um vocábulo usado por “cento e vinte vezes” no Novo Testamento, desde Mt 6,13 até Ap 19,1. O verbo “dunami” e “dunamoo” também são comuns, sobretudo o primeiro deles.

2. Eksousia, “poder”, “autoridade”, “direito”. Essa palavra ocorre por “cento e três vezes” no Novo Testamento, de Mt 7,29 a Ap 22,14. A forma verbal “eksousiazo” ocorre por “quatro vezes”, em Lc 22,25; 1 Cor 6,12; 7,4. Também pode ser traduzida com o sentido de “jurisdição” e até “liberdade”.

3. Krátos, “poder”, “domínio”, “força”. Vocábulo que foi usado por doze vezes no Novo Testamento: Lc 1,51; At 19,20; Ef 1,19; 6,10; Cl 1,11; 1 Tm 6,16; Hb 2,14 e 1 Pe 4,11; 5,11; Jd 25 e Ap 1,6; 5,13.

As formas verbais “krateo” e “krataioo” também são bastante frequentes. A ideia básica de dunamis é “força”; de “eksousia” é “direito”, “legalidade”; e de “kratos” é “superioridade”. O adjetivo “krátistos”, “nobre”, “excelente”, “ilustre”, deriva-se desse último vocábulo (Lc 1,3; At 23,26; 24,3; 26,25).

A partir da junção das palavras e a formulação do conceito, será entendida a formulação desejada. O poder na sua essência é a capacidade de tomar decisões. O poder decide. Como ação é neutro, e os resultados dependem do caráter daqueles que o usam. Para os cristãos o poder deve resultar no serviço. Foi assim que Jesus ensinou: “Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.”(-) “Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou.”(-) “Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo”. (Mt 20,26). Quanto maior o poder maior a responsabilidade de servir. Para reconhecer alguém com poder autêntico e genuíno, devemos observar o caráter de seu serviço.

O ambiente textual da pesquisa será o Novo Testamento. Os ensinamentos de Jesus e também a prática exercida pelos discípulos servirão de base, para análise e conclusões. No segundo capítulo será abordado o poder-serviço de uma maneira mais ampla, tomando como base o “Pedido da mãe de Tiago e João”, a qual intercede junto a Jesus, tentando buscar um lugar melhor para seus filhos. Jesus reage prontamente, dizendo que eles não sabem o que é melhor ou pior no Reino de Deus, e também não estão preparados para os melhores lugares. Aborda a questão de que não cabe a Ele designar esse ou aquele para os melhores lugares e por fim

explica que os melhores lugares no Reino de Deus são diferentes dos melhores lugares que os seres humanos anseiam. No segundo capítulo será estudada a situação do “Lava-pés”. Nesta passagem Jesus deixa uma de suas maiores lições, o Senhor assumindo a forma de servo, e ao mesmo tempo usando uma toalha como símbolo do seu serviço. Com a reação contrária de Pedro, Jesus reage forte, “se eu não te lavar, você não tem parte comigo...”

Na sequência no terceiro capítulo o serviço de forma pastoral. Será analisado o “Jesus Pastor” e também os ensinamentos pastorais a respeito do cuidado e do serviço na prática. Alguns fatores que evidenciam o serviço: O cuidado pastoral, convivendo e cuidando das pessoas como os pastores cuidavam das ovelhas, dar atenção e agir a favor dos necessitados, analisar e tirar ensinamentos das atitudes das crianças como modelo de humildade e por fim o serviço na igreja que é expresso em Atos 6, onde se forma um grupo de homens para servirem aos necessitados que participavam da igreja em seus primórdios.

Dessa forma será desenvolvida a pesquisa teórica e reflexiva. Serão abordados aspectos bíblicos como referencial superior, serão citadas as opiniões de diversos teólogos, e as conclusões teológicas serão feitas a partir do ministério de Jesus.

O cuidado desenvolvido na pesquisa leva em conta os abusos que tem ocorrido no decorrer da história da igreja e na igreja contemporânea, onde o poder tem sido usado para manipular e explorar a boa fé do necessitado. O serviço genuíno será analisado como o que foi ensinado por Jesus. “Quem quiser ser o primeiro, seja aquele que serve”.

Nos dias atuais nota-se muita exploração religiosa, onde o mais fraco serve apenas para contribuir com o pouco que tem para que os fortes se sobressaem. Na prática acontece o contrário aos ensinamentos de Jesus. Os profetas contemporâneos não estão prontos para servirem, buscam vantagens, querem destaque e não levam em conta a fraqueza do fraco e a pobreza do pobre.

Através dessa pesquisa pretende-se contribuir com uma fundamentação bíblica para que os líderes religiosos possam imitar a Jesus. “Ele sendo Deus, não julgou com usurpação ser igual a Deus, antes a si mesmo se esvaziou assumindo a forma de servo”(Fp 2,7).

Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, conhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai (Fp 2,5-11).

A preocupação, o cuidado durante a pesquisa, a exposição dos estudos, visam deixar como destaque a pessoa de Jesus e seus ensinamentos, pois se acredita que para fazer um contraponto a essa situação de exploração religiosa que vivemos na atualidade precisa-se estar bem fundamentados na Bíblia Sagrada, por isso o cuidado para apresentar estudos bíblicos bem estruturados e com o viés da prática cristã, para que possam servir de referência e fundamentação para aqueles que estiverem prontos para o bom trabalho e interessados em ajudar ao próximo.

Pretende-se contribuir de tal forma para que os governantes e poderosos compreendam e estejam dispostos a servirem ao mais fraco. Almeja-se que a influência resulte em serviço virtuoso, que o fraco seja atendido e o pobre receba ajuda. Baseados nas palavras de Jesus: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres (indigentes); enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para por em liberdade os oprimidos” (Lc 4,18).

1 OS ENSINOS DE JESUS SOBRE O PODER-SERVIÇO EM GERAL

A situação entre Jesus, os discípulos filhos de Zebedeu e sua mãe² é muito interessante e emblemática para se estudar a respeito do poder. No caso em questão a mãe assume o papel de intercessora para os filhos, desejando para eles os melhores lugares no Reino de Deus(Mat 20,20).Os filhos numa atitude passiva, e ao mesmo tempo interesseira, ficam na expectativa da reação de Jesus, esperando que o parecer do mestre fosse a favor dos melhores lugares. Os outros discípulos indignados reagem de forma negativa. Jesus por sua vez aproveita a situação para apresentar algumas lições, o que será estudado a seguir.

1.1 O DESEJO PELOS PRIMEIROS LUGARES (Mc 10,41-45)

O assunto a respeito do poder tem sido bem ilustrado, a partir do pedido da mãe dos apóstolos Tiago e João. Essa situação é muito emblemática e apresenta vários princípios que serão estudados. Os acontecimentos dessa passagem ocorreram perto de Jericó.³ A passagem de Marcos será analisada com outros textos bíblicos e servirá de texto básico e de ponto de partida para análise. Serão estudados alguns elementos desse texto. Marcos cita em seu evangelho: “Ouvindo isto, indignaram-se os dez contra Tiago e João. Mas Jesus, chamando-os para junto de si, disse-lhes: Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiorais exercem autoridade” (Mc 10,41-45)

Segundo Marcos, Jesus descreve aos monarcas “governantes”. Porém em harmonia com Gl 2,2; 6,9. As palavras de Jesus tem um tom irônico. Eles ostentam autoridade, se governassem sabiamente, tudo correria bem.

² Conforme Mc 15,40; Mt 27,56, provavelmente se chamava Salomé e, conforme Jo 19,25, talvez fosse a irmã da mãe de Jesus.

³ “Quando ele saía”. Lucas diz que isso aconteceu “ao aproximar-se ele de Jericó,” e depois relata um acontecimento na mesma cidade. Mas as palavras *εν τω εγγιζειν αυτον εις Ιεριχω*, podem ser traduzidas, “Quando ele estava perto de Jericó,” o que é igualmente verdadeiro daquele que está saindo da cidade, como do que se aproxima dela; e, como é provável que Jesus tenha permanecido alguns dias na vizinhança isso pode ter acontecido quando ele saía da cidade naquela ocasião e ele pode ter voltado a ela depois disso.

Porém uma vez chegando ao poder, pensam em si mesmo, de modo que fazem de seus súditos sofram debaixo de seu poder. Quando os poderosos fazem isso estão desejando que seus subordinados estejam debaixo de sua autoridade. As palavras de Jesus eram uma verdade aplicada ao seu tempo e tem sido relevantes em todas as épocas. A história através de livros tem sido testemunha dos títulos conferidos aos tiranos terrenos. Salvador, Benfeitor, Protetor, Caudilho, Libertador, etc. (HENDRIKSEN, 1998, p. 338).

“Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem⁴ não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10,45).

Esse episódio dos evangelhos servirá de ponto de partida para a reflexão: A súplica de Tiago e João, os filhos de Zebedeu, que pedem a Jesus que lhes conceda lugares de honra em sua glória. (Mc 10,35-40). Os evangelistas Mateus e Marcos situam esse episódio depois do terceiro anúncio da paixão-ressurreição, e ambos fazem com que seja seguido o ensinamento de Jesus a respeito do exercício do verdadeiro poder: “Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não será assim: ao contrário aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos. Pois o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10,42-45) (DEBERGE, 2002, p. 8).

Ao fazer uma análise do texto, deve-se estudar em primeiro lugar, o termo grego “*dokein*”, “parecer”, o qual tem um sentido duplo, tornando possíveis duas interpretações. Os governadores são reconhecidos como governantes no sentido de que merecem o devido respeito. Eles confirmam as expectativas que se tem em termos gerais em relação a “quem é governo”, e são aceitos nesta qualidade. Os importantes são assim! Todavia, isto é dito aqui claramente de um ponto de vista de fora desta sociedade em que isto vale. Mas há uma segunda interpretação: Jesus se distancia totalmente destas estruturas de domínio comuns e geralmente aceitas, a partir da sua visão de uma convivência totalmente diferente.

Disto resulta um tom irônico, que Gnilka deixa emergir em sua tradução: “que parecem dominar os povos” (“os que se dizem governadores”). Todos os consideram “senhores”, inclusive eles mesmos, sem terem a mínima noção de domínio de verdade. *katakyrieuein* e *kataxousiazein* vêm da formas simples *kyrieuein*, ser senhor e dominador, e *exousiazein*, ter autoridade oficial. Nos dois verbos, porém, é acrescentada a preposição *kata*, contra, para baixo (em sentido hostil e violento), o que certamente não é desprovido de sentido aqui, no quadro do paralelismo. A declaração sobre

⁴ Título que Jesus usava para si mesmo como o escolhido de Deus para ser o Salvador (Mc 10,45). Esse título se refere à condição humilde de Jesus (Mc 8,31; Lc 9,58) e também à sua futura glória (Mt 25,31; Mc 8,38).

o exercício do poder contém um prenúncio negativo. Ele é usado em benefício próprio e abusado, à custa dos que são dominados. A autoridade se torna autoritária, o poder descamba para a violência, a posição dá ensejo para a usurpação. O primeiro verbo encontra-se ainda em At 19,16; 1 Pe 5,3, enquanto o segundo não aparece mais no NT e também quase nunca na literatura geral. A BJ faz uma boa correlação entre os dois, traduzindo por “dominam e tiranizam” (POHL, 1998, p. 312).

A expressão “Entre vós” quer dizer: “Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva”. Mais uma vez Jesus aborda o assunto: “o desejo por grandeza” (Mc 9,33-37), e ele mesmo chega a oferecer grandeza. Mas explica a seu modo o que está querendo dizer com a expressão: grandeza. Estas palavras, porém, são dirigidas a um grupo de pessoas que está experimentando o senhorio de Jesus.

Essencialmente esse é o ensinamento de Mc 9,35–57; 8,34-35; Mt 10,39; 16,24-25; Lc 9,23-24. A forma como se reparte é nova e reconfortante. É um paradoxo. Jesus disse que o Reino onde ele reina, a grandeza se obtém seguindo um curso de ação que é exatamente o oposto do que se segue no mundo incrédulo. A grandeza consiste em entregar-se, e a efusão do eu ao serviço do outro e para a glória de Deus. Ser grande significa amar. Jo 13,34; 1 Co 13; Cl 3,14; 1 Jo 3,14; 4,8; 1 Pe 4,8. É uma pirâmide invertida, na qual qualquer crente se apresenta como servo, como um humilde subalterno “de todos”. Essa pirâmide invertida simboliza o cristão que continua seu caminho para a glória, confiando em Deus e amando a todos os homens. Ao fazer isso estará andando nos passos de seu Senhor e Salvador (Lc 22,27; Jo 13,34-35) (HENDRIKSEN, 1998, p. 303).

Através do “serviço”, este Senhor é alguém que se ajoelha diante do seu pessoal e lava seus pés, com a toalha em volta da cintura (Jo 13), que anda para cá e para lá entre eles como um garçom (Lc 22,27). Quem deseja ser “grande”, deve produzir necessariamente uma grandeza desse tipo. Uma grandeza que se evidencia pelo serviço. O “estar com ele” gera um “ser como ele”, e por isso mesmo uma grandeza de feitio especial. Estar junto com Jesus, oculto na vontade de Deus e a serviço dos irmãos, é a maneira mais elevada de ser humano e senhor. “Se alguém me servir, o Pai o honrará” (Jo 12,26).

Uma afirmação paralela aprofunda esta declaração. “E quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos”. A tradução correta é “escravo”⁵, um termo

⁵ Pessoa que não tem liberdade por estar dominada por outra pessoa. Nos tempos bíblicos havia escravidão em toda parte. Entre os israelitas os escravos eram bem tratados e tinham a oportunidade de comprar a sua liberdade (Êx 21,5, RA; Lv 25,47-55). Um israelita podia chegar a ser escravo por não poder pagar as suas dívidas (Lv 25,39), por haver roubado e não poder restituir o que roubou (Êx

mais forte e inconfundível do que “servo”⁶ como no v. 43. Além disso, a ênfase pode ser intencional: “escravo *de todos*”, não só “vos sirva” como no versículo anterior.

“Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”. A princípio esta frase parece não soar bem, em contraste com as frases claras antecedentes: o misterioso “Filho do Homem”, o “servir” profundo, que excede em muito o serviço praticado na época, principalmente através de servos.

Considere a perspectiva de um escravo. O escravo vê a vida toda da perspectiva da escravidão. Ele não vê a si mesmo como possuindo os mesmos direitos de homens e mulheres livres. Por favor, entenda-me: quando esta escravidão é involuntária, ela é cruel e desumanizante. Quando a escravidão é livremente escolhida, porém, tudo se muda. A servidão voluntária é uma grande alegria. A idéia da escravidão pode ser-nos difícil, mas não constituía problema para o apóstolo Paulo. Freqüentemente ele se jactava de sua escravidão a Cristo, fazendo uso pródigo do conceito do primeiro século de “escravo de amor” (isto é, o escravo que, por amor, escolheu livremente permanecer nessa condição (FOSTER, 1983, p. 65).

Com isto chegamos ao alvo do versículo, por “servir” entende-se aqui menos a atuação terrena de Jesus e mais a entrega da sua vida, e esta como o verdadeiro sentido da sua vida. A morte não era o limite do serviço e da existência para Jesus, mas plenitude e ponto culminante. A morte na cruz tornou perfeita a sua vida, a transformação em cordeiro a sua encarnação.

Sua vida é dada “em resgate”.⁷ Isaías 53,10 usa a expressão semelhante “oferta pelo pecado”, e Isaías 43,3 em “resgate”, como aqui. Na Antiguidade, a

22,2-3) ou por ter nascido de pais escravos (Êx 21,4). A mensagem do amor de Cristo fez com que a escravidão acabasse nos países cristãos (Ef 6,5-9; Gl 3,28).

⁶ É certo que os vocábulos *δῆκονος* e *δουλος*, são sinônimos. Assim como outros têm sido traduzido como “servo” e “escravo”. Sem dúvida, no curso da história, as idéias de falta de liberdade, serviço não voluntário, tratamento cruel, estão relacionadas com a idéia de escravo. Jesus tinha em mente no contexto a idéia de “ministro e servo”, só que ministro nesse contexto não está relacionado como clérigo. Confere com Fp 1,1.

⁷ A frase “em resgate de muitos” é um eco de Is 53,11, na realidade em Is 53 predomina a idéia de substituição, isso vemos nos versículos 53,4-6,8,12 também Mt 26, 28. É certo que este resgate “em lugar de” indica que esse benefício chega e é suficiente para muitos. As duas idéias “em lugar de” e “em benefício de” se combinam com a idéia de “um resgate de muitos”. O contexto afirma que o Filho do Homem serve a muitos. Os resgata da ruína, da maldição de Deus sobre o pecado; derrama sobre eles as bênçãos maravilhosas para alma e para o corpo e isto irá repercutir por toda eternidade. Is 53,10; Rm 4,25; 2 Co 5,20; Tm 2,14; 1 Pd 1,18-19.

liberdade de prisioneiros de guerra, escravos ou endividados podia ser comprada. O conhecimento geral desta instituição tornava o termo apropriado como figura de libertação na proclamação da salvação. No livro da Consolação de Isaías trata-se em primeiro plano de libertação e partida do cativeiro babilônico, no âmago, porém – e isto Isaías 53 expressa sem reservas – trata-se do êxodo do imenso endividamento humano para com Deus. É exatamente para isto que o Deus que ama apaixonadamente interfere “entregando” substitutivamente seu Servo à vergonha e à condenação. Esta “entrega” era o “núcleo estável” de todos os ensinamentos sobre o sofrimento de Cristo.

Jesus começa se identificando com o título que não se usa em Isaías: “O Filho do Homem veio”. Este título tem seus antecedentes inesquecíveis em Daniel 7,13-14: “E eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, [...] e o fizeram chegar até ele (Deus). Foi-lhe dado domínio, e glória, e o Reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem (!).” Foi esta visão profética, “eis que vinha”, que se cumpriu. O cumprimento, porém, ao mesmo tempo inverteu surpreendentemente os papéis descritos pela profecia. O Filho do Homem veio, “*não* para ser servido, mas para servir”. Este Filho do Homem, que era realmente “grande” (v. 42 e 43) e “primeiro” (v. 44), não sucumbem à lei comum do egoísmo, como os grandes deste mundo. Ele não está pensando no “couro” das suas ovelhas, mas na vida delas, à custa de sua própria vida.

O judaísmo, baseando-se no Salmo 49,8, ensinava que não havia resgate para os pagãos. Esta limitação é rompida por Isaías 53, com sua ênfase nos “muitos” (52,14-15; 53,11-12 = cinco vezes). Com sua frase final, este capítulo resume seu conteúdo e sentido no milagre: “Levou sobre si o pecado de muitos”. No texto em análise, esta expressão é retomada por Jesus: resgate “por muitos” (cf. 14,23)⁸. Com “resgate por muitos”, portanto, surge uma mensagem de libertação para a grande, incontável multidão, para o público em geral e, com isto, uma comunidade formada a partir dos povos subjugados, que Jesus tinha apresentado

⁸ Jeremias, ThWNT VI, 537ss, apresentou a possibilidade de que estes “muitos” devam ser entendidos como a forma semita para “todos”, e os primeiros cristãos foram unânimes nisto; Jo 11,52; 3,16; Rm 5,18; 8,3; 2 Co 5,14s; Hb 2,9; 1 Jo 2,2.

no v. 42. Ali ele os mencionou, não para distanciar-se deles, antes para retornar para todos com a palavra de salvação.

Em retrospectiva, ainda nos interessa o vínculo do versículo 45, com o que antecede: “Pois...” É evidente que a ideia é que um modelo atue sobre a consciência e a vontade dos discípulos. Um mandamento é promulgado. Mas seria cruel constatar com o v. 42 as estruturas injustas inescapáveis neste mundo, para depois exigir dos discípulos que eles sejam totalmente diferentes em meio a elas.

Mais ou menos assim: “Sejam bons em ambiente mal!” Neste “pois” há ao mesmo tempo uma fundamentação para o mandamento. A morte servil de Jesus criou uma base para ser diferente. Submetidas a ele, nossas sinistras ambições por domínio tornam-se absurdas e o amor fraternal passa para o primeiro plano. Deste modo, o mandamento está lado a lado com uma oferta de transformação. Esta é uma advertência dos primeiros cristãos: Jamais mostrar Jesus como exemplo sem mostrá-lo também como substituto e salvador.

Assumindo o papel de substituto e salvador, Jesus encarna o “servo de todos”, o único com condições existenciais de servir, salvar e resgatar de uma vez por todas os ser humano perdido em seus pecados. Podemos afirmar que o exercício diário do serviço cristão é uma figura cotidiana das ações de Jesus.

Jesus havia enfatizado a necessidade de obras de amor, misericórdia e generosidade (Mt 5; 7,43-48; 8,17; 9,36; 11,28–30; 12,7.20.21; 14,16.34–36; 15,32; 18,1–6.22.35; 19,13–15; 20,28; 22,9.37–39; 23,37). É natural o que se espera de seus seguidores: São chamados para demonstrar misericórdia. O Filho do Homem, apesar de seu estado de humilhação e rejeitado pelos homens deixa um exemplo de serviço e como os seus seguidores devem agir.

O cumprimento fiel dos humildes deveres da vida cotidiana é o que alcança congratulação e aprovação para tomar posse das bênçãos do Reino de Deus em sua etapa final. O que Jesus está dizendo é: Em vossa vida e conduta cotidiana o que com frequência se chama de “coisas pequenas da vida”, e haveis dado “prova” de que são verdadeiros discípulos. Isto mostra que no Reino dos Céus há lugar para

todas as pessoas, mesmo que não tenham profetizado em nome de Cristo, não tenham expulsado demônios e nem tenham feito maravilhas em seu nome. Mas não há lugar para os que se orgulham de seus grandes feitos (Mt 7,22-23). O Seguidor não pretensioso de Cristo é o seguidor sincero que honra a Jesus com as coisas comuns.

As pessoas que cumprem com o serviço cristão às vezes nem se dão conta das ações virtuosas que estão praticando. Acaba parecendo estranho que acabem recebendo um grande elogio, pronunciado pelo Senhor e Rei de todos. Jesus os chama de “justos”. Parece impossível não considerar justos atos tão nobres como atender aos necessitados. É maravilhoso notar que os serviços feitos tenham sido com espontaneidade, alegria, gratidão e humildade e logo haviam sido esquecidos completamente. O servo fiel não está fazendo para receber recompensas, antes serve pela alegria do serviço e por saber que está glorificando ao seu amado Senhor.

Agostinho⁹ disse que há dois tipos de pessoas, porque há duas formas de amor. Um amor santo, outro egoísta. Um se preocupa com o bem comum em favor do entendimento mútuo e da fraternidade espiritual, o outro procura submeter o bem comum ao próprio bem, satisfazendo a arrogância e a ânsia de domínio; um é submisso a Deus, enquanto o outro trabalha para igualar-se a Deus. Enquanto um trabalha pela paz, o outro é insubordinado; um prefere a verdade às honras humanas, o outro anseia pelos louvores, ainda que sejam falsos; um é amigo, o outro é invejoso; um deseja para o próximo o mesmo que deseja para si, o outro

⁹ Santo Agostinho é considerado um dos pais da Teologia, com sua principal obra *De Trinitate*, em quinze livros. Suas obras mais conhecidas, cujo interesse perdura, são as *Confissões* (*Confessiones*), obra autobiográfica, e a *Cidade de Deus* (*De civitate Dei*) em que discute o problema do bem e o mal, as relações do mundo material e espiritual. Seu estilo literário era primoroso, tomando partido total da flexibilidade da língua. Era um formidável formador de frases, que muitas vezes tornaram-se ponto de partida para controvérsias (como a da predestinação). Suas obras exerceram imensa influência sobre o pensamento filosófico-religioso de toda Idade Média. Sua doutrina trinitária é fundamental. Ensinou que não há subordinação entre as pessoas da Santíssima Trindade, como queriam Tertuliano e Orígenes. Seu pensamento reapareceria com Lutero e principalmente com Calvino e com os jansenistas (pertencente à doutrina de Cornélio Jansen, bispo de Ipres, sobre a graça e a predestinação), exercendo hoje, decisiva influência na teologia dialética de Karl Barth.

deseja submeter o próximo a si mesmo; um ajuda os demais interessados neles, o outro se interessa por si mesmo¹⁰.

1.1.1 A compreensão limitada dos discípulos a respeito do Reino

Para entendermos as questões relacionadas ao poder-serviço devemos seguir a interpretação do texto de (Mc 10,41-45), para termos uma melhor compreensão sobre a situação e os princípios ensinados. Os discípulos confiavam que Jesus iria dar-lhes o que estavam pedindo.

João e Tiago se imaginavam a Jesus sentado em seu trono real, rodeado de seus servidores. Sonhavam em ocupar os lugares de mais alta honra entre os altos oficiais. Queriam estar assentados à sua direita e à sua esquerda. Não era o costume dos reis e seus acompanhantes e também de outros dignitários e dos que formavam sua cúpula de liderança. (Ex 17,12; 16,6; 2 Cr. 18,18; Ne 8,4), Apesar de tudo, a petição deles era uma evidência de fé. Criam que, conforme sua promessa, Jesus se sentaria no trono da sua glória e que cada um dos doze se sentaria no seu trono. Estavam convencidos de que os acontecimentos avançaram em tal direção. Isto se pode dizer a favor deles. Por outro lado é claro que é uma ambição pecaminosa estavam julgando assumir um papel importante. Desejavam que os postos mais honoráveis não fossem dados a Felipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Pedro e a nenhum outro, mas apenas deveriam ser beneficiados Tiago e João (HENDRIKSEN, 1998, p. 300).

Os apóstolos achavam que o Reino de Jesus seria inaugurado imediatamente, e estavam animados com a participação deles entre aqueles que iriam dar as ordens. No caso de Tiago e João, a mãe participava dessa expectativa e decidiu assegurar o melhor lugar para seus filhos. A ambição era grande entre eles, pois Jesus estava prestes a ser executado e eles nem estavam considerando isso. Os discípulos não tinham noção sobre o cálice que Jesus iria beber.¹¹

¹⁰ A Cidade de Deus, XIV, 28.

¹¹ O cálice é ligado no AT a remédio, lágrimas, destino, sofrimento, sabedoria, morte, imortalidade, punição ou salvação. A interpretação, porém, não deve ser muito livre. É importante observar que o conceito do cálice como martírio só aparece em escritos cristãos antigos (Goppelt, ThWNT VI, 153). Outra razão de ele não encaixar aqui é que a morte no martírio é apresentada como dignificação altamente estimada, como ponto culminante da comunhão com Deus (p.ex. Policarpo, 14,2). Jesus, porém, morreu com o grito do abandono nos lábios. Além disso, nestes versículos a idéia de julgamento paira sobre tudo.

Nas cortes orientais as posições de maior honra e autoridade eram as que ficavam a direita e a esquerda¹² do monarca. O que evidencia a atitude dos discípulos é o fato de que eles confiavam mesmo em Jesus; estavam certos de que ele tinha capacidade para estabelecer o Reino de Deus e que triunfaria sobre o domínio dos romanos.

Destaca-se no texto a lealdade deles, mesmo em busca de vantagens, eles expressavam uma disposição de servi-lo fielmente. Os discípulos¹³ estavam buscando grandeza e poder, mas estavam equivocados com respeito ao caminho a seguir¹⁴. Confiavam em Jesus, porém não entendiam que o que fazia Jesus grande, era sua capacidade de ajudar e servir outras pessoas. Jesus os confronta para ver se estavam dispostos a assumirem a posição “humilde do serviço”. (Não compreendiam nem a ação de Jesus no reino atual e já estavam preocupados com a posição no reino vindouro). O conceito de reino que eles tinham era a de reino terreno: o rei e seus auxiliares. A ideia deles era de ocuparem os primeiros lugares. Na concepção dos discípulos o reino era terreno e único.

Jesus contesta as formas de poder que esmagam, escravizam, recusam-se a reconhecer seus próprios limites (Jo 18,36) ou se servem de Deus para garantir seu próprio prestígio e sobrevivência (Mt 23,1-33). Ao manifestar

¹² Direita e esquerda são plurais no original, portanto, literalmente, “as partes direitas de teu corpo e as partes esquerdas” realmente as coisas más vinham da esquerda. Para os judeus, olhar para esquerda era olhar para o norte, de onde muitas vezes vinham as coisas más (Jr 1,14; 4,6 sugerem as invasões). Para os gregos olhar para o norte, sua esquerda ficava o oeste, considerado também desfavorável. Também vale a pena destacar que na divina revelação não tenha validade nenhuma estas idéias supersticiosas. Todas as coisas estão debaixo do controle de Deus, mesmo que às vezes pareçam más, tudo está debaixo de seu controle (Sl 33,11; Pv. 16,4; 19,21; Is. 14,24–27; 46,10; Dn. 4,24; Rm. 8,28; Ef. 1,11).

¹³ *Katakyrieuein* e *kataxousiazein* vêm da formas simples *kyrieuein*, ser senhor e dominador, e *exousiazein*, ter autoridade oficial. Nos dois verbos, porém, é acrescentada a preposição *kata*, contra, para baixo (em sentido hostil e violento), o que certamente não é desprovido de sentido aqui, no quadro do paralelismo. A declaração sobre o exercício do poder contém um prenúncio negativo. Ele é usado em benefício próprio e abusado à custa dos que são dominados. A autoridade se torna autoritária, o poder descamba para a violência, a posição dá ensejo para a usurpação. O primeiro verbo encontra-se ainda em At 19,16; 1 Pe 5,3, enquanto o segundo não aparece mais no NT e também quase nunca na literatura geral. A BJ faz uma boa correlação entre os dois, traduzindo por “dominam e tiranizam”.

¹⁴ Jesus lembra aos discípulos que haviam esquecido, a saber, que uma petição de glória significa sofrimento, em outras palavras que o único caminho que leva ao céu é o caminho da cruz. Desse modo a pergunta se podem beber o copo que ele está para beber. No idioma do Antigo Testamento e da literatura relacionada, “beber o conteúdo do copo”, significa participar plenamente de sua experiência de forma favorável (Sl. 16,5; 23,5; 116,13; Jr. 16,7) ou desfavorável (Sl. 11,6; 75,8; Is. 51,17,22; Jr. 25,15; Lm. 4,21; Ez. 23,32; Hab. 2,16) Jesus também falou de um copo amargo de sofrimento (Mt. 26,39.42; Mr. 14,36; Lc. 22,42).

mediante todas as dimensões de sua vida que não existe verdadeiro poder senão no serviço, ele se oferece como vítima ao poder dos homens e salva a humanidade da incapacidade, na qual ela se encontrava, de realizar sua vocação. Assim abre-se aos homens o acesso a um uso do poder perfeitamente de acordo com a sua vocação e com a missão que Deus lhes confiou (DEBERGE, 2002, p. 86).

Jesus respondeu para os discípulos: Vocês não sabem o que pedem por duas razões: Uma é que pediam algo para si mesmos no mundo espiritual, que só poderia ser atingido de forma sobrenatural; O outro motivo que se destaca é que estavam pedindo em termos gerais, ou seja, algo que só poderia ser alcançado através de experiências particulares e específicas. O Reino de Deus possui aspectos sobrenaturais e só compete ao Pai definir determinadas questões, como por exemplo, lugares específicos no Reino de Deus. O Reino de Deus e seu funcionamento têm as normas próprias estabelecidas pelo Senhor, não se pode definir ou estabelecer as normas do seu funcionamento, pois o Reino Divino não funciona através de normas e conceitos humanos. Dufour (2001, p. 86) apresenta de forma clara o caráter misterioso do Reino de Deus:

O Reino de Deus é uma realidade misteriosa, cuja natureza só Jesus pode dar a conhecer, e não o revela a não ser aos humildes e aos pequenos, não aos sábios e aos prudentes deste mundo (Mt 11,25), a seus discípulos, não as pessoas de fora, para quem tudo é enigmático (Mar 4,11). A pedagogia dos evangelhos esta construída em grande parte pela revelação progressiva dos “mistérios do Reino”, particularmente através das parábolas. Depois da ressurreição se completará essa pedagogia (At 1.3) na ação do Espírito Santo que a completará. (Jo 14,26; 16,13) (DUF0UR, 2001, p. 86).

No Reino de Deus não há lugar para aqueles que se acham superiores. Os mistérios do Reino são revelados no lugar do serviço e na comunhão com Deus, e toda a compreensão possível a respeito do Reino de Deus acontecerá com a consumação de todo o plano de Divino.

Os discípulos não tinham essa compreensão devido ao fato de estarem entendendo o projeto de Jesus aos poucos.

Jesus declarou: “Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós.” Ele rejeitou total e completamente os sistemas de ordem de importância de seu tempo. Como, pois, devia ser entre eles? “Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva... tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir” (Mateus 20,25-28). Portanto, a autoridade espiritual a que Jesus se referia não era uma autoridade que se

encontrava numa posição, num título, mas numa toalha (FOSTER, 1983, p. 64).

Os planos do mestre eram diferentes das formas de governos que os discípulos estavam acostumados. Jesus estava propondo uma mudança radical de entendimento a respeito da autoridade exercida pelos líderes do povo. O “serviço” era o conceito principal ensinado por Jesus. Ele próprio encarnou essa realidade e estava transmitindo para os discípulos orientações para agirem da mesma forma.

1.1.2 O lugar no Reino de Deus (Mc 10,40)

Jesus afirma que ele mesmo não tinha poder para conceder esse ou aquele lugar no Reino de Deus, pois existe certas condições que só pertencem ao Pai celeste decidir. Deus tem um plano relacionado à salvação, e também tem um plano a respeito dos lugares que serão concedidos no céu.

A vontade de Deus tem por objetivo conduzir tudo em torno de Cristo (Ef 1,10) e tem por fim a intenção de demonstrar seu amor para todos os que creem. Outro tanto se dá nas posições de serviço. Cada pessoa é singular e assim será por toda eternidade (Ap 2,17), pelo que exercerão seus dons espirituais para o serviço eterno. O lugar que ocuparemos vai estar relacionado com a vontade de Deus, porém podemos estar seguros que a vontade de Deus é boa e perfeita. Dufour (2001, p. 167) faz uma análise sobre uma fundamentação bíblica para que o indivíduo possa ter acesso ao Reino de Deus:

O acesso dos homens ao Reino de Deus. O Reino é dom de Deus por excelência, e o valor essencial que precisa adquirir a custa de tudo o que se possui. (Mt 13,44). Porém para recebê-lo, precisa preencher certas condições. Não que se possa de algum modo considerar como um salário devido a justiça: Liberalmente contrata Deus aos homens em sua vinha e dá a seus obreiros o que parece bem dar-lhes (Mt 20,1-16). Sem dúvida, tudo é graça, os homens devem responder á graça: Os pecadores endurecidos e o mal “não herdarão o Reino de Cristo e de Deus” (1 Co 6,9; Gl 5,21; Ef 5,5; Ap 22,14). Uma alma pobre (Mt 5,3), uma atitude de criança (Mt 18,1-4), uma busca ativa do Reino de Deus e de sua justiça (Mt 6,33), o suportar as perseguições (Mt 5,10; At 14,22; 2 Ts 1,5), o sacrifício de todo o que se possui (Mt 13,44) uma perfeição maior do que a dos fariseus (Mt 5,20), em uma palavra, o cumprimento da vontade do Pai (Mt 7,21) especialmente em matéria de caridade fraterna (Mt 25,34): tudo isso se pede a quem queira entrar no Reino e herdá-lo finalmente. Porque se todos são chamados para

ele, todos deveriam ser escolhidos: se expulsará o comensal que não leve o vestido nupcial (Mt 22,11-14). Um princípio se requer uma conversão (Mt 18,3), um novo nascimento, sem o qual não se pode “ver o Reino de Deus” (Jo 3,3). Só o fato de nascer judeu, não é uma condição necessária como era no Antigo Testamento: “muitos virão do Oriente e do Ocidente e se sentarão a mesa no Reino dos Céus, enquanto que os súditos desse reino serão lançados fora...” (Mt 8,11). A perspectiva de juízo que certas parábolas apresentam de forma concreta: separação das impurezas e do bom grão (Mt 13,24-30), seleção dos peixes (Mt 13,47-50), prestação de contas (Mt 20,8-15; 25,15-30); tudo isso constitui uma exigência de vigilância (Mt 25,1-13) (DUFOR, 2001, p. 167).

Os lugares no Reino de Deus não são concedidos por vontade humana, ou por critérios humanos. O Reino é de Deus, e a sua conformação e funcionamento, dependem dos critérios e definições Dele. O Senhor tem normas que devem ser obedecidas, por todos que desejam se tornar cidadãos do Reino, e a participação na dinâmica do Reino não é resultado de ações humanas.

1.1.3 A indignação dos outros discípulos (Mc 10,41)

É comum que os homens busquem posição e glória. Isso provoca disputas, ações egoístas e inveja daqueles que ocupam os melhores lugares. Os dez reagiram forte ao orgulho dos dois irmãos; mas não se pode enganar, o que estava em jogo era apenas o orgulho carnal daqueles que estavam em busca de melhores posições.

Santo Agostinho expressou de forma concisa: “ama o que e faz o que queiras” (Ama et fac quod vis). Pois o que ama, só pode querer o bem. Santo Agostinho se referia ao verdadeiro amor, o amor generoso que sai de si mesmo. Todos sabem quão facilmente é possível ter amor muitas vezes ao dia e acabamos buscando nossos próprios interesses. Para que não nos equivoquemos há na pregação de Jesus e da igreja outros mandamentos, porém não sobressaem ao amor, são como flechas que indicam o caminho para o amor puro. Todo mandamento é mandamento do amor imperativo de Jesus. “amarás ao Senhor teu Deus, com todo teu coração”, e “amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (BUENO, 1969, p. 299).

Os dez não queriam ser ultrapassados, não estavam buscando justiça. Cabe destacar que o relacionamento entre os discípulos era conturbado por disputas por melhores posições; eles não compreendiam o plano de Jesus (a salvação de pecadores arrependidos), que o resultado de seu plano era a morte e isso implicava na perda de tudo o que eles poderiam ter conquistado. Nos planos do Mestre não

estavam apenas as conquistas humanas, comuns aos seres humanos, mas o desejo dele era cumprir com a vontade do Pai.

A noção de governo que os discípulos tinham era a partir do governo dos romanos, onde muitas ações cruéis eram praticadas, contra seus conterrâneos, "O sangue dos mártires é a semente dos cristãos." (Tertuliano) ¹⁵. Os governantes dominadores e opressores tinham o direito sobre a vida e a morte das populações subjugadas: feriam, assassinavam, roubavam e pilhavam para obterem vantagem pessoal.

Os discípulos sabem o que no fundo todo mundo sabe. Os detentores de poder sabem, os dependentes sabem, e cada lado sabe que o outro sabe. Todos já tiveram suas ilusões quanto a isto desvanecidas. Em todos os lugares as pessoas já se conformaram de que o mundo é assim, era assim, ficará assim e parece não funcionar de outro jeito. A primeira preocupação dos que governam não é o bem do povo, mas continuar no poder – o que, aliás, gostam de colocar como condição para o bem-estar do seu povo. "Os que exercem autoridade são chamados benfeitores" (ou "se chamam de benfeitores"; Lc 22,25) Esta descrição é dura demais? É claro que há e já houve detentores de poder conscienciosos. Jesus não igualou todas as pessoas, mas falava de bons e maus, justos e injustos. Ele também não alimentava preconceitos baratos contra "aqueles lá em cima". Aqui, porém, ele não está avaliando indivíduos, mas estruturas de domínio com sua tendência aos efeitos colaterais semelhantes em todas, como culto à personalidade, burocracia, etc. O mundo não pode mudar-se como mundo (POHL, 1998, p. 313).

Por conhecerem e já terem sofrido opressões pelos governantes¹⁶ romanos os outros discípulos reagiram de forma abrupta contra o pedido dos filhos de Zebebeu. Entre eles estava acontecendo certa disputa por cargos, ou preferências

¹⁵ Durante as grandes celebrações, raramente se passava um dia sem que algumas centenas de carcaças dilaceradas de homens e feras fossem arrastadas da arena para a casa dos mortos. Os jogos começavam por volta das dez horas, e geralmente iam até o escurecer; ao longo dessas horas, vítima após vítima ia tombando. Os espectadores, cada vez mais intoxicados a cada novo gole de sangue, bebido através de seus olhos brilhantes, clamavam por novas vítimas e mais sangue. Em mais de uma ocasião aconteceu de todos os animais do viveiro serem mortos num só dia. Eutrópio, falando de Tito, conta: "E quando ele construiu o anfiteatro em Roma, inaugurou os jogos e fez morrer cinco mil animais". (Eutrópio, livro IX, cap. X) Gladiadores, escravos, e cristãos eram as principais vítimas nos jogos (O'REILLY, 2005, p. 18).

¹⁶ Isso é o que acontece no mundo gentio. Gastam todas as suas energias para chegar ao alto e depois de haver alcançado, sintam o peso da sua autoridade. Segundo Marcos, Jesus descreve a estes monarcas como "governantes". Porém uma vez chegando ao cume do poder, só pensam em si mesmos, de modo que fazem que seus súditos se desencorajem debaixo do forte peso do seu poder opressor. Porém ao fazer tudo isso quer que seus súditos que estão debaixo de sua autoridade e sofrimento acreditem que suas maiores preocupações são os interesses de seus governados.

nas posições de liderança. Não era essa atitude que Jesus estava pretendendo ensinar para eles.

Jesus tinha interesse de lhes ensinar a respeito do serviço cristão. O mestre falava e agia de tal maneira que eles pudessem entender que o correto seria a disposição para ajudar o próximo. Não estava implícito nos ensinamentos a disputa por posições. A ideia de Jesus era que entre eles um cedesse o lugar de honra para o outro, não o contrário.

1.1.4 Jesus chamou os dois para junto de si (Mc 10,42)

Jesus aproveitava as situações do dia a dia para ensinar princípios. Já prevendo o conflito e detectando a desavença entre eles, Jesus os chama para uma conversa mais próxima e explicativa. Ele os ensina a partir do contexto dos discípulos. Era como se ele tivesse dito: “Podereis imitar aos gentios, mas isso é contra os princípios do Reino de Deus”. Para Jesus não existe liderança autêntica na tirania do poder. Esses padrões de governo têm ultrapassado os tempos, chegando a serem aceitos pela igreja contemporânea. Os governantes que se transformam em ídolos pagãos e acabam sendo exibidos em nossos santuários. Os homens governam pela violência do dinheiro ou da força bruta. Para Jesus era diferente, o governo deve ser exercido baseado no amor a Deus e ao próximo.

Jesus disse que no Reino de Deus não é assim: Quem quiser tornar-se grande, “será esse que vos sirva”. Aquele que ama, deve demonstrar no serviço prestado ao próximo. Assim tornar-se servo dos outros, o indivíduo deve se dedicar ao amor e ao serviço; deverá comprovar se tem compaixão pelo sofrimento humano; deve fazer de tudo para poder aliviar a dor e as necessidades de seu próximo. Jesus nos deixou o exemplo, pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas veio para servir. Mateus 23,11: “Mais o maior dentre vós há de ser vosso servo”.

Espírito de serviço, o povo de Deus é um povo sacerdotal porque está disposto a servir. Está chamado a oferecer o mais espiritual dos sacrifícios (1 Pd 2,5) a dar a sua própria vida. “Sacrifício e ofertas não quiseste, porém me preparastes um corpo; holocaustos e expiações pelo pecado te foram agradáveis. Então disse: Aqui estou” (Hb 10,6-7). Esse espírito de serviço

por amor de Cristo não é uma escravidão que entristeça. Implica uma inversão da escala de valores segundo a qual o poder e o prestígio são as realidades mais apreciadas; é uma nova atitude libertadora que responde ao anelo mais profundo do ser humano (BUENO, 1969, p. 335).

“Mas entre vós não é assim”. Trata-se da simples constatação de um fato, ou antes, do estabelecimento de uma norma? “Entre vós” quer dizer: Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva. Estas palavras, porém, são dirigidas a um grupo de pessoas que está experimentando o senhorio de Jesus. Neste senhorio Deus se torna Senhor e, em nome de Deus, os necessitados são ajudados, sob renúncia ao desejo de impor-se.

Estar junto com Jesus, na vontade de Deus e a serviço dos irmãos, é a maneira mais elevada de ser humano. “Se alguém me servir, o Pai o honrará” (Jo 12,26). Uma afirmação paralela aprofunda a declaração. E quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. A tradução correta é “escravo”¹⁷, um termo mais forte e inconfundível do que “servo” como no v. 43. Além disso, a ênfase pode ser intencional: “escravo *de todos*”, não só “vos sirva” como no versículo anterior.

¹⁷ Escravo, a escravidão era praticada em Israel. Um bom número de escravos era de origem estrangeira: prisioneiros de guerra que se tornavam escravos segundo o costume geral da antiguidade (Dt 21,10) ou escravos comprados aos mercadores que se dedicavam a este serviço (Gn 17,12). Também hebreus se vendiam a si mesmo como escravos (Ex 21,1-11). Sem dúvida a escravidão não alcançou nunca amplitude nem a forma conhecida na antiguidade clássica. Israel levava a marca de sua dupla experiência inicial. Sua maravilhosa história de libertação do povo do Egito. O problema social, é importante observar que na Bíblia a mesma palavra significa servo e escravo. Certo de que a lei aceita a escravidão propriamente dita como um uso estabelecido (Ex 21,21); porém sempre tem que atenuar seu rigor, manifestando assim um autêntico sentido ao homem. O amo quando é proprietário de seu escravo, não tem por ele direito de maltrato (Ex 21,20-26). Quando se tratava de um escravo hebreu a lei se mostra mais restritiva. Salvo consentimento do interessado, proíbe a escravidão por toda a vida: O código de aliança a submissão por um tempo (Ex 21,2); mais tarde em Deuteronômio acompanha essa submissão com atenções fraternas (Dt 15,13); a legislação levítica, por sua parte instituirá uma submissão geral por ocasião do ano do jubileu até mesmo para compensar a falta de aplicação das medidas precedentes (Lv 25,10 e Jr 34,8). Finalmente a lei requer que o escravo hebreu adquira a condição de assalariado (Lv 25,39-55), pois os filhos de Israel resgatados por Deus da escravidão do Egito, não podem ser escravos de um homem. Esse problema da escravidão voltou à tona nas comunidades cristãs do mundo Greco romano. Paulo encontrou particularmente em Corinto. Sua resposta é muito taxativa: O que importa agora já não é tal condição social, sim o chamamento de Deus (1 Cor 7,17), Assim pois o escravo cumprirá seu dever de Cristão servindo a seu amor “como a Cristo” (Ef 6,5-8). O amo Cristão por sua vez, compreenderá que o escravo é seu irmão em Cristo, o tratará fraternalmente e caberá inclusive mantê-lo (Ef 6,9 e Fm 14-21). Na questão religiosa, Israel, libertado por Deus da escravidão, voltava a recair nela e ser infiel (Jz 3,7 e Ne 9,35) (DUFOR, 2001, p. 149).

1.1.5 Conclusão

É o próprio Deus quem escolhe aqueles que receberão honrarias especiais e que entre os discípulos de Jesus a verdadeira grandeza deve se basear no serviço humilde e prestativo.

Entre os homens existe ufania, orgulho e disputa por posições, porém no Reino de Deus, a marca deve ser a disposição para servir ao próximo. O serviço se torna virtuoso diante de Deus quando alcança as necessidades do próximo. Inspirados pelos ensinamentos de Jesus os seus discípulos agirão em função do pobre.

Jesus chama os discípulos a levar em consideração as necessidades do mais fraco. Ensinou e ordenou que eles não considerassem seus próprios interesses. Na narrativa em questão os discípulos estavam agindo de forma contrária aos ensinamentos de Jesus. Estavam buscando para si mesmo altas posições no reino e tinham ciúmes entre si, devido à possibilidade que outros ocupassem posição superior e adquirissem alguma vantagem.

A Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes (cf. Mt 9,35-36). Ele, sendo o Senhor, fez-se servo e obediente até a morte de cruz (cf. Fl 2,8); sendo rico, escolheu ser pobre por nós (cf. 2 Co 8,9), ensinando-nos o caminho de nossa vocação de discípulos e missionários. No Evangelho aprendemos a sublime lição de ser pobres seguindo a Jesus pobre (cf. Lc 6,20; 9,58), e a de anunciar o Evangelho da paz sem bolsa ou alforje, sem colocar nossa confiança no dinheiro nem no poder deste mundo (cf. Lc 10,4 ss). Na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho (CELAM, Aparecida, 2007, p. 8).

Jesus demonstrou que a verdadeira grandeza consiste na atitude do Filho do Homem, que não somente viveu pelos outros, mas também morreu em favor dos outros.

A ideia de serviço está relacionada com a missão de Jesus, cuja tarefa serviu de exemplo para todos que estejam dispostos a seguir seus passos. Para Jesus os

grandes deverão estar dispostos a servirem. Os conceitos do Reino de Deus¹⁸ são diferentes de um sistema de vida egoísta onde o mais forte prevalece sobre o mais fraco, para Jesus os grandes são os menores. Esse é o paradoxo do reino de Deus.

Os que representam ao Senhor através do ministério que exercem em sua igreja são homens, porém estão livres para outros afazeres, para que não possam prestar serviço com todas suas possibilidades: “Não nos proclamamos a nós mesmos, sim a Cristo Jesus, Senhor e a nós mesmos como servidores vossos por amor a Jesus. Porque Deus disse: Dentre as trevas brilhe a luz”, ele é quem fez brilhar a luz em nossos corações, para que resplandeça o conhecimento da glória de Deus em Cristo. Porém este tesouro o levamos em vasos de barro, para que se veja que este extraordinário poder é de Deus e não de nós mesmos” (2 Co 4,5-7). Com estas e outras expressões nos diz o Novo Testamento que os pastores da igreja não são semelhantes aos reis dos povos sim servidores (BUENO, 1969, p. 343).

Jesus encarna o verdadeiro servo de Deus. Jesus deixou o maior exemplo do seu serviço dando a vida para todos aqueles que acreditarem nele. Tudo aquilo que Cristo fez foi visando obedecer a bondosa vontade de Deus.

Nessa vocação de submeter a terra a mensagem de amor e de serviço será sempre a boa nova do evangelho que fecunda a terra. E não podemos forma uma idéia demasiado estreita deste serviço. Todo trabalho honrado sobre esse mundo é outra forma de serviço prestado a humanidade. O espírito de serviço não consiste em por a própria personalidade em primeiro plano, nem retrai-la sim em realizar a própria entrega total com humildade e alegria como fez ao Senhor (BUENO, 1969, p. 429).

Jesus enfatizou o fato de que no seu reino a grandeza é medida através da humildade (Mt 18,1-4). Ensinou que a salvação pertence aos pequenos (Mt 19,14), afirmou que a marca de seus verdadeiros seguidores deve ser a confiança plena no Senhor Deus, precisam negar a si mesmos, devem dar no lugar de receber (Mt 19,21). Apontou para as características dos últimos dias “os primeiros deverão trabalhar como muitos”. Tiago e João, os filhos de Zebedeu, haviam ouvido tudo isso. Receberam os ensinamentos de Cristo sobre humildade e serviço, um ensino constantemente reforçado pelo exemplo de Cristo (Mt 12,15-21 e Lc 22,27). Apesar de tudo isso os discípulos estavam tentando obter determinadas vantagens. A lição

¹⁸ “Entrar no reino de Deus” não é “simplesmente ir para o céu”. Sem dúvida também nos foram prometidas coisas boas para a “situação terrena” (Lc 23,43; Rm 14,7s; 2 Co 5,8; Fp 1,23; Jo 14,3), mas na perspectiva das pessoas do NT isso realmente era apenas “situação terrena”, na qual o olhar não se fixava de fato. O “Reino de Deus” são os poderosos acontecimentos nos quais Deus consuma seu plano universal por intermédio de Jesus. Diante dessa glória os sofrimentos do presente século não pesam nada (Rm 8,18; 2 Co 4,17) (BOOR, 2002, p. 209).

de ser “o menor no Reino de Deus” tem ultrapassado centenas de anos. Negar-se a si mesmo é a disposição de ser o menor. Essa é a maior lição.

1.2 JESUS: EXEMPLO DE “PODER-SERVIÇO” (Jo 13)

A experiência de Jesus no lava-pés é emblemática e norteadora a respeito do poder como serviço. Esse fato tem marcado a história cristã. Os princípios ensinados por Jesus serão analisados tendo por base a tese de que “poder para servir” é fundamental para o cristão. Quando se compreende a benção do serviço, o indivíduo sente-se realizado como servo de Deus e ao mesmo tempo o Reino de Deus é consolidado.

Então Jesus tomou uma toalha e uma bacia, redefinindo, assim a grandeza. Havendo dado o exemplo de servo perante eles, ele os chamou para o caminho do serviço. “Ora, se eu, sendo o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também” (João 13,14.15). De certo modo, preferiríamos ouvir o chamado de Jesus para negar pai e mãe, casas e terra por amor do evangelho, a ouvir sua ordem para lavar pés. A autonegação radical dá uma sensação de aventura. Se abandonarmos tudo, teremos até mesmo a possibilidade de um glorioso martírio. Mas no serviço somos levados para o mundano, para o ordinário, para o trivial (FOSTER, 1983, p. 64)

Jesus é a encarnação do serviço. Através do seu exemplo e de suas ações a favor do seu povo, ele praticou o “bem” de maneira intencional, tinha o desejo de deixar um referencial para as gerações posteriores. A cerimônia de lava-pés serve como sinal para todos os que servem a Jesus possam seguir o exemplo do servo.

Jesus e seus discípulos haviam chegado a Betânia, os pés, cobertos apenas por sandálias. Estavam expostos a poeira. Estavam sujos, ou pelo menos incomodados. Em tais circunstâncias se acostumava lavar os pés. O anfitrião deve prestar o serviço e estar certo de que aconteceria da melhor maneira possível (Gn 18,4 e Lc 7,44), tudo deveria acontecer de tal forma que o serviço fosse executado. Era uma tarefa executada por um servente. Quando João Batista quis expressar sua pequenez, ele disse: não sou digno de desatar-lhe as sandálias e tirá-las (pensando em lavar os pés do mestre) (Jo 1,8 e 1 Sm 25,41) (HENDRIKSEN, 1981, p. 379).

Quando Jesus assume a função de “servo” ele se identifica com sua mensagem. Ele passa a ensinar como deve ser feito e o faz intencionalmente com o

objetivo de deixar um referencial para seus seguidores. Como ele afirma para Pedro: “Se eu não te lavar, você não tem parte comigo!”

Foi assim que Jesus começou a atuar. Com calma se levantou e tirou as vestiduras esta ação descreve Jesus aqui como um escravo oriental, vestido só com um manto. Vem de imediato o texto de Fl 2,7 “assumindo a forma de servo”. Ele havia tirado o manto exterior, como a túnica e de igual modo o cinturão. Então Jesus tomou um pano grande de linho, e se cingiu de forma que as extremidades da toalha pudessem secar os pés dos discípulos depois de haver lavado-os com as mãos. Jesus havia se revestido de humildade (1 Pe 5,5) (HENDRIKSEN, 1981, p. 380).

Lavar os pés fazia parte da hospitalidade de uma casa no oriente, de sorte que também agora tudo estava providenciado. Os discípulos tinham de notar isso. Contudo, entre eles ninguém teve a idéia de prestar esse serviço a seus companheiros ou pelo menos a seu Senhor exercendo um serviço típico de escravo.

Para a lavagem dos pés dos convidados, os escravos¹⁹ costumavam tirar a sua veste mais externa, para em seguida se cingirem com uma toalha em torno da cintura, a fim de tê-la à mão, chegando o momento de enxugar os pés dos convidados, à proporção dos que iam se lavando. Dessa maneira o autor sagrado mostra-nos como o Senhor Jesus tomou o lugar de um simples escravo²⁰. Por

¹⁹ Considere a perspectiva de um escravo. O escravo vê a vida toda da perspectiva da escravidão. Ele não vê a si mesmo como possuindo os mesmos direitos de homens e mulheres livres. Por favor, entenda-me: quando esta escravidão é involuntária, ela é cruel e desumanizante. Quando a escravidão é livremente escolhida, porém, tudo se muda. A servidão voluntária é uma grande alegria. A idéia da escravidão pode ser-nos difícil, mas não constituía problema para o apóstolo Paulo. Frequentemente ele se jactava de sua escravidão a Cristo, fazendo uso pródigo do conceito do primeiro século de “escravo de amor” (isto é, o escravo que, por amor, escolheu livremente permanecer nessa condição (FOSTER, 1983, p. 65).

²⁰ Os escravos eram em grande numero no império romano. Não é possível dar números exatos; mas os homens livres do mundo romano eram, sem duvida, menos de metade da sua população total, relativamente poucos desses se podiam considerar cidadãos com todos os direitos. A guerra, as dívidas e o nascimento mantinham as fileiras da população escrava em rápido crescimento. Nem todos eles eram ignorantes. Muitos eram, de fato, médicos, peritos contabilistas, professores, artistas hábeis de várias espécies. Epiteto, o célebre filosofo estoico, era um deles. Realizavam a maior parte do trabalho nas grandes propriedades agrícolas; exerciam também a função de criados, a de empregados comerciais e copistas. Os efeitos da escravidão eram degradantes. A propriedade de escravos tornava os senhores dependentes do trabalho e da capacidade dos seus servidores, a ponto de perderem toa a sua própria capacidade e ambição. A impostura, a adulação, a fraude e a obediência servil eram os melhores meios de o escravo obter o que queria de seus superiores. Em muitos casos as crianças eram conferidas aos cuidados dos escravos. A escravidão era um problema profundo que vexava a igreja primitiva, o que fica demonstrado pelo grande espaço dado à questão, no N.T. (Ef. 6,5-7; Colo 3,22-25; I Tim. 6,1-2 e Tt 2,9-10). O livro de Filemom foi escrito a fim de moderar o tratamento que um senhor cristão daria a seu escravo fugido, após a volta deste. Ficamos, naturalmente, desapontados diante de certos aspectos do tratamento dado pelo cristianismo primitivo a essa instituição social extremamente má. Ninguém poderia esperar que o cristianismo tentasse

consequente, sendo ele o maior de todos os homens, em estatura moral e espiritual, tomou o lugar de um simples escravo, servo de todos, porque esse era justamente o desígnio de sua missão, ao encarnar-se, segundo vemos na passagem de (Fp 2,7-8).

No Oriente, essa cerimônia, desde os tempos mais remotos, tinha lugar entre os deveres próprios da hospitalidade, e era reputada como sinal de respeito pelo hóspede, como característica de atenção humilde e afetuosa por parte do hospedeiro. O costume teve origem nas circunstâncias das localidades orientais, onde as estradas eram poeirentas, e o clima era excessivamente quente. Também parece haver alguma evidência que a prática do lava-pés, além de ser um costume que visava à hospitalidade e a higiene, também era considerada como uma ajuda na prevenção de certas enfermidades que poderiam infeccionar os pés. O calçado mais comum eram as sandálias. Essas eram deixadas de lado quando alguém entrava em uma casa. À porta das casas eram percebidos os pares de calçados.

O capítulo 13 do evangelho começa uma seção completamente nova e essencial, que vai até o final do cap. 17. “Além do exemplo de humildade e serviço fraternal (1 Tm 5,10), podemos ver neste gesto uma indicação simbólica da humilhação e entrega de Cristo até a morte (Fp 2,6-8)”. Jesus tinha um objetivo específico com essa ação, desejava que seus discípulos aprendessem uma lição

eliminar a escravatura do império romano. Isso seria desastroso, além de ser uma tarefa impossível. Contudo, no seio da própria igreja os crentes poderiam ser proibidos de terem escravos, de terem outros homens como sua propriedade, o que é obviamente contrário à *lei do amor*, propagada pelo cristianismo. Contudo, pode-se dizer que a igreja primitiva modificou essa instituição de vários modos importantes: 1. Insufinou na mesma à lei do amor, o que forçou a modificação do tratamento dado aos escravos. 2. Conferiu aos escravos o senso de valia pessoal, liberando-os em espírito, se não em corpo. 3. Tomou os escravos elementos do mesmo nível, na igreja, paralelamente a seus próprios senhores, embora não os tenha libertado fora da esfera espiritual. Em outras religiões antigas, os escravos não podiam nem ao menos participar do culto. 4. O cristianismo trouxe a lei do amor, que finalmente destruiu a servidão, embora isso tivesse exigido longo tempo. 5. O cristianismo elevou o nível moral dos escravos, devido à sua submissão forçada; em muitos casos isso sucedeu como que a uma classe, porque os escravos tinham-se tornado pouco melhores que os animais irracionais em sua atitude e em seus hábitos morais. 6. O cristianismo elevou imensamente a avaliação do trabalho feito pelos escravos, porquanto tal serviço passou a ser visto como um serviço prestado a Deus. 7. Além disso, o cristianismo prometeu aos escravos um galardão final, a vida eterna, em troca do serviço fiel, 'Sendo, portanto, um galardão igual ao de qualquer outro crente. (Cl 3,24). Até onde estão envolvidas as exortações do cristianismo, o que é recompensada é a obediência, e não a rebeldia. Aos escravos se recomenda que suportem com paciência toda a sua carga, como se uma missão divina lhes tivesse sido dada; porque, em qualquer condição social, os homens podem aprender a servir a Deus, e suas circunstâncias sociais são organizadas por Deus como meios para discipliná-los e ensiná-los (CHAMPLIN, 2002, p. 476).

importantíssima; “O serviço pode ser exercido, tanto pelos maiores quanto pelos pequenos servos de Deus”.

1.2.1 Jesus dá uma lição de humildade (Jo 13,12)

Depois de lhes ter lavado os pés dos discípulos, Jesus tomou as vestes e, voltando à mesa, perguntou a eles se compreendiam o significado daquele ato. Ao que lhes explicou: “Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros” (Jo 13,13-14).

Mais do que qualquer outro meio, a graça da humildade é produzida em nossas vidas pela Disciplina do serviço. A humildade, como todos sabemos, é uma daquelas virtudes que nunca são ganhas por buscá-las. Quanto mais a buscamos, mais distante ela fica. Pensar que a temos é prova segura de que não a possuímos. Portanto, muitos de nós supomos que nada podemos fazer para ganhar esta honrada virtude cristã, e assim nos acomodamos. Mas existe algo que podemos fazer. Não é preciso atravessarmos a vida esperando que algum dia a humildade caia sobre nós. De todas as Disciplinas Espirituais clássicas, o serviço é a mais conducente ao crescimento da humildade. Ocorre uma profunda mudança em nosso espírito quando iniciamos um curso de ação, conscientemente escolhido, que acentua o bem dos outros e em sua maior parte é um trabalho oculto (FOSTER, 1983, p. 69).

Jesus fez questão de destacar seu ato:

Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou. Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes (Jo 13.15-17).

Segue o diálogo:

Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi; é, antes, para que se cumpra a Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar. Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que “EU SOU”. Em verdade, em verdade vos digo: quem recebe aquele que eu enviar, a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou (Jo 13,18-20).

Essa experiência do lava-pés tornou-se símbolo obra de Jesus e sua paixão. No sofrimento da paixão foi aperfeiçoado o amor de Jesus. “ Assim como Jesus é na

cruz de forma perfeita o Cordeiro de Deus que leva embora o pecado do mundo” (POHL, 1998, p. 312)

1.2.2 A questão referente à Ceia

Parece bastante vaga a indicação sobre o lugar e o horário do episódio subsequente “durante uma ceia”, assim como é imprecisa a informação no v. 1 “antes da festa da Páscoa”. Contudo, a continuação do relato em Jo 13,30 e 18,1 nos revela: É a última noite antes do aprisionamento, condenação e crucificação, que Jesus passa com seus discípulos. Nessa noite ele realiza com eles “uma ceia”. Considerando-se o fato de acordo com a contagem israelita, o “dia” começa por volta das 18 horas.

Será que essa “ceia” é a refeição *da* Páscoa? Nada na narrativa de seu transcurso aponta para isso. Se João tivesse imaginado a agora descrita refeição noturna como a própria ceia *da* Páscoa, ele teria de dizer claramente depois da referência cronológica introdutória “antes da festa *da* Páscoa” que agora começou essa festa propriamente dita.

As palavras “... antes da festa da Páscoa...”, não teria relação com o período de vinte e quatro horas antes, mas poderia indicar um momento quase imediatamente anterior. Assim sendo, a própria festa poderia ter sido observada um pouco antes, e então a comunhão teria sido observada rigorosamente dentro do tempo certo. Igualmente, devemos observar que os antigos não guardavam as horas com exatidão minuciosa a que estamos acostumados atualmente com os relógios modernos. Jesus realizou a festa da páscoa de tal modo que esta teve lugar antes do começo do dia quinze do mês de Nisã, ao passo que somente a Ceia caiu dentro do tempo mesmo da festa.

Para João a ordem cronológica do acontecimento possui um significado profundo e interior. Nas horas em que no templo eram sacrificados e sangravam milhares de cordeiros *da* Páscoa, morre fora, diante da cidade, o verdadeiro Cordeiro de Deus na cruz, incógnito das pessoas, mas eficaz com seu sangue para todos os pecados de todos os tempos. Pelo fato de Jesus ser o verdadeiro Cordeiro da Páscoa, é tão importante para João poder atestar a questão da ceia (BOOR, 2002, p. 303).

A ceia é um referencial de serviço e dedicação, Jesus reunido com seus discípulos, sabendo de suas horas finais, tem como objetivo deixar exemplos marcantes, o apóstolo João registra o fato com precisão.

1.2.3 A situação do lava-pés

Na sequencia começa a instrução e preparação dos discípulos com uma ação de Jesus, da qual não obtemos nenhuma notícia no relato dos sinóticos. (É bem verdade que em Lc 22,27 poderia haver uma recordação do lava-pés, que não é narrado. Deve ter ocorrido algo de especial para que ele justamente agora possa afirmar que no meio de seus discípulos ele é como um servo).

Jesus levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha de linho, cingiu-se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido. Com que detalhamento e precisão João está relatando, quando em outras passagens costuma relatar de maneira muito sucinta!

É como se ele visasse destacar com isso a conotação extraordinária e admirável da ação. Cumpre ponderar que em geral lavar os pés era apenas serviço dos “escravos”, sim, dentre um grupo de escravos executava-o somente o mais humilde. E agora o executa aquele “a quem o Pai confiou tudo nas mãos”, “o Senhor da glória” (1 Co 2,8).

Nesse episódio torna-se perceptível o que Paulo quis dizer em Fp 2,6: Ele, que “subsistindo em forma de Deus”, “esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo”. Com o pano de linho se cingiu “do avental de escravo para servir” (Se Jesus consegue cingir-se de um pano de linho e derramar água numa bacia, é possível que a bacia, a água e o pano já estivessem à disposição).

1.2.4 A reação de Pedro (Jo 13,8).

O verdadeiro sentido desse serviço, porém, somente se torna perceptível quando Jesus chega, na sequência dos discípulos, até Pedro. Ao que parece, os demais discípulos toleraram tacitamente o agir de Jesus neles. Pedro, no entanto, como já em várias outras vezes, também agora se precipita com sua palavra. “Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, e este lhe disse: Senhor, tu me lavas os pés?” A simples formulação “tu me lavas os pés?” não afirma que Jesus já o esteja fazendo. Essa declaração tão somente visa explicitar a circunstância insuportável que está acontecendo. Pedro sente tão profundamente a impossibilidade da situação que não consegue ficar calado, tem de se rebelar.

Quando Jesus começou a lavar os pés dos que ele amava, Pedro recusou. Nunca ele permitiria que seu Mestre se humilhasse a executar um serviço tão servil em seu favor. Parece uma declaração de humildade; realmente, era um ato de orgulho velado. O serviço de Jesus era uma afronta ao conceito de autoridade de Pedro. Se Pedro fosse o senhor, ele nunca lhes teria lavado os pés! É um ato de submissão e serviço permitir que os outros nos sirvam. Esse ato reconhece que eles têm “autoridade do reino” sobre nós. Graciosamente recebemos o serviço prestado, jamais sentindo que devemos retribuí-lo. Os indivíduos que, por orgulho, se recusam a ser servidos, falham em submeter-se à liderança divinamente indicada no reino de Deus (FOSTER, 1983, p. 68).

Algumas considerações sobre a atitude de Pedro: 1) Pedro assim teria agido movido, por uma atitude voluntariosa, o que é apresentado no versículo 8 desse capítulo, em que se verifica que essa disposição estava fundamentada, pelo menos em parte, na sua ignorância espiritual, isto é, Pedro não sabia quais eram os motivos de Jesus, porque ele estava agindo assim, além do fato de que o apóstolo sempre se mostrou radical em seu senso social, não querendo abandonar suas próprias ideias; 2) Pedro também recusou a lavagem de seus pés da parte de Cristo, por motivo de reverência ao Senhor Jesus, “Ele, “Pedro”, falou como alguém surpreendido e espantado ante o fato de que Cristo, sendo o Filho do Deus vivo, quisesse lavar os pés de um homem pecador como ele era; que aquelas mãos, que haviam operado notáveis milagres, como a ressurreição dos mortos e abertura dos olhos dos cegos... viessem a ser usadas para lavar seus pés sujos; assim na opinião de Pedro, isso estava muito abaixo da dignidade e do caráter do Senhor Jesus, e que uma criatura sem valor como ele era, não podia receber tão grande benefício”.

Nesse espírito de serviço o cristão é convidado a trabalhar nesse mundo. Cada um tem a sua tarefa, o escritor, a dona de casa, o industrial, o membro de um sindicato, o médico, etc. Todo aquele que vive dedicado a seu trabalho compenetrado com a sabedoria positiva de sua própria profissão, aporta numa realidade e a oferece aos homens de Deus. Nesse sentido se pode falar de um sacerdócio de cada profissão. Não só a importância do trabalho que se execute com intenção centralizada em Deus. Porém cada vez mais percebemos que o trabalho dos homens abre novas possibilidades ao amor. Com isso chega sua influência até a eternidade. Assim sendo nosso trabalho no mundo, cria uma atmosfera de amor e pode desenvolver-se e está cooperando com a realização das promessas que Deus tem feito para sempre. Segue-se em tudo isso que não importa executar o trabalho com boa intenção, deve fazê-lo como se deve de acordo com as leis internas e os valores de cada profissão. Nessa vocação de submeter à terra a mensagem de amor e de serviço será sempre a boa nova do evangelho que fecunda a terra. E não podemos formar uma idéia demasiado estreita deste serviço. Todo trabalho honrado sobre esse mundo e outra forma de serviço prestado a humanidade. O espírito de serviço não consiste em por a própria personalidade em primeiro plano, nem retrai-la, sim em realizar a própria entrega total com humildade e alegria como fez ao Senhor (BUENO, 1969, p. 429).

De outra forma a reação de Pedro é uma “rebelião” contra aquele que ele chama de “Senhor”. Nela está contido aquele orgulho oculto do ser humano que não consegue suportar que por sua causa o “Santo de Deus” tenha de ser humilhado tão radicalmente e exercer um “serviço” desses. Até hoje esse orgulho é a razão mais profunda da resistência contra a mensagem da cruz.

Pedro havia recusado enfaticamente o que Jesus começara a fazer. Esse ato de humilhação no ponto de vista de Pedro era muito constrangedor. Não entendia o que o Senhor estava pretendendo. Pedro não sabia o que dizer reage de maneira contrária de forma intuitiva. Jesus diz a Pedro: O que faço agora você não compreende, mas vai entender depois. Depois de ter lavado os pés de todos Jesus dá umas palavras de explicação. “depois de minha morte, ressurreição, ascensão, depois do derramamento do Espírito Santo, então tudo ficará claro o significado não só do lava-pés, mas sim de toda a obra de humilhação” (HENDRIKSEN, 1981, p. 382).

É preciso que a pessoa se aperceba de toda a gravidade do pecado e de sua total perdição, até que ela admita com calorosa gratidão que o santo Filho de Deus seja humilhado tanto em favor dela. Aqui se situa também o último e decisivo ponto de divergência da teologia moderna. Evita-se esse escândalo da cruz, essa vulneração fatal de nosso orgulho quando se é capaz de declarar: “Crer na cruz significa assumir a cruz de Cristo como a própria, significa deixar-se crucificar com Cristo”.

1.2.5 A reação de Jesus (Jo 13,8)

“Respondeu-lhe Jesus: O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois disso.” Estamos acostumados a relacionar essa resposta de Jesus, sobretudo o contraste de “agora” e “depois”. No texto grego, porém, é salientado um contraste bem diferente pela menção expressa do “eu” e do “tu”. O que faz Jesus, o Filho de Deus, isso uma pessoa como Pedro obviamente não consegue compreender, pelo menos ainda não, naquela situação.

Por essa razão, para que Pedro possa “compreender”, ainda precisam acontecer muitas coisas. O “depois disso” aponta para essa direção, ainda mais que no grego “isso” está no plural: “depois desses acontecimentos”.

Depois de seu tropeço e sua negação, depois de seu choro amargo, após várias situações posteriores a morte de Cristo, Pedro “compreenderá” o que Jesus “faz agora”. No diálogo de Jesus com Pedro em Jo 21,15-17 o “depois disso” é caracterizado de forma singularmente marcante.

Sim, agora Pedro começa a aquilatar que somente o mais baixo serviço de “escravo” do Filho de Deus traz a Salvação para um discípulo que o nega, bem como a salvação do mundo. Portanto, com o “compreenderás depois” Jesus de modo algum se referiu à explicação subsequente sobre o conteúdo de seu agir.

Com esse elemento exemplar foi tocado apenas um lado, o traço formal, do servir. Pois o conteúdo do servir de Jesus é único.

Jesus agiu de forma intencional, pretendia deixar para os discípulos uma imagem clara. A lição estava no fato de que os grandes deveriam estar dispostos para o serviço. Ele deu o exemplo, encarnou a figura do servo e agiu com carinho e dedicação lavando os pés daqueles que o seguiam. Na cabeça dos judeus, quem deveriam executar essa tarefa deveriam ser os discípulos.

1.2.6 A continuação do diálogo de Jesus com os discípulos (Jo 13,12)

A continuação do diálogo de Jesus com seu discípulo demonstra que é esse o sentido da palavra. Pedro não quer ceder na perspectiva de uma compreensão posterior, mas insiste teimosamente em sua oposição.

“Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés!” Agora Jesus se torna profundamente sério: “Respondeu-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo.” Assim como ele é por natureza, nem mesmo um discípulo e apóstolo vocacionado pode “ter parte” com o “Santo de Deus”. Então Jesus também jamais o fará participante de sua obra nem poderá dizer-lhe: apascenta as minhas ovelhas (Jo 21,17). É a verdade singela e fundamental de todo o evangelho que está sendo expressa nessa afirmação.

O ser humano culpado, não santo está separado de Deus e não tem comunhão com o Pai Eterno. A figura e a prática da “oblação” era comum entre os judeus. “Pois aqueles animais cujo sangue é trazido para dentro do Santo dos Santos, pelo sumo sacerdote, como oblação²¹ pelo pecado, têm o corpo queimado fora do acampamento” (Hb 13,11).

Pedro conhecia e praticava as muitas “oblações” que eram usadas em Israel (Jo 2,6). Agora ele precisa compreender que existe apenas uma única oblação, que cumpre todas essas antecipações (Hb 10,1-10; 9,11-15) e realmente tira a falta de santidade, o pecado e a culpa. Ela acontece na humilhação²² do Filho de Deus pela morte vicária no lugar do pecador. O sangue de Jesus é o único que nos “purifica”.

²¹ O sangue do animal sacrificado, que tinha de morrer no grande dia da reconciliação para expiar todos os pecados de Israel, era levado ao Santíssimo (Hb 9,11-12). O corpo do animal era queimado fora do acampamento (Lv 16,27). Portanto, também estes detalhes não foram fixados arbitrariamente mas correspondem à vontade e ao plano de salvação de Deus, recebendo seu esclarecimento final e sua interpretação somente a partir do NT.

²² Jesus morreu a morte de um criminoso diante das portas de Jerusalém, sendo por isto excluído da comunhão da casa de Israel (Dt 21,23; Gl 3,13). Ele andou espontaneamente (Fp 2,6-8) pelo caminho da ofensa e vergonha extremas. Esta disposição interior é que o Senhor também demanda do seu povo. “Ser cristão significa a ruptura interior com um sistema que não crê em Cristo e seu sacrifício expiatório e deixar-se determinar por ele em sua vida e seu agir. Esta é uma realidade que traz consigo vergonha, sofrimento e tribulação (FRITZ, 2008, p. 17).

O “lava-pés” somente pode e visa apontar para Ele. (“Nele são concedidos, os sinais visíveis, e os sinais invisíveis da graça de Deus. Porém, falta qualquer instrução de Jesus para que essa ação seja repetida na igreja”). Contudo, a cerimônia, aponta com tanto realismo para ele que, ao rejeitar o lava-pés, Pedro se privaria de sua parte com seu Senhor e, por consequência, de sua vida.

1.2.7 Pedro compreende o que Jesus estava ensinando (Jo 13,9)

Pedro começa a entender. Mas ele tenta corrigir mais uma vez seu Senhor. Se o lava-pés tem um sentido tão sério, será que pode limitar-se a apenas uma oblação dos pés? “Simão Pedro lhe diz: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.” Acaso ele tem razão?

Não é na nossa cabeça que onde estão os pensamentos pecaminosos, e não são as mãos as verdadeiras executoras da maldade? “Declarou-lhe Jesus: Quem já se banhou não necessita de lavar (senão os pés); quanto ao mais, está todo limpo.” Essa resposta de Jesus não é de fácil compreensão. Mesmo deixando fora as palavras entre parênteses “senão os pés” a situação pouco mudaria.

Afinal, Jesus está lavando justamente os pés dos discípulos, estando para lavar, logo em seguida, também os de Pedro. Por que o “lava-pés” como tal é suficiente? Para a purificação do pecador diante de Deus, deve-se supor que a palavra de Jesus constitui uma continuação para além do que foi dito antes. Através do sacrifício na cruz e por meio do sangue de Jesus surgirão aqueles “lavados” que “estão limpos de tudo”.

Porém, o “lavado”, em seu caminho, sempre de novo suja os pés. Carece de purificação permanente. Quem vier a Jesus, tornar-se-á “todo limpo”, como nos mostra, por ex., At 2,38; 3,19; 22,16. Apesar disso, em seus caminhos, também nos caminhos do ministério para Jesus, ele precisará de perdão sempre renovado. A quinta prece da oração do discípulo nunca se torna obsoleta.

Diversas lições são sugeridas a respeito da compreensão de Pedro:

1) Aqui é apresentada a obediência e as instruções que vem de Jesus, mesmo quando não compreendemos plenamente o significado delas. A ignorância sobre o significado de uma ordem de Cristo, não serve de licença para fazermos o que for de nossa escolha.

2) Parece que eventualmente irá se compreender claramente essas questões; e isso é um consolo para a mente inquiridora, interessada em saber as razões por detrás de todas as questões.

3) Talvez as lições aprendidas pelo cristão, neste mundo, serão ainda mais aprofundadas na futura existência celeste. Por exemplo, no caso do texto, significaria que conheceremos com maior intensidade o amor de Deus, bem como o ato de Cristo, em sua humilhação e encarnação.

1.2.8 Os ensinamentos de Jesus sobre o lava-pés (Jo 13,16)

A ação do lava-pés foi concluída. Não deve continuar sendo uma ação silenciosa e incompreendida. No entanto, como Pedro, e os demais discípulos obviamente compreenderão somente depois da sexta-feira da paixão e da páscoa.

Institui-se aqui uma nova ordenança, o lava-pés. Não, Jesus não manda que seus discípulos façam o que ele fez, Ele tem dado um exemplo a fim de que eles por decisão própria, possam fazer como ele tem feito. Jesus agrega a idéia de exemplo (2 Pd 2,6). Jesus tem demonstrado sua humildade na presença deles. Porém aqui não se pretende a instituição de nenhum sacramento, isso não elimina o fato de que em certas condições alguém queira demonstrar sua hospitalidade possa fazer o mesmo. Jesus não tinha em mente um ritual externo, mas sim uma atitude interna de humildade e vontade de servir (HENDRIKSEN, 1981, p. 386).

Porém, o ponto central de sua ação, os discípulos podem e devem “compreender” imediatamente, levando-o para sua vida, como uma característica básica de todo serviço cristão. Os discursos de despedida começaram, primeiramente com a instrução e preparação dos apóstolos. “Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, reclinando-se novamente à mesa, perguntou-lhes:

Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós sois devedores de lavar os pés uns dos outros.”

Jesus “havia se reclinado novamente à mesa”. Nessa refeição Jesus não estava “sentado”, mas “deitado à mesa” com os seus. Assim a ceia, embora tenha sido apenas “uma janta”, ainda assim tinha conotação festiva. No v. 13, o “vós” é ressaltado com ênfase. Seus discípulos o tratam de “Mestre” e “Senhor”. Israel como um todo não o faz. Por isso parecia tão impossível para Pedro que esse “Mestre e Senhor” fizesse o serviço de um escravo. Mas, visto que ele, o Mestre e Senhor, apesar disso o faz, os discípulos não se podem negar a servir uns aos outros.

O Senhor Jesus realizou essa cerimônia da lavagem dos pés de seus discípulos com o intuito de ensinar-lhes algumas importantes lições²³. Primeiro, queria mostrar-lhes que eles já haviam recebido a purificação da alma e que a santificação diária é assunto sério. Segundo, desejava que soubessem que a humildade é muito importante, e que nenhum irmão na fé deve exaltar-se à custa de outro irmão. Terceiro, por semelhante modo, queria que compreendessem que a autoexaltação é um pecado, que pode ter efeitos destruidores sobre a alma. E o Senhor Jesus ilustrou todos esses princípios indo de discípulo para discípulo, lavando os pés de um por um; e então tendo terminado o lava-pés, perguntou se haviam compreendido o significado do que acabara de fazer. Textos bíblicos que reforçam esses ensinamentos: 1 Pe 2,21 e Fl 2,3-8; Jo 13,13 e Lc 22,22; Jo 13,16 e Mt 10,24; Jo 13,20 e Mt 10,40. A atitude de Jesus em Jo 13,17 se relaciona com Mt 7,24-27.

Jesus pretende que seu exemplo seja seguido. Quando ele assume a forma de servo, está deixando um referencial e ao mesmo tempo uma orientação, seus seguidores devem fazer o mesmo, deixar a posição de “senhores” e assumir a posição de “servo”. Humilhar-se, rebaixar-se assumir a postura daquele que não

²³ Apesar de todas as explicações, sinceros crentes ao longo da história da igreja, o lava-pés foi uma prática comum nos tempos de Agostinho o que recomendou a Bernardo de Clairvaux. Continuaram com a prática vários papas de Roma e imperadores da Áustria, Rússia e reis da Espanha, Portugal e Baviera. Durante um tempo foi praticado pela igreja da Inglaterra e os morávios, e tem continuado até hoje por certos grupos minoritários. Lutero e seus seguidores o condenaram totalmente como “abominável corrupção” (TSCHACKERT, 1950, p. 339).

“comanda”, daquele que não “decide nada”, daquele que não tem autonomia, sempre disposto a seguir e obedecer ao Mestre.

Na sua essência, o serviço cristão começa a partir da humildade, como “servos” assumimos a postura do servir, deve-se encarnar (colocar em prática na própria vida) os ensinamentos de Jesus, ensinados na cerimônia do lava-pés. 2 Co 9,12. Porque o serviço desta assistência não só supre a necessidade dos santos, mas também redundará em muitas graças a Deus.

Terão necessidade desse serviço sem cessar, mesmo que, como salvos e renascidos, devem ser “limpos de todo”. O lava-pés é indispensável para o convívio dos discípulos entre si. Não existe uma igreja “pura” e ideal. Na convivência, mesmo como “cristãos”, às vezes ferimos uns aos outros, prejudicamos uns aos outros, perturbamos ou tolhemos a comunhão, evidenciamos a pequenez da nossa fé, a fraqueza do nosso amor, a debilidade da nossa esperança.

Não está colocado à nossa deliberação se optamos ou não ajudar uns aos outros. “Vós sois devedores” diz Jesus. O serviço dos discípulos possui a característica de um serviço em si, que seu Mestre e seu Senhor lhes presta. É claro que não podem redimir um ao outro.

Não é pelo serviço que se expia a culpa, a expiação só pode acontecer através do poderoso sangue de Jesus, derramado por todos aqueles que nele creem. Isso somente o próprio Jesus pode fazer. Assim como o serviço de Jesus era singular, assim o é também o serviço dos discípulos uns pelos outros. A partir do ato redentor de Jesus, ele é a ajuda perdoadora e purificadora para corrigir, libertar e endireitar. (Gl 6,1-2).

1.2.9 Jesus nos orienta a fazer o mesmo (Jo 13,15)

“Porque eu vos dei um exemplo, para que vós façais como eu vos fiz.” Representa uma distorção do evangelho se virmos em Jesus apenas um “exemplo”, ao qual queremos imitar com nossas próprias forças. Em consonância, ele próprio

está se apresentando a seus discípulos como “exemplo” precisamente em sua função apostólica. Acrescenta-se que no grego a palavra “como” (*kathos*) não possui apenas um sentido comparativo, mas também uma conotação de justificativa. Devem “fazer como Jesus fez”; porém somente podem fazê-lo porque Jesus agiu primeiro dessa forma com eles.

Tem-se a necessidade deste “exemplo” porque todo o “eu” se opõe a essa disposição o “lava-pés”, tanto a recebê-lo como a prestar esse serviço a outros. Não se tem facilidade com o lava-pés, a tendência é fazer o serviço em pé, onde todos possam ver, não se tem a disposição para fazer o serviço ajoelhados e muito menos numa posição de escravo.

Para muitos os “dons” são exercidos a fim de mostrar o potencial inerente de cada um, é o quanto se pode fazer, com bastante disposição. Contudo, o que não faz parte da natureza humana é ajoelhar-nos e lavar os pés sujos do seu irmão, talvez sem receber nenhuma gratidão por isso.

Por isso Jesus o destacou em sua palavra: “Eu, o Mestre e Senhor, que como tal estou acima de vocês, cingi o avental de escravo do serviço”. E por isso ele repete aos seus com ênfase: “Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou”²⁴. Os discípulos conheciam essa realidade e Jesus leva em conta a compreensão cultural e social de cada um deles.

²⁴ “O enviado é igual ao que o enviou”. Com isso se assegurava a autoridade de toda a pessoa com uma incumbência. Porém, “maior” que o que envia, o enviado não pode ser. Se os discípulos de Jesus se considerassem bons demais para prestar esse serviço uns aos outros, então eles estariam querendo ser “maiores” que seu Senhor, colocando-se acima daquele que os enviou. Isso constitui uma atitude impossível, que Jesus rejeita com a máxima seriedade (BOOR, 2008, p. 320).

1.2.10 O serviço na prática (Jo 13,17)

É fácil reconhecer e “saber” isso na teoria. Mas na prática eclesial às vezes é difícil “fazê-lo” de fato²⁵. Jesus não olha para seus discípulos com pena, por onerá-los de algo tão difícil e contrário à natureza. Pelo contrário, anuncia-lhes uma nova “bem-aventurança”. Ele afirma com alegria: “Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes.” Precisamente quem ousa “fazê-lo” olhando para Jesus, experimenta como é “bem-aventurada” uma posição dessas frente aos outros, um serviço desses ao próximo.

Serviço não é um rol de coisas que fazemos, embora nele descubramos coisas a fazer. Não é um código de ética, mas um modo de vida. Executar atos específicos de serviço não é o mesmo que viver na Disciplina do serviço. Assim como no jogo de basquete há mais do que o livro de regras, o serviço significa mais do que atos específicos de servir. Uma coisa é atuar como servo; outra coisa muito diferente é ser servo. Como em todas as Disciplinas, é possível dominar a mecânica do serviço sem experimentar a Disciplina. Ainda, não é suficiente acentuar a natureza interior do serviço. Para que o serviço seja serviço é preciso que ele tome forma e conformação no mundo em que vivemos. Portanto, devemos buscar perceber qual a semelhança do serviço no mercado de nossa vida diária (FOSTER, 1983, p. 68).

1. Jesus queria ensinar que o fundamental, na vida de um discípulo é o amor, e esse amor se evidencia através do serviço cristão. Cristo é a maior expressão e prova do amor de Deus pela humanidade (Jo 3,16). O Espírito Santo derrama o amor no coração dos salvos (Rm 5,5).

"O Espírito do Senhor me consagrou com a unção e me enviou a anunciar aos pobres a Boa Nova" (Lc 4, 18)- são a raiz viva de onde germina a consagração e a missão da Igreja, "plenitude" de Cristo (Ef 1, 23): com a regeneração se infunde sobre todos os crentes o Espírito do Senhor, que os consagra em ordem a formarem um templo espiritual e um sacerdócio santo e os envia a dar a conhecer os prodígios d'Aquele que os chamou das trevas à sua luz admirável (1 Ped 2,4-10). O presbítero participa na missão e consagração de Cristo de modo específico e de plena autoridade, ou seja, mediante o sacramento da Ordem, em virtude do qual é configurado, no seu ser, a Jesus Cristo Cabeça e Pastor, e partilha a missão de "anunciar aos pobres a Boa Nova" em nome e na pessoa do próprio Cristo (JOÃO PAULO II, 13).

²⁵ Quando o servo é enviado ou divinamente comissionado para desempenhar uma tarefa elevada. Se a humildade e a atitude própria do Senhor Jesus, da mesma forma generosa deve o servidor e enviado exercitar-se na graça e crescer nela segundo os ensinamentos do seu mestre (Mt 10,24; Lc 6,40).

O amor é a mais elevada qualidade cristã (1 Co 13,13), devendo nortear todas as relações da vida com o próximo e com Deus (Mt 22,37-39). Esse amor envolve consagração a Deus (Jo 14,15) e confiança total nele (1 Jo 4,17), incluindo compaixão pelos inimigos (Mt 5,43-48; 1 Jo 4,20) e o sacrifício em favor dos necessitados (Ef 5,2; 1 Jo 3,16).

O chamado que Jesus, o Mestre faz, implica numa grande novidade. Na antiguidade, os mestres convidavam seus discípulos a se vincular com algo transcendente e os mestres da Lei propunham a adesão à Lei de Moisés. Jesus convida a nos encontrar com Ele e a que nos vinculemos estreitamente a Ele porque é a fonte da vida (cf. Jo 15,1-5) e só Ele tem palavra de vida eterna (cf. Jo 6,68). Na convivência cotidiana com Jesus e na confrontação com os seguidores de outros mestres, os discípulos logo descobrem duas coisas originais no relacionamento com Jesus. Por um lado, não foram eles que escolheram seu mestre foi Cristo quem os escolheu. E por outro lado, eles não foram convocados *para algo* (purificar-se, aprender a Lei...), mas *para Alguém*, escolhidos para se vincular intimamente a sua pessoa (cf. Mc 1.,7; 2,14). Jesus os escolheu para “que estivessem com Ele e para enviá-los a pregar” (Mc 3,14), para que o seguissem com a finalidade de “ser d’Ele” e fazer parte “dos seus” e participar de sua missão. O discípulo experimenta que a vinculação íntima com Jesus no grupo dos seus é participação da Vida saída das entranhas do Pai, é se formar para assumir seu estilo de vida e suas motivações (cf. Lc 6,40b), viver seu destino e assumir sua missão de fazer novas todas as coisas (CELAM, Aparecida, 2007).

2. Jesus assume a posição do mais humilde²⁶, do servo que exerce a tarefa mais rudimentar. Sua intenção é demonstrar que no seu projeto quem quer ser o maior, deve ser o menor (Mat 23,11). Esse sentimento leva a pessoa a reconhecer suas próprias limitações, modéstia, ausência de orgulho (Pv 18,12; Fp 2,3; Is 54,4; At 8,33).

3. Jesus realizou uma ação para chamar atenção, de forma proposital, ele encarna uma posição totalmente oposta à sua, ele como anfitrião, não poderia assumir a forma de servo, fazendo isso forma proposital para deixar uma marca para os discípulos. (Jo 13,12.13.14).

²⁶ “Um coração de misericórdia, bondade, humildade, mansidão, paciência” – isso não é nada mais que o próprio Cristo, do qual me revesti e que por isso posso tornar a vestir. Qualquer dicionário mais rigoroso da linguagem do NT evidencia que essas “virtudes” também são mencionadas em diversos outros pensadores e escritores. Contudo, de onde as pessoas conhecem essas virtudes? Por que as consideram belas? De onde sabem que “na verdade” deveríamos ser assim? É certo que não a partir da natureza! Porque em conceitos como “bondade, humildade, mansidão, paciência” espelha-se a liberdade de qualquer autoafirmação no serviço em prol dos outros, ou seja, o exato contrário de todo direcionamento “natural” da vida. Aqui se evidencia mais uma vez a profunda verdade da mensagem bíblica da criação do ser humano à imagem de Deus em Cristo (WERNER, 2006, p. 355).

4. Para ter parte com Jesus, deve-se agir igual a Jesus, repetir suas ações que foram deixadas como exemplo. (Jo 13,15, Hb 4,11, Hb 8,5, Hb 9,23 Tg 5,10, 2 Pd 2.6).

5. O lava-pés não pode ser considerado um sacramento, mas é para ser lembrado por todos os tempos. Sua marca, seu exemplo e sua história devem permanecer para sempre entre os discípulos de Jesus. No diálogo de Jesus com Pedro em Jo 21,15-17 o “depois disso” é caracterizado de forma singularmente marcante.²⁷

6. Ao se reclinar, assumindo uma atitude de humildade, Jesus ensina que para influenciar, precisa ser humilde, deve-se aprender a deixar fora todo orgulho e vaidade pessoal. A ação do lava-pés foi concluída. Não deve continuar sendo uma ação silenciosa e incompreendida. Jesus argumenta: Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. “Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós sois devedores de lavar os pés uns dos outros.” (Jo 13,13).

7. Os dons são dados por Deus, não devem ser usados para a projeção pessoal, mas devem ser usados para servir ao próximo. O ser humano carece de exemplos porque todo o “eu” se opõe a esse serviço do “lava-pés”, tanto a recebê-lo como a prestar essa prática para outros.

Lutero disse: “No entanto, ninguém deve ter a pretensão de fazer essas coisas com suas próprias forças. Devemos pedir a Deus, com humildade, que ele crie e preserve em nós tal fé e compreensão de seus santos ensinamentos. Então agiremos com temor e humildade e não atribuiremos tal obra a nós próprios,mas deixaremos a honra para Deus”. (LUTERO,2000,p.19)

²⁷ Com esse elemento exemplar foi tocado apenas um lado, o traço formal, do servir. Pois o conteúdo do servir de Jesus é único. É o derramamento do sangue que purifica de todo o pecado (BOOR, 2002).

2 O ENSINO DE JESUS SOBRE O “PODER-SERVIÇO” PASTORAL

Nesse capítulo estudar-se-á a figura do pastor apresentado principalmente no contexto do Novo Testamento, buscando um apoio bíblico em algumas análises textuais do Velho Testamento. O texto principal em questão tem com endereço principal o livro de João, capítulo 10. As imagens e figuras relacionadas aos pastores são muitas e emblemáticas no contexto bíblico. Ao estudarmos essas questões poderemos tirar conclusões bíblicas e princípios para nortear o poder como serviço.

2.1 O BOM PASTOR A SERVIÇO DO POVO DE DEUS (Jo 10,1-21)

O pastor como servo²⁸ é o protagonista do conceito do poder-serviço. É através do pastor que o serviço acontece, ele é o inspirador e orientador para o que o conceito “poder-serviço” aconteça na igreja e na vida dos servos de Deus.

O discípulo, à medida que conhece e ama a seu Senhor, experimenta a necessidade de compartilhar com outros a sua alegria de ser enviado, de ir ao mundo para anunciar Jesus Cristo, morto e ressuscitado, a fazer realidade o amor e o serviço na pessoa dos mais necessitados, em uma palavra, a construir o Reino de Deus. A missão é inseparável do discipulado, o qual não deve ser entendido como uma etapa posterior à formação, ainda que ela seja realizada de diversas maneiras de acordo com a própria vocação e ao momento da maturidade humana e cristã em que se encontre a pessoa (CELAM, Aparecida, 2007).

Tendo essa compreensão percebe-se que o poder-serviço deve acontecer num ambiente pastoral. Para se ter um melhor entendimento a esse respeito far-se-á uma análise do texto bíblico a respeito do bom pastor, relato presente em João 10,1-21.

Os ensinamentos de Jesus a respeito desse assunto são amplos. Através de seu ministério apresentou várias lições importantes para a prática do poder serviço,

²⁸ Jesus descreve a si mesmo como o bom pastor comparado aos maus pastores. O bom pastor dá a vida por suas ovelhas. Os fariseus de outra forma não se preocupam com as ovelhas e as expulsam.

o que o apóstolo João retratou com detalhes a partir do texto a ser estudado. Abordar-se-á o trabalho pastoral e as ações pertinentes.

O pastor dá a sua vida. Os pastores estão chamados a comunicar a consciência messiânica de Jesus, isto é, a pregar as boas novas aos pobres. Estão chamados com servos de Yahveh, que entregou sua vida. O pastor dá a vida de Cristo, para eles tem sido o mandato de viver a semelhança de Cristo, é uma missão que implica autoridade, os pastores são portadores da mensagem de Cristo, seu ofício será vivificante pois por ele sobrevive a obra da Igreja (BUENO,1969, p. 346).

Desde a experiência dos patriarcas de Israel, que foram nômades criadores de ovelhas, a metáfora do pastor que conduz seu rebanho exprime de forma admirável duas características singulares, e aparentemente contrárias, da experiência dos pastores contemporâneos. O pastor é ao mesmo tempo um chefe e um companheiro. Léon-Dufour (1985, p. 724) expõe essa dualidade de forma clara e concisa:

O pastor é um homem forte, capaz de defender seu rebanho contra as feras (Is 17,34-37; cf. Mt 10,16; At 20,29); é também delicado com suas ovelhas, conhecendo seu estado (Pv 27,23), adaptando-se a sua situação (Gn 33,13s), levando-as em seus braços (Is 40,11), acariciando esta ou aquela “como sua filha” (2S 12,3). Sua autoridade é indiscutida, e é baseada no devotamento e no amor (DUFOR, 1985, p. 724).

A figura do pastor como chefe ou governante é usada frequentemente no Antigo Testamento. Ela se aplica a Javé (Is 40,10), o qual é visto como o pastor de Israel que pastoreia a seu povo desde o seu trono real (Sl 80,1, 95,6). A figura também se aplica aos líderes nacionais de Israel, sendo Davi²⁹ a figura de um rei que se sobressai (2 Sm 5,2; Sl 78,70). Também são mencionados Josué (Nm 27,16), os juízes (1 Cr 17,6) e a nobreza em geral (Jr 2,8; 25,34-36). Este último grupo é condenado por Ezequiel por causa da sua negligência para com as responsabilidades pastorais (Ez 34,2-10).

²⁹ Davi é encarregado como Moisés de ser o Pastor de Israel (2 Sm 5,2), herda as promessas feitas aos patriarcas, em primeiro lugar de possuir a terra de Canaã. E o guerreiro que toma por possessão e pela luta conta os filisteus, inaugurada nos tempos de Saul e prosseguida durante seu reinado (2 Sm 5,17) A conquista definitiva é coroada pela tomada de Jerusalém (2 Sm 5,6-10), que se chamará “cidade de Davi”. Converte-se na capital de todo o Israel, em torno do qual se efetua a unidade das tribos. A arca é introduzida por Davi e o fato de Jerusalém ser uma nova cidade santa (2 Sm 6,1-19). Davi também desempenha as funções sacerdotais (2 Sm 6,17). Assim Davi e todo Israel se formam um só povo em torno de Deus (DUFOR, 2001, p. 123).

Os profetas então começam a falar do pastor ideal vindouro, que não desampará suas ovelhas. Esse é identificado por Miquéias com a figura do Messias (5,2-4) e também por Ezequiel (34,22-24; 37,24 ss).

A imagem do pastor é uma metáfora firmemente estabelecida, é uma linguagem figurada do antigo oriente para designar aos governantes, assim como “apascentar” equivale frequentemente a “governar”. O que conduz para o local de bons pastos, o pastor que multiplica a gordura e o leite das ovelhas nos apriscos. O ofício pastoril do rei abraça toda a atividade governativa, a expectativa pelo bem estar econômico e político dos pais. No Antigo Testamento se designa o próprio Yahveh como o “pastor de Israel”, ou se aplicam diversas imagens do mundo dos pastores ao pastoreio. Sl 80,2-4. Segundo W. Eichrodt a imagem pastoril designa “a bondade de Yahveh como cumprimento da aliança que estabeleceu uma vez com Israel”; Correspondente a Israel como rebanho de Yahveh: “Pois nós somos o teu povo, o rebanho dos teus pastos” (Sl 79,13) (BLANK, 1984, p. 243).

Não se deve, porém, dar demasiada importância ao aspecto do governo em detrimento do aspecto do protetor e companheiro na figura do pastor. “Assim como um pastor que apascenta seu rebanho pega em seus braços os cordeiros, e os põe sobre seu peito, e leva ao descanso as ovelhas mães” (Is 40,11), assim também o Senhor continua a “conduzir” seu povo (Sl 80,2) em segurança.³⁰

Jesus é o bom pastor. Os sinópticos oferecem numerosos traços que anunciam a alegoria Joanina. Jesus se considera como o enviado as ovelhas perdidas de Israel (Mt 15,24;10,6). O pequeno rebanho que os discípulos têm reunido figura a comunidade escatológica que está prometido o reino dos santos (Dn 7,27); será perseguido pelos lobos de fora (Mt 10,16; Rm 8,36) e pelos de dentro, disfarçados de ovelhas (Mt 7,15). O pastor que será ferido reunirá na Galiléia as nações (Mt 26,31). Finalmente no entardecer dos tempos o Senhor separará o rebanho das boas e más ovelhas (Mt 25,31). Os escritores do Novo Testamento apresentam dentro desta mentalidade “o grande pastor das ovelhas” (Hb 13,20), maior do que Moisés, o chefe dos pastores (1 Pe 5,4), o pastor é o guardião que reconduz as almas extraviadas curando as suas feridas (1 Pe 2,24). Cristo é o cordeiro que resulta ser o pastor que conduz a fonte da vida (Ap 7,17) e que fere aos pagãos com um cetro de ferro (DUFOUR, 2001, p. 490).

O Salmo 23 é o exemplo das qualidades de Javé como bom pastor: ele é aquele que faz a provisão das necessidades do rebanho, que orienta, guia e protege em meio aos caminhos e dificuldades da vida. Daniel-Rops (1998, p. 151) destaca

³⁰ As tarefas do pastor no oriente próximo eram:- ficar atentos aos inimigos que tentavam atacar o rebanho,- defender o rebanho dos agressores,- curar a ovelha ferida e doente - achar e salvar a ovelha perdida ou presa em armadilha,- amar o rebanho, compartilhando sua vida e desta forma ganhando a sua confiança (STRONG, 2005, H8679).

também o fato de que a vida do pastor não era fácil. Pelo contrário, era uma profissão que dependia de muita disciplina e abnegada dedicação.

O cuidado desses rebanhos imensos exigia o máximo de atenção, embora as ovelhas no geral tivessem uma das pernas presa à cauda, a fim de evitar que se afastassem (...) sempre havia algumas que se afastavam tanto a ponto dos cães não poderem levá-las de volta, e então o pastor tinha de fazer ele mesmo esse serviço. Hienas, chacais, lobos e até ursos surgiam com frequência, não sendo incomum a luta entre o pastor e uma fera selvagem (...). Fica evidente que este trabalho não era nenhuma sinecura. O pastor precisava cuidar também das ovelhas doentes e das que se feriam, tratar daquelas que se achavam prenhes e dos cordeirinhos recém-nascidos, castrar os carneiros que não deviam procriar e dar o dízimo do rebanho segundo a Lei (DANIEL-ROPS, 1998, p. 151).

O trabalho pastoral era árduo, muito serviço, pouca estrutura para a realização das tarefas e as situações climáticas eram árduas, o deslocamento era difícil, o trabalho diário era muito desgastante. Trazendo essa figura para o contexto do Novo Testamento, temos muito a aprender com essa metáfora.

2.1.1 Os pastores no Novo Testamento

Nos tempos do Novo Testamento, entretanto, a reputação dos pastores tinha sido bastante alterada. Em nome de uma Lei, que mal podiam cumprir, eles eram comparados a ladrões e assassinos. Os pastores não eram vistos com grande confiança; havendo até mesmo um ditado popular que incluía o seu trabalho entre as profissões que o judeu não devia ensinar a seu filho.

Na época de Cristo se julgava de várias formas aos pastores. Os assemelhavam a ladrões e matadores, e ao mesmo tempo se guardava na memória a profecia do pastor que viria. Jesus cumpre com essa profecia; parece incluir intencionalmente os pastores entre os “pequenos” que como os publicanos e prostitutas, recebem de boa forma as “boas novas do evangelho”. E nesse sentido se pode interpretar a acolhida que os pastores de Belém reservaram para Jesus, nascido em um estábulo. (Lc 2,8-20). Jesus, fiel a tradição bíblica, aponta para a misericórdia de Deus com seu traço pastoral que vai em busca da ovelha perdida (Lc 15,4-7). Sem dúvida na sua pessoa e que se realiza a espera do bom pastor, ele também delega a certos homens um função pastoral na igreja (DUFOR, 2001, p. 489).

Todavia, seguindo a tradição profética e trazendo de volta à memória do povo a profecia sobre o Pastor futuro, Jesus se apresenta como o “Bom Pastor”. Esta

figura é detalhada de maneira maravilhosa no capítulo 10 do evangelho de João. Como pastor, ele guia as ovelhas, as salva e alimenta (v. 9) e lhes dá a vida eterna (v. 10, 28) através de um sacrifício voluntário e vicário de si mesmo (v. 11,15,18).

A imagem neotestamentária do pastor está marcada pela tradição do Antigo Testamento (Mq 6,34 e Mt 9,36) que afirma a respeito de Jesus: “Ao desembarcar e ver Jesus a tantas pessoas sentiu compaixão por eles, pois andavam como ovelhas sem pastor, e passou a ensiná-los...” A parábola do pastor que busca a ovelha perdida até que a encontra (Lv 15,4-7; Mt 18,12-14), relacionado com Is 53,6 o texto de 1 Pd 2,25 apresenta a Jesus como pastor. “Estáveis extraviados como ovelhas, porém agora voltaram ao pastor e bispo de vossas almas”. De modo similar aparece a comunidade cristã como “rebanho de Deus” (1 Pd 5,2) (BLANK, 1984, p. 243).

Também no Novo Testamento a figura se aplica aos líderes da igreja. Os presbíteros de Éfeso pastoreavam a igreja (At 20,28; Ef 4,11). Os presbíteros das igrejas da Ásia Menor também são orientados a pastorear o rebanho de Deus com humildade e dedicação. Cabe a esses homens de Deus seguirem as orientações de seus líderes, visando o bem estar das igrejas.

Pois lemos que Paulo e Barnabé estabeleceram presbíteros nas igrejas individuais da cidade de Listra, de Antioquia, de Icônio [At 14,21-23]; e Paulo mesmo ordena a Tito que constitua presbíteros de cidade em cidade [Tt 1,5]. Assim, em um lugar [Fp 1,1] menciona os bispos dos Filipenses e em outro cita [Cl 4,17] Arquipo, bispo dos Colossenses. E Lucas se refere ao excelente discurso dirigido aos presbíteros da igreja efésia [At 20,17-35]. Portanto, quem quer que haja assumido o governo e cuidado de uma igreja saiba que foi atado a esta lei da divina vocação; não que, como se “atado à gleba”, como dizem os juristas, isto é, o sujeito é como que um preso, sem poder daí arredar, quando assim o requeira o benefício público, desde que isso se faça retamente e em ordem. Mas, aquele que foi chamado para esse lugar *ele* mesmo não deve cogitar de mudança, nem segundo aja julgado ser vantajoso a si mesmo, buscar *daí* liberação. Então, se a alguém pareça conveniente ser transferido para outro *lugar*, contudo não deve tentar isto por decisão pessoal, mas aguardar a aprovação pública (CALVINO, 2008, p. 68).

Contudo, nem sempre as igrejas do Novo Testamento tiveram pastores assim dedicados (At 20,29; Jd 12). Não obstante, o importante é que a parábola do pastor aplicada aos líderes da igreja implica em que eles devem seguir o exemplo de Cristo. Devem buscar a ovelha perdida (Mt 18,12 ss), vigiar contra os lobos vorazes que não poupam o rebanho, apascentar a igreja de Deus desinteressadamente e com entusiasmo de coração e, sobretudo, esforçar-se por se tornar modelos do rebanho.

2.1.2 O Bom Pastor cuida das suas ovelhas (Jo 10)

O capítulo 10 é o mais conhecido e predileto de todo o livro de João, começa com uma frase forte: “Em verdade, em verdade vos digo: o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador.” De imediato percebemos que as figuras da vida pastoril estão relacionadas com o cotidiano da vida na igreja. O capítulo 10 dá prosseguimento ao envio de Jesus e sua singular autoridade e magnitude. E esse testemunho de Jesus constitui também aqui necessariamente um simultâneo ataque aos líderes que o povo teve até então.

Para compreender o trecho todo precisamos ter em mente a imagem da produção pecuária daquela época. Não existia um sistema de estábulos e pastagens como nós o conhecemos. As ovelhas de diversos proprietários (conforme o v. 12 são eles os verdadeiros “pastores”) eram mantidas a céu aberto em “pátios”, ou seja, em locais murados (apriscos) ³¹. Do pátio dava-se acesso a um portão, que era vigiado por um “porteiro”, sobretudo à noite. Do pátio os animais eram conduzidos para fora pelo proprietário e “pastor” ou também por um “empregado”, um servo remunerado, para procurar seu alimento nas terras da região.

O importante era que o pastor encontrasse para suas ovelhas boas pastagens e, sobretudo a imprescindível água (Sl 23). Na área montanhosa as ovelhas, que são indefesas, estão expostas aos ataques de animais selvagens, do leão montês, do urso e do lobo. O pastor deveria estar disposto a lutar por suas ovelhas empenhando a sua própria vida. Davi descreve de forma muito bonita, em 1 Samuel 14,34-37, essa vida de pastor, tem aspectos completamente diferentes do que nós conhecemos a partir de gravuras tranquilas e pacatas de pastores apresentadas por diversos pintores.

³¹ Entre os gregos do tempo de Homero, um espaço sem cobertura ao redor da casa, cercado por um muro, no qual estavam os abrigos para os animais. Daí, entre os orientais, aquele espaço aberto, sem telhado, cercado por um muro, em campo aberto, no qual ovelhas eram arrebanhadas durante a noite, um aprisco. o pátio descoberto da casa. No A.T. o termo refere-se particularmente aos pátios do tabernáculo e do templo em Jerusalém. As moradias das classes mais altas geralmente tinham dois pátios, um exterior, entre a porta e a rua; o outro interior, rodeado pela área construída da própria casa. Este último é mencionado em Mt 26,69 (STRONG, 2005, H8679).

Com base na situação daquela época torna-se compreensível a ilustração trazida por Jesus. Quem não entra até as ovelhas junto ao porteiro que abre o portão, mas salta até o pátio num lugar qualquer por sobre o muro, é uma pessoa de más intenções. Sua intenção é furtar e roubar. “Quem entra pela porta” não é pessoa não autorizada, “esse é um pastor das ovelhas”. “Para esse o porteiro abre.” Afinal, conhece-o como proprietário de ovelhas no pátio interno.

O “pastor” chegou ao pátio interno. Contudo, encontram-se ali ovelhas de diversos proprietários. Como o pastor descobrirá agora as suas ovelhas? Isso se dá por um modo surpreendente, que a princípio soa improvável, mas que hoje pode ser presenciado de forma idêntica: “E as ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora.” O proprietário conhece seus animais no meio dos demais e conhece e ama a cada uma delas. Inversamente, essas ovelhas conhecem seu pastor e o seguem. Após o chamado cada ovelha segue seu pastor; existe uma identificação natural entre o pastor e o rebanho, nada precisa ser imposto, existe boa vontade e disposição para seguir.

Entre pastor e ovelhas existe uma relação íntima, podendo-se afirmar que um conhece o outro. Essa relação ilustra como deve ser a convivência entre pastores e ovelhas, ultrapassando os limites figurativos do texto. O pastor precisa conhecer e conviver com suas ovelhas, ajudar no que for preciso, participar do cotidiano das pessoas que estão debaixo de sua responsabilidade. A Bíblia ilustra de forma clara a má relação pastoral. O texto veterotestamentário (Ezequiel 34) sobre os maus pastores precisa ser analisado para melhor se compreender a forma errada dessa relação.

2.1.3 Os maus pastores não cuidam de suas ovelhas (Ez 34)

“Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas de meu rebanho. Disse Javé” (Jr 23); “Filho do homem profetiza contra os pastores de Israel; profetiza e diz aos pastores: Assim diz Javé o Senhor. ‘Ai dos pastores de Israel que apascentam a si mesmos! Os pastores não estão apascentando os rebanhos’ ” (Ez 34,2); Ai do pastor inútil que abandona o seu rebanho” (Zc 11,17).

O texto começa respondendo aos pastores de Israel em uma passagem que não se refere só aos reis e seus funcionários em geral, mas sim aponta a todos os setores dirigentes da sociedade, incluindo os sacerdotes (Ez 34,1-10). Todos são “pastores que se apascentam a si mesmos” e que não cumprem com seus deveres para com as ovelhas. “Não fortaleceis as fracas, nem curais as enfermas, não olhais as que estão feridas, não trazeis de volta as desgarradas, não buskais as perdidas, as dominais com dureza e crueldade” (Ez 34,4). As consequências era que as ovelhas, ao não ter nenhum pastor, se dispersavam. E o profeta traz aqui um modelo de pastor. Primeiro começa a apresentar o próprio Yahveh como o bom pastor de Israel (Ez 34,11-16). E trata da reunificação salvífica das ovelhas que estão dispersas... (BLANK, 1984, p. 335).

As ovelhas abandonadas por seus pastores se tornam presas de animais selvagens, leões, ursos e lobos. As ovelhas dispersas da casa de Israel transitam por pastagens diferentes e acabam se tornando desorientadas, sem guia e sem direção. “As minhas ovelhas andam desgarradas por todos os montes e por todo elevado outeiro; as minhas ovelhas andam espalhadas por toda a terra, sem haver quem as procure ou quem as busque” (Ezequiel 34,6).

Seguindo a análise de forma figurativa, segue-se um diálogo em que Davi respondeu a Saul: “Teu servo era um pastor de ovelhas de seu pai, quando vinha um leão ou um urso querendo pegar alguns cordeiros, eu vinha por trás e os livrava das garras do animal, eu os feria e os matava. Fosse um leão, urso ou qualquer outro animal, teu servo o matava” (1 Sm 17,34-36). “Eu vi a todo Israel pelos montes, como ovelhas que não tem pastor” (1 Rs 22,17). “Porque o meu povo vaga como ovelhas que não tem pastor” (Zc 10,2). “Fere o pastor e serão dispersas as ovelhas” (Zc 13,7).

Os maus pastores procedem dessa forma:

Assim diz o Senhor Deus: “Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas? Comeis a gordura, vestis-vos da lã e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas. A fraca não fortaleceis, a doente não curastes, a quebrada não ligastes, a desgarrada não tornastes a trazer e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza. Assim, se espalharam, por não haver pastor, e se tornaram pasto para todas as feras do campo” (Ez 34,2-5).

As ovelhas sofrem as consequências: Assim se espalharam, por não haver pastor. Os líderes não foram pastores, mas tiranos. Não protegeram o rebanho, mas

o exploraram. Eles praticaram atos violentos e acabaram espalhando as ovelhas, deixando-as desprotegidas e sem pastores. Perdidas no campo elas se tornam alimento para as feras que vigiavam aqueles lugares, sempre famintas, matando, e prontas para devorar a próxima vítima.

Os falsos pastores serviam a si mesmos, rejeitando a responsabilidade de serem “servos do povo”. Deixaram as ovelhas a vaguear e, por esta razão, sofreriam um julgamento da parte de Deus. O tema do verdadeiro pastor se apresenta em Jr 10,21; 23,1-4; 25,34-38 e 50,6. Mq 5,5; 1 Rs 22,17; Zc 11,4-17.

O falso pastor considera o rebanho somente como uma forma de obter vantagens pessoais. Ele não está preocupado com as responsabilidades e implicações do cuidado e a proteção do seu rebanho, mas seu objetivo é lucrar o máximo possível. “A fraca não fortaleceste, a doente não curastes, a quebradas não ligastes, a desgarrada não tornastes a trazes e a perdida não buscastes”. Não tinham coração nem consciência, agiam com vigor, machucando os fracos e espiritualmente debilitados. Os pastores infiéis serão removidos de seus ofícios. Perderão a nobre missão. “Estou contra os pastores e deles demandarei as minhas ovelhas, porei fim ao seu pastoreio. Eles serão levados para a Babilônia como escravos, para serem vítimas de abuso de “outros líderes”. A Babilônia como um lobo os devorará assim como eles devoraram o rebanho de Javé” (Ez 34,10).

O criador não abandona sua criação, mas intervém exercendo a justiça. Essa ilustração bíblica reflete o mau cuidado, apresenta uma relação exploratória, pastores que denigrem as funções pastorais e acabam transformando as ovelhas em objetos de exploração religiosa. O uso dessas figuras deve servir de base para uma melhor formulação do conceito do “bom pastor” apresentado no livro de João capítulo 10.

2.1.4 As ovelhas identificam a voz de seu pastor (Jo 10)

Agora, depois de conduzidas para fora do aprisco, acontece o serviço pastoril. “Depois de fazer sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o

seguem, porque lhe reconhecem a voz.” Constitui-se uma realidade peculiar o fato de um animal conhecer justamente “a voz” de seu proprietário. E esse “conhecer” não é apenas uma constatação de fatos: “esse é meu Senhor”, mas é ao mesmo tempo uma confiança de uma entrega esperançosa e obediente ao bom pastor. Devido ao fato do cuidado ser bem feito, foi vencido o medo e a desconfiança natural do animal que imediatamente afloram diante de um “estranho”. “Mas de modo nenhum seguirão o estranho; antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.”

Durante a noite o porteiro tem estado com as ovelhas. Pela manhã as ovelhas ouvem a voz do pastor que chegou para levá-las para o pasto. As ovelhas reconhecem de imediato à voz de seu pastor. Não só ouvem a voz do pastor, como obedecem e seguem suas orientações. Era comum aos pastores chamarem as ovelhas pelo nome, existem casos de pastores que conheciam suas ovelhas uma por uma. Trazendo uma aplicação: Jesus reúne seu rebanho e conhece suas ovelhas que por outro lado devem reconhecer sua voz e devem estar dispostas a obedecê-lo (Jo 10,3; 1,11-13; Mq 2,12) (HENDRIKSEN, 198, p. 291).

Jesus apresenta essa figura de linguagem - “o bom pastor” - como um referencial a ser seguido. Ele fez isso várias vezes nos evangelhos sinópticos. Ao usar essas figuras Jesus pretende deixar um modelo a ser seguido. Cabe aos leitores reconhecerem o próprio Jesus se apresenta a partir dessas figuras. Essa “compreensão” dos protótipos apresentados não depende da capacidade intelectual do leitor, mas do olhar interior para a própria situação da pessoa que está retratada de forma elucidativa. Por essa razão, os discípulos de Jesus também podiam ficar perplexos diante de uma “apresentação ilustrativa” dessas (Mc 4,1-10; 10,13-16).

As relações mais importantes com o discurso joanico do pastor são: A promessa de um único pastor na casa de Davi, o que inclui a idéia de um só rebanho; a reunificação do rebanho que estava disperso, a vida de Israel, na situação da dispersão consiste no fato de que “sabiam que eu, Yaveh, seu Deus, estou com eles...” (Ez 34,30), finalmente o caráter da promessa que está incluída em toda parte do discurso. Nos capítulos 89-90 de Enoque etíope, tem um papel decisivo a figura do pastor e sua luta entre lobos e ovelhas. Ele diz: Depois dos lobos oprimirem as ovelhas com toda violência. Então chegaram as ovelhas a seu senhor e começaram a dar golpes nos lobos. Começaram os lobos a lamentar-se, enquanto as ovelhas se tranquilizavam e cessavam seus lamentos... E o Senhor das ovelhas saiu com elas como seu guia, e suas ovelhas o seguiam; porém seus rostos era resplandecente e soberano, com um aspecto que dava espanto... (BLANK, 1984, p. 243).

Conseqüentemente, não nos admiramos de que os dirigentes do povo, aos quais Jesus está falando, não sabem o que fazer com essa figura da vida pastoril. Afinal, são cegos para Deus, cegos para Jesus, cegos para consigo mesmos. Jesus lhes propôs esta apresentação através de figuras de linguagem, mas eles não compreenderam o sentido daquilo que lhes falava.

Jesus, o Bom Pastor, quer nos comunicar a sua vida e se colocar a serviço da vida. Vemos como ele se aproxima do cego no caminho (cf. Mc 10,46-52), quando dignifica a samaritana (cf. Jo 4,7-26), quando cura os enfermos (cf. Mt 11,2-6), quando alimenta o povo faminto (cf. Mc 6,30-44), quando liberta os endemoninhados (cf. Mc 5,1-20). Em seu Reino de vida Jesus inclui a todos: come e bebe com os pecadores (cf. Mc 2,16), sem se importar que o tratem como comilão e bêbado (cf. Mt 11,19); toca leprosos (cf. Lc 5,13), deixa que uma prostituta unja seus pés (cf. Lc 7,36-50) e, de noite, recebe Nicodemos para convidá-lo a nascer de novo (cf. Jo 3,1-15). Igualmente, convida a seus discípulos à reconciliação (cf. Mt 5,24), ao amor pelos inimigos (cf. Mt 5,44) e a optarem pelos mais pobres (cf. Lc 14,15-24) (CELAM, Aparecida, 2007).

Os ensinamentos a respeito do bom pastor contrastam com as práticas pastorais contemporâneas, os pastores atuais combinam mais com os pastores de Ezequiel 34 do que com o Bom Pastor apresentado por Jesus no capítulo 10 do livro de João, para que os pastores de nosso tempo sigam os ensinamentos de Jesus devem se pautar nos princípios apresentados no capítulo 10 de João.

2.1.5 Conclusão e aplicação a respeito da figura proposta por Jesus

Certamente a vida pastoril era bem conhecida pelos israelitas. O Salmo 23 deve ter sido tão predileto naquela época tanto quanto atualmente, sendo ademais entendido de forma mais genuína e direta. A promessa de Isaías 40,11 tinha de soar nos ouvidos de todo conhecedor da Escritura: “Como pastor, apascentará o seu rebanho” Isaías (Is 1,3). A aflição de Israel era retratada na figura das “ovelhas sem pastor” (1 Rs 22,17; Is 13,14; 53,6; Zc 10,2). Por essa razão, porém, Deus também havia caracterizado em tom ameaçador o fracasso dos círculos dirigentes em Israel na figura dos pastores infiéis, imprestáveis e maus (Jr 2,8; 10,21; Ez 34,1-10; Zc 11,4-6).

Em vista desse terrível fracasso, que deixa Israel sucumbir miseravelmente, Deus havia prometido cuidar pessoalmente de seu rebanho, ser ele próprio o Pastor e dar-lhe pastores dignos (Jr 3,15; Ez 34,11-16; Ez 34,23; Mq 5,3), como no passado Moisés (Sl 77,21; Is 63,11) e Davi (Sl 78,70-72; Ez 37,24) haviam sido os bons pastores de Deus para Israel. O pastor que conhece suas ovelhas tem mais facilidade para identificar suas necessidades. Não existe pastor genuíno e inspirado por Deus que não conviva com suas ovelhas.

Em Ez 34,23 se diz: “Porei a frente delas um só pastor que as apascente: meu servo Davi. Ele as apascentará e será seu pastor. Eu, Yahveh, serei seu Deus, e meu servo Davi será príncipe no meio delas. Comparado com Ezequiel temos Jr 23,5 e 30,9. Um dos testemunhos mais antigos sobre a origem da esperança messiânica na forma de restabelecimento do reino Davídico. A figura de Davi é um símbolo da fidelidade de Deus para o seu povo. Em Ez 34,25-31 chega a descrição do futuro (BLANK,1984, p. 309).

As ovelhas identificam a voz do seu pastor, as ovelhas precisam ser guiadas por seus pastores. Os pastores³² protegem as ovelhas e estão dispostos a dar a vida por elas. Assim deve acontecer desta forma o poder-serviço.

2.2 JESUS ENSINA UM MODELO PARA O SERVIÇO (Mc 6,7-13)

No envio dos apóstolos para as cidades vizinhas Jesus tinha um propósito de ensinar o serviço na prática. O envio de dois a dois foi proposital: o Mestre tinha em mente o contato dos discípulos com a realidade das pessoas ao seu redor, na viagem eles seguiram um roteiro estabelecido, deveriam seguir alguns métodos e

³² Para desempenhar tão elevadas funções, os Apóstolos foram enriquecidos por Cristo com uma efusão especial do Espírito Santo que sobre eles desceu (At. 1,8; 2,4; Jo. 20, 22-23), e eles mesmos transmitiram este dom do Espírito aos seus colaboradores pela imposição das mãos (1 Tm. 4,14; 2 Tm. 1, 6-7), o qual foi transmitido até aos nossos dias através da consagração episcopal. Ensina o Concílio Vaticano II, que, pela consagração episcopal, se confere a plenitude do sacramento da Ordem, aquela que é chamada sumo sacerdócio e suma do sagrado ministério na tradição litúrgica e nos santos Padres. A consagração episcopal, juntamente com o poder de santificar, confere também os poderes de ensinar e governar, os quais, no entanto, por sua própria natureza, só podem ser exercidos em comunhão hierárquica com a cabeça e os membros do colégio episcopal. De fato, consta pela tradição, manifestada sobretudo nos ritos litúrgicos da Igreja tanto ocidental como oriental, que a graça do Espírito Santo é conferida pela imposição das mãos e pelas palavras da consagração, e o caráter sagrado é impresso de tal modo que os Bispos representam de forma eminente e conspícua o próprio Cristo, mestre, pastor e pontífice, e atuam em vez d'Ele. Pertence aos Bispos assumir novos eleitos no corpo episcopal por meio do sacramento da Ordem (Lumen Gentium, cap. III).

pregarem o evangelho. A pregação cotidiana trouxe para os enviados uma experiência fundamental, para poderem dar continuidade ao ministério iniciado por Jesus. Os discípulos experimentaram o poder-serviço na prática, experimentaram o poder de Deus em suas mais abrangentes manifestações.

2.2.1 A missão dos doze apóstolos (Mc 6,7-13)

No desenvolver de seu ministério Jesus tinha em mente o treinamento e a capacitação de seus discípulos para o serviço. Com esse objetivo ele os envia de dois a dois com uma série de orientações que serão vistas a seguir. A partir dessa análise podem ser tirados princípios a serem praticados por aqueles que se propõem a servir.

Para que o serviço aconteça é preciso dar passos na direção da necessidade. Nessa caminhada encontrar-se com o próximo que às vezes está oprimido, com fome, com sede, perdido em suas crises. Jesus orienta, com princípios e estratégias, como devemos agir. Os ensinamentos de Jesus para os discípulos nessa situação ultrapassam os tempos e servem como base até hoje sobre como partir ou agir para atender as necessidades das pessoas carentes.

A obra da salvação só seria realizada por Jesus Cristo, e ele o fez sozinho. Mas o *testemunho* dessa salvação só poderia ser dado por seu povo, pelos que creram nele e foram salvos. O Rei precisava de embaixadores para levar a mensagem - e *continua* precisando deles. "A quem enviarei, e quem há de ir por nós?" (Is 6,8). Não basta *orar* por trabalhadores (Mt 9,36-38). Devemos também nos colocar à disposição para servir ao Senhor (WIERSBE, 2006, p. 49).

Cabe destacar: no serviço não podemos esquecer a mensagem missionária. "O Reino de Deus tem chegado até vós!" As boas novas da salvação são palavras transformadoras e libertadoras. *O compromisso missionário para a comunidade se transforma em ação e sai ao encontro dos afastados, interessa-se por sua situação, a fim de reencantá-los com a Igreja e convidá-los a novamente se envolverem com ela* (CELAM, Aparecida, 2007).

O documento de (CELAM, Puebla,1977) faz uma sintética apresentação do ministério de Jesus. "Jesus de Nazaré nasceu e viveu pobre no meio do seu povo de Israel compadeceu-se das multidões e fez o bem a todos. Este povo, acobardado pelo pecado e pela dor, esperava a libertação que ele lhes prometeu."

No meio dele Jesus anuncia: "completou-se o tempo; chegou o Reino de Deus. Converti-vos e crede no Evangelho" (Mc 1,15). Ungido pelo Espírito Santo para anunciar o Evangelho aos povos, para proclamar a liberdade dos cativos, a recuperação da vista dos cegos e a libertação dos oprimidos. Jesus nos entrega e confia, com as Bem-aventuranças e o Sermão da Montanha, a grande proclamação da Nova Lei do Reino de Deus.

Às palavras Jesus juntaram os fatos: As ações prodigiosas e atitudes surpreendentes que demonstram que o Reino anunciado já se tornou presente, que ele é o Sinal eficiente da nova presença do Pai na história, é o portador do poder transformante de Deus, que sua presença desmascara o maligno, é que o amor de Deus redime e demonstre o alvorecer de um homem novo num mundo novo. Entretanto as forças do mal rejeitam este serviço de amor: é a incredulidade do povo e de seus parentes, são as autoridades políticas e religiosas de seu tempo e a incompreensão de seus próprios discípulos. Acentuam-se então em Jesus os traços dolorosos do "Servo de Javé", de que se fala no livro do profeta Isaías (Is 53).

Com amor e obediência total ao Pai, a expressão humana de seu eterno caráter de Filho, empreende seu caminho de doação abnegada, repelindo a tentação do poder político e todo recurso à violência. Ajunta em torno de si uns poucos homens tirados de diversas categorias sociais e políticas de seu tempo. Embora confusos e às vezes infiéis, move-os o amor e o poder que dele irradiam: são constituídos fundamento de sua Igreja, atraídos pelo Pai e iniciam o caminho do seguimento de Jesus.

Este caminho não é autoafirmação arrogante do saber ou do poder do ser humano, nem o ódio ou a violência, mas a doação desinteressada e sacrificial do amor. Amor que privilegia os pequenos, os fracos, os pobres. Amor que congrega e

integra a todos em uma fraternidade que é capaz de abrir a rota de uma nova história.

Devemos levar em conta que o Reino de Deus passa por realizações históricas e transformadoras sendo necessário que as pessoas sejam impactadas pela grandeza do Evangelho, e as ações transformadoras decorrentes de sua fé gerarão novas possibilidades e esperança.

As pessoas que ouviam e viam Jesus, sentiram-se atraídos pela sabedoria de suas palavras, pela bondade de seu trato e pelo poder de seus milagres. E pelo assombro inusitado que a pessoa de Jesus despertava, acolheram o dom da fé e vieram a ser seus discípulos. Ao sair das trevas e das sombras de morte (cf. Lc 1,79) a vida deles adquiriu uma plenitude extraordinária: a de haver sido enriquecida com o dom do Pai. Viveram a história de seu povo e de seu tempo e passaram pelos caminhos do Império Romano, sem esquecer o encontro mais importante e decisivo de sua vida que os havia preenchido de luz, de força e de esperança: o encontro com Jesus, sua rocha, sua paz, sua vida (CELAM, Aparecida, 2007).

O ministério de Jesus foi concebido de maneira inclusivista, levando em conta que ele contasse com homens e mulheres discipulados, para que pudessem compartilhar a sua fé com outras pessoas. O documento de Aparecida faz uma análise sobre o discípulo e diz: “O discípulo, à medida que conhece e ama a seu Senhor, experimenta a necessidade de compartilhar com outros a sua alegria de ser enviado, de ir ao mundo para anunciar Jesus Cristo, morto e ressuscitado, a fazer na realidade o amor e o serviço para a pessoa dos mais necessitados, em uma palavra, a construir o Reino de Deus”.

Se procurarmos mais uma vez obter uma visão do conjunto que envolve o ser discípulo e o seguir a Jesus, concluiremos que sua característica primordial é o incluir os discípulos em sua atividade, fazê-lo participar do anúncio do domínio de Deus. Devemos observar, no entanto, que aqui os discípulos estão na inteira dependência de Jesus, que eles não atuam em seu próprio nome, mas sim em comunhão com ele. Sem ele o anúncio da “Basiléia” perde sua força. Nesta “escola” não se chegou a nenhum ensino sistemático nem a criar nenhuma tradição bem elaborada, mas também não devemos imaginar os discípulos como se eles percorressem as aldeias e cidades impelidas por uma ardente expectativa, por uma pressa incansável. O tempo, de certo, era urgente, mas também era suficiente (GNILKA, 2000, p. 162).

A missão é inseparável do discipulado, o qual não pode ser compreendido como uma etapa posterior à formação, ainda que seja realizada de diversas formas, de acordo com a própria vocação e ao momento da maturidade humana e cristã em

que se encontre a pessoa.

Jesus, no início de seu ministério, escolhe os doze para viver em comunhão com Ele (cf. Mc 3,14). Para favorecer a comunhão e avaliar a missão, Jesus lhes pede: “Venham só a um lugar desabitado, para descansar um pouco” (Mc 6,31-32). Em outras oportunidades Jesus se encontrará com eles para lhes explicar o mistério do Reino (cf. Mc 4,11.33-34). Jesus age da mesma maneira com o grupo dos setenta e dos discípulos (cf. Lc 10,17-20). Ao que parece, o encontro a sós indica que Jesus quer lhes falar ao coração (cf. Os 2,14). Também hoje o encontro dos discípulos com Jesus na intimidade é indispensável para alimentar a vida comunitária e a atividade missionária (CELAM, Aparecida, 1997, p.154).

2.2.2 Jesus os envia de dois a dois

Jesus nomeou os doze depois de um período de ensinamentos pelas aldeias da Galiléia. Esse giro e período de ensinamentos combinam com os textos de (Mc 6,7-13; Lc 9,1-6; Mt 9,35 – 10,4). Esse chamamento ocorreu de forma estratégica por ocasião dos sermões do monte³³. (Lc 6,12.13.17.20). O mestre enviou esses homens para a obra missionária. Foram enviados para uma experiência de serviço.

Chamou Jesus os doze, num gesto soberano, como em 3.14. A mensagem deles flui do domínio dele e, naturalmente, está a serviço do reinado de Deus. [...] o envio em duplas também é indício de ministério da palavra: de dois a dois. Dificilmente este detalhe deve ser entendido com base em Ec 4,9-12, ou seja, tendo em vista a vantagem pessoal mútua. Em primeiro lugar está o significado jurídico de duas testemunhas em interrogatórios. Naquela época, uma testemunha valia tanto quanto nenhuma: “Uma só testemunha não se levantará contra alguém; [...] pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato” (Dt 19,15; Mc 14,59). Passagens como Mt 18,19; Jo 8,17; Hb 6,18; 1 Jo 5,7, porém, mostram que esta regra não valia só em processos criminais. Em termos gerais ela servia para determinar a veracidade de fatos a que não mais se tinha acesso direto. Também nestes casos o testemunho se tornaria legal e eficaz com a presença de duas pessoas. Dois mensageiros juntos conferem qualidade à sua mensagem (POHL, 1998, p. 200).

Analisando a expressão: “Começou a enviá-los”, cuja tarefa era pregar o evangelho, esses homens deveriam eram apóstolos, embaixadores oficiais de Cristo, homens revestidos de autoridade para representar aquele que os enviara. O

³³ O primeiro dos seis sermões de Jesus registrados em Mateus (5—7). Contém as Bem-Aventuranças (5,3-12) e o Pai-nosso (6.9-13). Alguns trechos são repetidos em Lc (v. os subtítulos em Mt na NTLH). Nesse sermão Jesus ensina como os cidadãos do REINO devem viver, sendo luz e sal neste mundo, motivados não pela pressão da lei, mas pelo amor ao próximo (5,43-48) (ZIMER, 2005, p. 232).

fato de serem doze homens, nem mais nem menos, os que receberam essa tarefa, essa configuração tinha uma relação com o povo de Israel, que também era representado por doze patriarcas³⁴ (Ap 21,12.14).

Era preciso possuir determinadas qualificações para ser um apóstolo de Jesus Cristo. O apóstolo deveria ter visto o Cristo ressurreto (1 Co 9,1) e ter tido comunhão com ele (At 1,21.22). Também deveria ter sido escolhido pelo Senhor (Ef 4,11). Os apóstolos lançaram os alicerces da Igreja (Ef 2,20) Enquanto todos os cristãos são enviados para representar o Rei (Jo 17,18; 20,21), nenhum cristão nos dias de hoje pode se considerar, de fato, um apóstolo, pois nenhum de nós viu o Cristo ressurreto (1 Pd 1,8). Os apóstolos receberam poderes especiais e a autoridade de Cristo para realizar milagres. Tais milagres faziam parte de suas "credenciais" (At 2,43; 5,12; 2 Co 12,12; Hb 2,1-4). Curaram enfermos (é importante observar que isso incluía *todo* tipo de doença), purificaram leprosos, expulsaram demônios e até mesmo ressuscitaram mortos. Esses quatro ministérios são paralelos aos milagres realizados por Jesus em Mateus 8 e 9. Sem dúvida alguma, os apóstolos representaram o Rei e ampliaram sua obra (WIERSBE, 2006, p. 45).

Só Marcos relata que os discípulos foram enviados de "dois em dois"³⁵. Essa prática é confirmada de várias formas: Mt 18,16; Jo 8,17; 2 Co 13,1; 1 Tm 5,19; Hb 10,28. Tempos depois se observa que Pedro e João dão os seus testemunhos unidos (At 3,1; 4,1.13.19) e depois Paulo e Silas juntos são "enviados pelos irmãos para uma viagem missionária, o serviço sendo executado pela dupla". Barnabé e Saulo são enviados juntos em sua viagem missionária (At 13,1-3) e não se pode esquecer Barnabé e Marcos (Mc 15,39). Foi uma prática estratégica ensinada por Jesus e acabou se reproduzindo na propagação do Evangelho.

³⁴Gerador ou antepassado masculino, antepassado mais próximo: pai da natureza corporal, pais naturais, tanto pai quanto mãe, antepassado mais remoto, fundador de uma família ou tribo, progenitor de um povo, patriarca: assim Abraão é chamado, Jacó e Davi, ancestrais, patriarcas, fundadores de uma nação, alguém que tem infundido seu próprio espírito nos outros, que atua e governa suas mentes, alguém que está numa posição de pai e que cuida do outro de um modo paternal, membros do Sinédrio, cuja prerrogativa era pela virtude da sabedoria e experiência na qual se sobressaíam; cuidar dos interesses dos outros (STRONG, 2005, G. 3962).

³⁵ Dificilmente este detalhe deve ser entendido com base em Ec 4,9-12, ou seja, tendo em vista a vantagem pessoal mútua. Em primeiro lugar está o significado jurídico de duas testemunhas em interrogatórios. Naquela época, uma testemunha valia tanto quanto nenhuma: "Uma só testemunha não se levantará contra alguém; [...] pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato" (Dt 19,15; cf. Mc 14,59). Passagens como Mt 18,19; Jo 8,17; Hb 6,18; 1 Jo 5,7, porém, mostram que esta regra não valia só em processos criminais. Em termos gerais ela servia para determinar a veracidade de fatos a que não mais se tinha acesso direto. Também nestes casos o testemunho se tornaria legal e eficaz com a presença de duas pessoas. Dois mensageiros juntos conferem qualidade à sua mensagem (POHL, 2008, p. 200).

Esse envio de Jesus não é ocasional e intuitivo, ele fazia do serviço a marca principal do seu ministério, colocava-se a disposição do povo, para atender a necessidade dos carentes. Tinha por objetivo ensinar a seus discípulos a fazerem o mesmo. Aos doze foi dada a autoridade de forma sobrenatural, Jesus compartilhou com eles o poder de libertar as pessoas de opressões malignas³⁶ (Mt 10,1).

No livro de Marcos temos o resumo da missão, nada se diz a respeito de curar enfermos; estas duas funções deveriam ser incluídas na tarefa encomendada. A ordem para pregar, está incluída no versículo 11 e no versículo 30, (Ihes informaram tudo o que haviam feito e ensinado) o mandato de “curar os enfermos” esta indicado no versículo 13.

2.2.3 O serviço deve ser executado na dependência de Cristo

Jesus os enviou para as cidades e orientou para que não levassem nada, para o caminho, nem pão, nem bolsa, nem dinheiro, nem cinto; só deveriam calçar as sandálias e não vestir duas túnicas. Essas foram as orientações básicas.

De acordo com Lc 22,36; Mt 26,5, podia-se pensar em levar uma espada, pensando nos salteadores de estrada. O mínimo para levar, porém, era um cajado, inclusive para os mais pobres (Gn 32,11). Os mensageiros deveriam apresentar-se em simplicidade desarmada. Ninguém deveria temê-los, nem eles a ninguém (Mt 10,28). Eles não iriam morrer, mas viver e anunciar as obras do Senhor (Sl 118,17). O fato de não levarem mantimentos (“pão”), além de não mendigarem como pregadores itinerantes cínicos, de modo a deixarem a bolsa de viagem em casa, não os condenava a passar fome, mas os fazia depender das possibilidades comuns no caminho. Para o consumo pessoal podiam colher grãos ou uvas (Dt 23,25; Mc 2,23) (POHL, 1998, p. 200).

³⁶ Os demônios afligem os homens com problemas físicos e mentais (Mc 1,21). Eles podem possuir os homens, controlando-os completamente (Mt 5,1-21). Inspiram doutrinas distorcidas (1 Tm 4,1). Mostram-se ativos no sistema satânico de governo mundial, com implicações cósmicas (Ef 6,12; ver também Dn 10,13). São os agentes por detrás da idolatria, da imoralidade e de todos os tipos de iniquidade e perversão humanas (1 Co 10,20; Ap 9,20-21). Eles inspiram os falsos mestres (Jo 4,1-2). São capazes de prender os homens em situações desagradáveis e de longa duração (Lc 13,11). Podem falar pela boca dos homens (Mc 3,11; Mt 8 e Lc 8). Eles dialogaram com Jesus, e o Senhor lhes deu permissão para possuírem porcos. Eles reconhecem o caráter messiânico de Jesus (Mat.8,29; ver também Lc 4,41; Mc 3,11; 1,34; At 19,13-17). Os evangelhos, bem como referências como Efésios 6,12 ss, aludem a um contínuo conflito espiritual entre forças boas e más, Jesus tem autoridade sobre esses espíritos malignos, e compartilhou dessa autoridade com os seus discípulos (Lc 9,1; 10-17). O chefe dos demônios já foi julgado e receberá a sua sentença (Lc 10,18), o que significa que os seus ministros também estão condenados à derrota final (CHAMPLIN, 2002, p. 54).

Jesus estava interessado que eles partissem para a viagem com uma disposição de inteira dependência. Não deveriam levar nada além do que fosse absolutamente necessário. Os discípulos, agora também apóstolos, deveriam depositar sua confiança inteiramente em Jesus. Entender que essa razão é fundamental (Mt 6,19-34; Mc 8,19-21; Lc 22,35), a esse fato pode se relacionar o fato da citação bíblica: “O obreiro é digno do seu próprio salário”, isso significa: A responsabilidade de prover os recursos para aqueles que pregam o evangelho, recaía sobre aqueles que os ouvissem.

Essa tese é também confirmada pelos ensinamentos do Antigo Testamento e do Novo Testamento: Dt 25,4; 1 Co 9,7.14 e também 1 Ts 2,9 e Tt 5,18. A lista de coisas para levar e não levar consistia nas seguintes:

1) Bastão³⁷: no grego bíblico às vezes se referia a uma vara mágica. Outros significados são: vara de pescar; raio de luz com aparência de vara, etc.

No Sl 23,4 a palavra faz referência ao “cajado do pastor”. No Novo Testamento a vara às vezes é um “instrumento de castigo” (1 Co 4,21), significado que se relaciona com “vara de ferro” de Ap 2,27; 12,5; 19,15. Temos também o cetro real (Hb 1,8), que serviria de suporte para apoiar-se nela (Hb 11,21) e a vara de Arão que floresceu (Hb 9,4). Porém aqui em Marcos seus paralelos se referem ao “bastão do viajante”.

2) Alforje: era um tipo de mochila ou bolsa: “para o caminho” ou para “viajar”. Era uma bolsa que antes de sair para viagem a pessoa encheria de provisões necessárias para a viagem. No contexto a mensagem principal do texto: “Não leveis pão, nem bolsa para levá-lo, nem dinheiro para comprar”. Vale ressaltar o que diz em Mateus 10,10, Jesus não considera os apóstolos como mendigos. O ensino

³⁷ Bastão, bordão, vara, ramo, vara com a qual alguém é golpeado, como aquele usado numa viagem, ou para apoiar-se, ou pelos pastores quando aplicado a reis com vara de ferro, indicando um governo severo e rigoroso cetro real

principal é para não montar uma sacola cheia de alimentos, e acabar dependendo deles para sobrevivência na viagem, ou durante o tempo de estadia nas casas.

3) Dinheiro: A palavra que se utiliza no original tem o sentido básico do cobre, latão ou bronze. Num segundo aspecto se pode referir a qualquer coisa feita de algum desses metais. 1 Co 13,1, também pode se referir a moedas, o que parece ser citado em Mc 6,8; devemos notar a expressão: “nem dinheiro em seu cinto”. Ao passar um cinturão de qualquer material, ao redor do corpo com várias voltas, serviriam de bolsinhos para levar dinheiro e outros valores. Ainda hoje em dia os que saem para viagens levam dinheiro ou cartões para viagem, em um cinturão por razões de segurança.

4) Sandália: a palavra usada é sandálias. Em Mt 10,10 se usa um sinônimo, com pouca ou nenhuma diferença quanto o significado (Mt 3,11; Mc 1,7; Lc 3,16; 10,4; 15,22; 22,35; At 13,25). Consistia em solas planas feitas de madeira ou de couro. Jesus diz que não deveriam levar nada a não ser o básico para a viagem, no básico estava as sandálias. Para impedir que saíssem dos pés, deveriam ser amarradas com cintas ou cordões de couro.

5) Túnica: no plural, duas túnicas. Era uma espécie de camiseta larga que se usava tocando a pele. Chegava quase aos pés e tinha abertura nos braços. (Mt 5,40; 10,10; Lc 3,11; 6,29; 9,3) em Marcos 14,63 o plural se refere a roupa em geral.

E não usassem duas túnicas. No Oriente, em boa parte a riqueza e a posição social podiam ser vistas na vestimenta (At 20,33). Josefo testifica o hábito de pessoas abastadas de usar várias camisas uma sobre a outra (Antiguidades XVII 5.7; cf. Bill. I, 566). “Um pobre tem somente *uma* camisa. Um rico usa ao mesmo tempo até uma dúzia de camisas e várias túnicas. Viajantes muitas vezes vestem várias camisas, para impressionar e ser bem recebidos nas cidades. [...] Em termos gerais, os salteadores só assaltam pessoas que possuem mais de uma camisa.” Da mesma forma como ninguém deveria temer os mensageiros de Jesus, ninguém também deveria invejá-los. Tudo o que é exterior deve ser modesto e despreocupado, sem distorcer a mensagem de um ou outro modo. Na Antigüidade, pregadores itinerantes eram comuns. Com frequência estavam mais interessados na pele das ovelhinhas do que na vida delas. Sabiam fazer da religiosidade uma fonte de renda. Paulo se esforçava ao máximo para distanciar-se desta praga e conservar a credibilidade do evangelho (1 Co 9,12-15; 2 Co 12,14; 1 Ts 2,1-10) (POHL, 1998, p. 201).

Em Mateus 10,9-10: “Não vos proveis de ouro, nem prata, nem cobre (ou dinheiro) em vossos cintos, nem de alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem de calçado, nem de bastão”. A orientação era para que os discípulos dependessem da graça e do favor de Deus, servindo as pessoas, Deus iria usar diversas situações milagrosas a favor deles.

Através da análise desses textos tira-se a lição de que o serviço cristão deve ser exercido na dependência única e total de Cristo; não se deve apoiar nos recursos humanos, tanto dinheiro, comida, roupas ou qualquer outro utensílio. As atividades de um cristão devem representar as ações de Jesus. No envio dos doze, Jesus transmite lições importantes para serem executadas.

2.2.4 Orientações práticas a respeito do serviço cristão

Algumas observações devem ser feitas. Saíram e pregaram – essa prática tem um fiel significado original do termo: “A proclamação fervorosa das boas novas iniciadas por Deus”.

O tema da pregação era que os “homens deveriam se converter” (Mc 6.12). Sem dúvida está falando sobre arrependimento. Pode-se deduzir que a tarefa principal dos discípulos era pregar. Em Mateus 10,7 encontramos o tema da mensagem orientada por Jesus para os discípulos. “O Reino dos Céus está próximo”. Esse era o tema do Reino³⁸, proclamado primeiro por João Batista, depois por Jesus e agora também pelos discípulos, já tinha sido explicado (Mt 3,2; 4,17.23).

³⁸ O mistério da santa Igreja manifesta-se na sua fundação. O Senhor Jesus deu início à Sua Igreja pregando a boa nova do advento do Reino de Deus prometido desde há séculos nas Escrituras: «cumpru-se o tempo, o Reino de Deus está próximo» (Mc 1,15; cfr. Mt 4,17). Este Reino manifesta-se na palavra, nas obras e na presença de Cristo. A palavra do Senhor compara-se à semente lançada ao campo (Mc 4,14): aqueles que a ouvem com fé e entram a fazer parte do pequeno rebanho de Cristo (Lc 12,32), já receberam o Reino; depois, por força própria, a semente germina e cresce até ao tempo da messe (cfr. Mc. 4, 26-29). Também os milagres de Jesus comprovam que já chegou à terra o Reino: «Se lanço fora os demônios com o poder de Deus, é que chegou a vós o Reino de Deus» (Lc 11,20; cfr. Mt 12,28). Mas este Reino manifesta-se, sobretudo na própria pessoa de Cristo, Filho de Deus e Filho do homem, que veio «para servir e dar a sua vida em redenção por muitos» (Mt 10,45) (Lumen gentium).

Os apóstolos deveriam seguir proclamando que o Reino dos Céus já estava acontecendo nos corações e vida das pessoas.

Em qualquer cidade ou aldeia aonde chegassem deveriam buscar alguém que fosse digno e ficar em sua casa até que saíssem do lugar. Provavelmente é legítimo supor que ao chegar a qualquer povoado sem importar o seu tamanho, os pregadores deveriam pregar ao ar livre, nas esquinas das ruas, no mercado ou na praia, ou se fosse convidados a fazê-lo nas sinagogas.

Para o pernoite, o viajante não era obrigado a recorrer a hospedarias, que na verdade somente existiam em regiões desabitadas, mas só precisava ficar de pé na praça central de um povoado até que um morador do lugar o recolhesse e levasse para a sua casa (Jz 19,15-20). A hospitalidade era uma das obras de caridade mais meritórias, e era tida em alta consideração. O hospedeiro contava com grandes bênçãos, até perdão de pecados e intercessão junto a Deus. A recusa da hospitalidade excluía a pessoa de Israel. Até inimigos eram recolhidos, a negativa representava uma ofensa grave. Da hospitalidade fazia parte a saudação, lavar os pés, oferecer comida, proteger e acompanhar na despedida. – Os mensageiros de Jesus deviam contar com estas disposições de boa consciência, como desejadas e preparadas por Deus (Mt 10,10b). Lc 22,35 mostra que eles agiram assim e deste modo tiveram seu sustento (POHL, 2008, p. 201).

Pela resposta a sua pregação não seria difícil determinar quem dos ouvintes eram dignos ou “merecedores” de prover a hospitalidade aos portadores das boas novas. Poderia tratar-se de pessoas que esperavam as boas novas de Israel (Lc 2,25) ou a redenção de Jerusalém (Lc 2,38). Era de se esperar que tais pessoas se alegrassem em dar hospitalidade aos mensageiros de Deus.

Encontrando esse lar adequado, os discípulos deveriam considerá-lo a sua base de ação até que deixassem o povoado para ir para outro lugar. Sendo que os doze iriam viajar de dois em dois, o privilégio de ajudar a causa do evangelho poderia se estender para várias pessoas.

Nessa época havia uma tradição de hospitalidade. As condições sociais eram tais que essa prática era quase que uma necessidade, devido ao fato de que viajar não ser tão fácil e que as pousadas eram poucas e muito distantes. A família que oferecia alojamento hoje poderia necessitar da mesma atenção na próxima semana.

Além disso, a tradição Israelita sabia que as Escrituras, por meio de uma grande lista de nobres exemplos, atentava para a prática de alojar os hóspedes. São vários exemplos: Abraão (Gn 18,1-8), Rebeca (Gn 24,25), Reuel (Ex 2,20), Manoá (Jz 13,15), a mulher sunamita (2 Rs 4,8-10). No Novo Testamento, Levi (Mt 9,10) Zaqueu (Lc 19.5,10), Marta e Maria (Jo 12,1.2), Lídia (At 16,14), Áquila e Priscila (At 18,26), Febe (Rm 16,1-2), Filemón (Fm 7,22), Onesíforo (2 Tm 1,16), Gaio (3 Jo 5,6). A Bíblia considera o espírito e a prática da hospitalidade como uma das qualidades indispensáveis da vida cristã. (Rm 12,13; 1 Tm 3,2; 5,10; Tt 1,8; Hb 13,2).

A digna obrigação da hospitalidade naturalmente era protegida no judaísmo por instruções específicas para o hóspede, no sentido de não transgredir contra os bons costumes. Uma destas advertências era não trocar o alojamento por outro melhor. Os discípulos não deveriam ser diferentes, muito menos com justificativa “espiritual”. Para o contexto da época, recusar a hospitalidade era inadmissível. Com isso eles também deixavam bem claro em que consistia o seu ministério: em testemunho contra eles. “A palavra não volta vazia” (Is 55,11) (POHL, 1998, p. 201).

Se ao chegarem a algum lugar, não os recebessem e nem os ouvissem, deveriam sair e sacudir a poeira dos seus pés, para o testemunho deles. Depois de viajar por território pagão, os judeus, tinham por costume sacudir a poeira das sandálias e a roupa antes de entrar na terra santa. Temiam que se não fizessem assim os objetos leviticamente limpos de sua pátria se tornassem imundos. O que Jesus ensina aqui é que em qualquer lugar fora de casa, aldeia, cidade ou comunidade que recusara aceitar o evangelho deveria ser considerada imunda, como se fosse solo pagão. Portanto, tamanha incredulidade deveria ser tratada como imundícia. Paulo e Barnabé fizeram exatamente isso quando se organizou contra eles uma perseguição no distrito judaico de Antioquia da Psidia (At 13,50.51). Sobre tal lugar repousa uma responsabilidade muito grande e uma pesada carga de culpa (Mt 10,15).

2.2.5 O serviço deve ser exercido com perspicácia

“Estou enviando vocês como ovelhas para o meio de lobos”, (Mt 10,9; Lc 10,3). Enviados como “ovelhas” (Jo 10,11.14.27.28) para o “meio de lobos”,

malignos e destruidores; isso sugere uma situação de muito perigo (Mt 9,36, Ez 22,27; Sf 3,3; At 20,29). O consolo é que Jesus mesmo é quem envia, ele deve ter seus sábios propósitos.

Quando anunciam a mensagem do Reino de Deus, eles são iguais a ovelhas no meio de lobos. Cabe notar que os discípulos não são enviados “aos lobos”, mas “*para o meio de lobos*”. Isso ilustra o aspecto indizivelmente penoso do envio dos mensageiros de Jesus. Essa palavra anuncia aos mensageiros a perseguição de sua pessoa e a rejeição de sua mensagem. Isso é muito mais que “não acolher” ou “não ouvir” a pregação. O envio das ovelhas para o meio de lobos era proverbial em Israel. Se a penetração dos lobos em um rebanho de ovelhas já representa um grande perigo, quanto mais perigoso será enviar e remeter, contrariando todo o bom senso, ovelhas isoladas para dentro de uma alcatéia de lobos! As indefesas ovelhas devem viver, atuar e permanecer entre lobos, e até mesmo superá-los. Isto é inimaginável e inconcebível! Contudo, Deus assim o determinou! Que não esqueçamos isso especialmente quando os lobos se tornarem cada vez mais numerosos e temíveis nos tempos finais! Foi o Senhor que o disse! (RIENECKER, 2005, p. 231).

Na proclamação do Reino de Deus, encontrar-se-á “ovelhas” entre os “lobos”. Dessa forma a fé dos apóstolos seria fortalecida. Essa ação deve resultar na glória de Deus. O fato de Jesus mesmo estar enviando significa que está profundamente envolvido no ministério deles. A frase: “Eu os envio”, significa “Eu mesmo os estou comissionando para que sejam meus apóstolos, meus representantes oficiais”. Assim Ele estaria trabalhando através deles. Isso certamente implica em proteção, não importa o que viesse, eles estavam debaixo do cuidado amoroso de Jesus. Se não fosse dessa forma, estariam indefesos; o que poderia fazer as ovelhas no meio de lobos. Ao proporcionar esses cuidados Jesus não os exime de sua responsabilidade pessoal, cada um dos enviados tinha sua parcela de importância para que a missão fosse realizada.

O texto original grego traz a palavra “eu” *ênfatizada*. Ou seja: “Cuidado, *eu, eu* pessoalmente estou enviando vocês como ovelhas...” O Senhor disse sem rodeios que é *ele* quem faz isso. Indefesos, os discípulos precisam mover-se num contexto que é cheio de rapina, maldade e infâmia e quer destruí-los. Os apóstolos devem enfrentar os seus inimigos não com a força dos punhos ou da espada, nem com a arma da palavra agitada e sem espiritualidade. Eles devem ir ao encontro da malícia e vileza das pessoas com pureza e sabedoria! Cabe evitar toda artimanha ou diplomacia, toda astúcia e esperteza humanas, todo manquejar em ambos os lados (1 Rs 18,21), todo consentimento em “contemporizar e fazer concessões” (RIENECKER, 1998, p. 176).

Os apóstolos devem ser sagazes como as serpentes e inocentes como as pombas. A serpente é a encarnação da perspicácia ou astúcia intelectual (Gn 3,1). A cautela e a prudência se tornaram um fato proverbial. A sagacidade aqui recomendada como qualidade humana inclui o poder de captar a natureza do que nos une ou nos rodeia, trata-se de pessoas ou de coisas, que tenham sentido comum santificado, sabedoria para fazer o que corresponde no momento e em lugares oportunos e de modo correto, um esforço sério para descobrir sempre o melhor meio para alcançar as metas elevadas da moral, uma busca fervente e honesta de uma resposta relacionada aos valores do Reino de Deus (Ef 5,15).

Esta sagacidade não inclui um compromisso com o mal. Jesus ensina que os seus discípulos devem ser sagazes como as serpentes, mas também ser inocentes como as pombas. Um exemplo de uma pessoa que mostra esta combinação de sagacidade e inocência é o apóstolo Paulo, como indicam suas epístolas e o livro de Atos. Por exemplo: 1 Co 9,22, escolhendo cuidadosamente o método adequado para cada ocasião específica; At 17,22-31 em contraste com At 13,16-41. É um verdadeiro astuto. O que faz em At 23,6-8 pode ser considerado “engenhoso”. (At 24,16).

Jesus estava falando de “lobos³⁹”, isto é, de homens maus que tratariam de causar danos às ovelhas. E assim prossegue: “Guarda-os dos homens maus”. A base da advertência de Cristo, portanto, é a presente condição que prevalecia durante a condição do seu ministério na terra. No caso dos seguidores de Cristo, o ódio continuaria e se intensificaria durante o período depois da ressurreição. Jesus tinha em mente que seus discípulos deveriam ser preparados para enfrentarem situações drásticas de perseguição e sofrimento.

³⁹ O envio das ovelhas para o meio de lobos era proverbial em Israel. Se a penetração dos lobos em um rebanho de ovelhas já representa um grande perigo, quanto mais perigoso será enviar e remeter, contrariando todo o bom senso, ovelhas isoladas para dentro de uma alcateia de lobos! As indefesas ovelhas devem viver, atuar e permanecer entre lobos, e até mesmo superá-los. Isto é inimaginável e inconcebível! Contudo, Deus assim o determinou! Que não esqueçamos isso especialmente quando os lobos se tornarem cada vez mais numerosos e temíveis nos tempos finais! Foi o Senhor que o disse (RIENECKER, 2005, p. 231).

Recordando Mt 7,15, “lobos” são os falsos pastores e falsos profetas de Israel, cuja atitude natural é receber o mensageiro do Senhor com ódio mortal. Jesus revela toda a perspectiva de sofrimento abertamente e sem escrúpulos aos discípulos. A segurança para um envio tão perigoso, o equipamento para uma incumbência tão avessa à sensatez na luta entre ovelhas e lobos não está em levar qualquer tipo de armamento, mas nas palavras: “Eu vos envio”. E isso basta (RIENECKER, 2005, p. 232).

É nesse contexto que os discípulos ouviram essa advertência de Jesus. Com a expressão “guardar-se dos homens”, provavelmente Jesus quis dizer que os discípulos deveriam estar vigilantes contra as más intenções dos homens. Algumas ideias a esse respeito podem ser consideradas: Não confieis simplesmente nos homens. Não os façais ter uma rejeição por vocês sem uma causa justificada. Não caiais nas tramas de suas perguntas capciosas, sem orar por graça para dar-lhes uma resposta apropriada. Nada façais que lhes permita fazer uma acusação válida contra vocês. (1 Pe 4,15.16).

As figuras da “serpente e pomba” são diferentes das primeiras, *da ovelha e do lobo*. Em que aspectos? “Ovelha” designava o apóstolo, “lobo” apontava para o *inimigo*. Na segunda imagem, “serpente e pomba”, *ambas* as metáforas se referem à mesma pessoa, a saber, o *apóstolo*. O enviado de Jesus necessita de sabedoria para descobrir sempre de novo o que é correto no meio de todas as situações difíceis, e para ir adequadamente ao encontro das pessoas. Essa sabedoria, porém, precisa vir acompanhada de pureza, sinceridade e retidão, para que não aconteça nada que possa tornar-se motivo de uma acusação justificada por parte dos inimigos. Pois os enviados de Jesus estão no meio de adversários duros, que não têm escrúpulos, que caem impiedosamente sobre os apóstolos sempre que haja um pequeno motivo para isso. Por isso é preciso, como fazem as serpentes, fixar firmemente os olhos no adversário, avaliar a situação com *olho vivo* e *pensamento sóbrio* e, em seguida, permanecer senhor da situação sem astúcia ou táticas mentirosas, mas com pureza e verdade em todos os atos e palavras, ou seja, demonstrando um modo de agir de pombas (RIENECKER, 2005, p. 171).

Em cada caso a ação simbólica, em obediência ao mandato de Cristo, é uma declaração pública do desagrado divino que pesa sobre o lugar que rejeitar o serviço e a bondade cristã. O lugar onde o evangelho é rejeitado não tem a benção de Deus e sim um testemunho contra eles.

Jesus não envia os setenta para reuniões públicas ou sinagogas, mas às pessoas receptivas nas casas e nas cidades. O presente texto apresenta de forma nítida um serviço nas casas (v. 5-7) é uma missão urbana (v. 8-11) e a partir dessas

situações caracteriza-se o serviço e se consolida a ação da igreja⁴⁰, abaixo temos uma lista de algumas orientações a respeito desse serviço.

Segue importantes ensinamentos para todos aqueles que receberam a incumbência de empreender a obra do Senhor. Aprendemos desse texto: 1) Que o Senhor previu o serviço de proclamação da palavra e do cuidado pastoral em tempo integral; 2) Que aqueles que se deixam enviar por ele são equipados com força especial do alto; 3) Que o ponto de partida de qualquer trabalho é a casa e a família (v. 4s); 4) Que diante do mundo é preciso dar um testemunho decidido; 5) Que devemos anunciar um evangelho claro, e não palestras científicas; 6) Que se deve impor as mãos aos enfermos e orar por eles; 7) Que o alvo do anúncio do evangelho deve e precisa ser a “conversão de almas humanas a Jesus, o Redentor”; 8) Que após a proclamação do evangelho é necessário buscar o silêncio (Mc 6,30) (RIENECKER, 2005, p. 206).

Eles são lançados integralmente para uma tarefa que o Senhor os comissionou. Ao fazer isso Jesus estava prevendo que eles deveriam ser capazes de carregar o peso e a responsabilidade da missão, e também suportar que o socorro deles está somente em Deus e não nas pessoas. “Tenham cuidado com as pessoas.” Ainda hoje é preciso observar com seriedade essa palavra de Jesus. Todo sentimentalismo, toda facilidade de confiar cegamente, toda insinuação e lisonjeio com emocionalismo são negativos, cabe ao que presta o serviço, se proteger dessas

⁴⁰ “Assim como o Filho foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos (cfr. Jo 20,21) dizendo: «ide, pois, ensinai todas as gentes, batizai-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinai-as a observar tudo aquilo que vos mandei. Eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos» (Mt 28,19-20). A Igreja recebeu dos Apóstolos este mandato solene de Cristo, de anunciar a verdade da salvação e de levá-la até aos confins da terra (cfr. At 1,8). Faz, portanto, suas as palavras do Apóstolo: «ai de mim, se não prego o Evangelho» (1 Co 9,16), e por isso continua a mandar incessantemente os seus arautos, até que as novas igrejas se formem plenamente e prossigam, por sua vez, a obra da evangelização. Pois é impelida pelo Espírito Santo a cooperar para que o desígnio de Deus, que fez de Cristo o princípio de salvação para todo o mundo, se realize totalmente. Pregando o Evangelho, a Igreja atrai os ouvintes a crer e confessar a fé, dispõe para o Batismo, liberta da escravidão do erro e incorpora-os a Cristo, a fim de que n'Ele cresçam pela caridade, até à plenitude. E a sua ação faz com que tudo quanto de bom encontra no coração e no espírito dos homens ou nos ritos e cultura próprios de cada povo, não só não pereça mas antes seja sanado, elevado e aperfeiçoado, para glória de Deus, confusão do demônio e felicidade do homem. A todo o discípulo de Cristo incumbe o encargo de difundir a fé, segundo a própria medida (35). Mas se todos podem batizar os que acreditam, contudo, é próprio do sacerdote aperfeiçoar, com o sacrifício eucarístico, a edificação do corpo, cumprindo assim a palavra de Deus, anunciada pelo profeta: «do Oriente até ao Ocidente grande é o meu nome entre as gentes, e em todos os lugares é sacrificada e oferecida ao meu nome uma oblação pura» (Ml 1,11) (36). É assim que a Igreja simultaneamente ora e trabalha para que toda a humanidade se transforme em Povo de Deus, corpo do Senhor e templo do Espírito Santo, e em Cristo, cabeça de todos, se dê ao Pai e Criador de todas as coisas toda a honra e toda a glória” (Lumen Gentium, 17).

insinuações. O foco principal na tarefa de servir deve ser a integridade⁴¹ e dignidade do cristão.

Com esse episódio os discípulos tiveram uma experiência genuína de serviço onde cresceram e aprenderam a lidar em determinadas situações sem dependerem das ações do Mestre. “Voltaram os apóstolos à presença de Jesus e lhe relataram” (Mc 6,30). Faz parte da tarefa de um mensageiro que ele preste relatório depois da execução. Só depois a tarefa é considerada concluída.

O relato precisa ser minucioso e abrangente: tudo quanto haviam feito e ensinado. O próprio Deus começou a ensinar seu povo – na pessoa de Jesus. Olhando com atenção, nossa passagem não é uma exceção disto, apenas faz valer a regra de que o emissário é como aquele que o enviou. “Quem vos der ouvidos ouve-me a mim” (Lc 10,16). Na pessoa dos doze, portanto, a terra da Galiléia encontrara o mestre messiânico.

2.3 O SERVIÇO HUMILDE EXPRESSA GRANDEZA (Mt 18,1–5)

O trato de Jesus com as crianças apresenta um conceito muito importante a respeito do caráter daquele que serve: Jesus quer que sejam iguais as crianças, que não se deve buscar interesses próprios, seus seguidores devem estar dispostos a seguirem orientações, eles devem ser humildes o suficiente para não se projetar no lugar de outros. Em suma, nesse capítulo seguiremos a tese de Jesus, “Quem é maior no reino de Deus deve ser igual a uma criança” (Mt 18,1-5).

Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é, porventura, o maior no Reino dos Céus? E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. E disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta

⁴¹ Oferecendo-te pessoalmente como exemplo de boas obras. Em todas as qualidades, em todos os encontros com jovens e idosos, com homens e mulheres. Em tudo estás sendo exigido completa e integralmente. Pelo contrário, à imagem distorcida dos hereges deve ser contraposto o exemplo de um mestre saudável, porque o poder de imagens negativas somente pode ser superado por imagens melhores (Tt 2.12). (BURKI, 2008, p. 409).

criança, esse é o maior no Reino dos Céus. E quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe (Mt 18,1-5).

Através da experiência de Jesus com as crianças pode-se tirar várias lições a respeito da humildade e a atitude básica para o serviço. Se o indivíduo se achar “grande e poderoso” não está pronto para o serviço, cabe aos servos de Deus se esvaziar e humilhar-se, descer e reconhecer suas limitações, com uma disposição genuína de tratar sempre as outras pessoas como superiores. Toda a exposição do Senhor evidencia, portanto, que a comunidade de Jesus deve formar seus critérios em contraste com as diretrizes do mundo. A mola mestra do mundo é que todos querem subir ao poder e ao esplendor, a fim de superar e dominar os outros. Uma atitude tem sido desenvolvida na sociedade contemporânea, totalmente diferente do que Jesus ensinou: O “maior” deve ter atitude suficiente para ser o “menor”.

[...] (Mc 9,35-37), quem quiser ser o primeiro: Essa expressão aparece resumida em Mc 10,43-44. O que recebe a um desses pequenos. A comparação com Mc 9,42, onde Jesus chama seus seguidores de pequenos, sugere que essa chamada significava originalmente: “quem escuta a um dos meus discípulos escuta a mim”. Em Mt 10,40; Lc 10,16; Jo 13,20 encontramos outras versões dessa mesma sentença com relação à acolhida que se dispense a um dos discípulos de Cristo. Em Mc 9,37 parece que a frase foi adaptada como uma forma de tratar os discípulos e os outros (BROWN, FITZMYER, MURPHY, CARM, 1972, p. 59).

Em contraposição, a fundamentação principal do Reino de Deus é esta: que todos devem descer para a pobreza, fraqueza e modéstia, para se tornarem ricos em Jesus. Precisamente por esse poder de descer deve ser medida a grandeza da pessoa no Reino de Deus (Fp 2,3). É por isso que os discípulos precisam dar meia-volta e se igualar às crianças na modéstia e na fraqueza.

As referências nesse sentido são muitas. Temos duas tradições, aliás, entrecruzadas: a relativa do “primeiro” e “grande”, que é chamado a se tornar “último”, “servo”, “escravo” (Mc 10,43-44; Mt 20,26-27 e Lc 22,24-29); e a tradição da “criança”, como o “maior” no Reino (Mc 9,33-37; Mt 18,1-5 e Lc 9,46-48). Mas existe também e, sobretudo o exemplo do próprio Jesus: “O Filho do Homem não veio para ser servido...” (Mc 10,45 e paral.); “Eu, que sou Mestre e Senhor, vos lavei os pés...” (Jo 13,14) (BOFF, 2003, p. 15).

Voltando ao texto em questão: As palavras “Naquele momento”, (literalmente, “naquela hora”, 18.1), mostram claramente que há uma relação estreita com respeito

ao tempo, nesse capítulo e o parágrafo precedente. Os fatos estão acontecendo em Cafarnaum, na casa de Jesus (Mt 17,24; Mc 9,33).

A pergunta dos discípulos não era uma pergunta sem intenções dúbias. Estavam tentando perceber ou obter alguma vantagem. Ao seu modo de analisar a situação: na fé deles em Jesus estava implícito o fato de que Jesus era Rei, e que seu Reino, por qualquer que seja a sua natureza, iria ser manifestado publicamente e de forma gloriosa.

E nesse caso eles obteriam algum tipo de vantagem. Os discípulos estavam discutindo a respeito de posições no Reino de Deus, quem seria primeiro, segundo, ou ocuparia posições de destaque.

Jesus percebendo o assunto em questão, reage com uma pergunta: “O que discutis, pelo caminho?” (Mc 9,33-34). A resposta à pergunta de quem é o maior, é a seguinte: “Se vocês não agirem como as crianças, não entrareis jamais no Reino dos Céus” (Mt 18,3).

Sem dúvida, não é simplesmente uma lição de humildade e confiança que Jesus está ensinando para seus discípulos. Esse desejo de ser maior do que os outros e de governar, não é uma atitude passiva, é um impulso ativo de ser destaque e não resulta em amor ao próximo.

A questão fundamental não é apenas fazerem-se como crianças, mas é servir ao próximo com atitudes certas, eles devem desenvolver a capacidade de ajudar, precisam estar dispostos a perdoar de todo coração, precisam estar conscientes de que através do serviço irão sofrer oposições.

2.3.1 A pergunta dos discípulos

Através da situação e considerações de Jesus os discípulos estavam passando por uma situação constrangedora. Os seguidores de Jesus estavam envergonhados, mas com seu silêncio, aferravam-se à sua posição. Não podiam demonstrar sua maneira de pensar a Jesus se quisessem mantê-la, pois ela teria evaporado como a névoa diante do sol. Neste aspecto o silêncio deles era semelhante ao dos adversários de Jesus em diversas situações. O assunto deles é formulado nestes termos: porque, pelo caminho, haviam discutido entre si sobre quem era o maior. Isto os ocupava pelo caminho, como é destacado mais uma vez.

Mais uma vez os discípulos reagem com incompreensão a um ensino sobre o sofrimento e recebem de Jesus mais ensino sobre o discipulado (cf. opr a 8,27–10,52). Novamente o alvo é ser como ele (8,34–9.1; compare o serviço dos discípulos no v. 35 com o serviço de Jesus em 10,45). Estar-com-ele os leva a ser-como-ele. Importante é que tudo isto acontece depois do v. 35 especificamente em um trecho que trata dos doze. Os doze são representantes, modelos para a igreja de Jesus Cristo de todas as épocas . Por isso não temos aqui uma mensagem direta a todos. As instruções não devem ser niveladas em um moralismo geral, mas devem ser interpretadas para a irmandade que vive de Jesus e no sopro do evangelho. Entretanto, se as regras aqui são para a comunidade, isto tem implicações para o sentido da lição objetiva de Jesus no v. 36. Ela não é uma proposta direta de trabalho caritativo com crianças. Jesus deixou aquela criança ir embora de novo, e também não levava consigo um bando de crianças. Para Marcos, o v. 37 é uma figura da convivência na igreja (POHL, 1998, p. 201).

Para eles, este caminho – em oposição aos ensinamentos sombrios dele desde 8,31 – não conduzia à impotência, mas ao poder. Lc 19,11 confirma que eles cavalgavam uma onda humano-messiânica, à medida que se aproximavam da cidade. Esperavam grandeza terrena para Jesus e, em consequência, também para si como seus companheiros de luta mais próximos. Que este assunto não legitimado por Deus também não obteve bênção divina, antes desandou em brigas bem comuns e trouxe à tona rivalidades mesquinhas e repulsivas, não deve nos estranhar. A desarmonia com Jesus necessariamente resultará, para uma comunidade que deve sua existência a Jesus, em sinais de decomposição.

“Quem é maior no Reino dos Céus...” (Mc 9,33-34). Com toda probabilidade os discípulos teriam a intenção de revelar a Jesus o que estavam discutindo a caminho de casa, porém o Senhor já sabia do tema da discussão. Mesmo assim

Jesus pergunta: “o que estão discutindo”, e eles responderam: Quem é o maior no Reino dos Céus.

Os discípulos, enquanto lutavam por uma posição hierárquica, não estavam apresentando um senso primitivo de importância, mas estavam sendo espirituais no sentido judaico. Schlatter resume assim: Em qualquer ocasião, seja na reunião de adoração, na administração do direito, na refeição conjunta, em qualquer relação se levantava sempre a pergunta de quem seria o maior, e a medição da honra que lhe caberia tornava-se um negócio trabalhado constantemente e considerado altamente importante (Mc 10,37; 12,39).

Na época discutia-se também sobre sete graus de felicidade futura. Especialmente a seita de Qumran⁴² zelava em sua vida comunitária de forma pedante pela observância da ordem de importância, pois se imaginava como antecipação terrena das condições celestiais, entre os textos de Qumran. Foi esta atmosfera, portanto, que tomava conta da mente dos discípulos de Jesus. Outra feita não se deve prestar muito facilmente à crítica, porque o anseio por valor, dignidade e honra também tem um aspecto bíblico legítimo para todos os filhos de Deus. O Senhor criou o ser humano para a glória. Paulo fala da glória que deveríamos ter diante de Deus (Rm 3,23; Jo 12,43). A proteção da honra da pessoa está prevista até nos Dez Mandamentos. A boa fama é um patrimônio precioso demais para não se perder. Toda a criação geme por glória (Rm 8,18). Jesus

⁴² A comunidade de Qumran, do Mar Morto, sugere alguma relação entre os saduceus, os essênios e a comunidade de Qumran. Um movimento de reforma foi iniciado entre os sacerdotes (filhos de Zadoque), entre os Saduceus, durante o início do segundo século a. C. Quando a reforma fracassou, eles foram para Damasco e estabeleceram uma comunidade sob um novo conjunto de regulamentos, denominado "o novo concerto". Alguns posteriormente voltaram como missionários para sua terra natal e depararam com amarga oposição por parte dos fariseus e saduceus. Alguns, então, encontraram seu caminho em direção às comunidades ao redor do Mar Morto. Eram missionários fervorosos, em busca de um mestre de justiça que chamasse Israel de volta ao arrependimento e apareceria no advento do Messias. Eles aceitavam toda palavra escrita, mas rejeitavam a tradição oral. Eram muito abnegados na vida pessoal e leais aos regulamentos da pureza levítica. Deram grande ênfase à necessidade de arrependimento. Os Essênios formaram uma comunidade no deserto, com conceitos e crenças religiosas específicas, que contrastavam com as dos outros grupos. Orações: Os Essênios começavam o dia recitando hinos, músicas e bênçãos. Havia a obrigação de orar antes e depois de todas as ações ordinárias diárias. Rituais de purificação: A comunidade observava as mesmas leis de pureza dos outros grupos, mas de forma mais severa. Seus membros se purificavam várias vezes ao dia, através da imersão em água. Refeições comunitárias: Eram realizadas duas vezes ao dia por seus membros purificados e possuíam todas as características de um rito sagrado. Propriedade comum: Novos membros, ao serem admitidos pela comunidade, tinham seus bens confiscados e entregues à propriedade comum (HALE, 1983, p. 17).

também não rejeita simplesmente a pergunta por grandeza, mas até oferece grandeza (Mt 5,19; 11,11).

O “último”, segundo Lucas 14,7, é aquele que senta na outra ponta da mesa e em quem ninguém repara; segundo Lucas 13,22 aquele que não tem nem lugar garantido, e segundo Mateus 20,1 a pessoa que menos pode ter pretensões. A declaração sobre o último desemboca na palavra sobre o servo à mesa. Este corre entre os convidados e lhes serve pratos e bebidas. Duas vezes sublinham-se “todos”.

O discípulo não serve apenas só alguns, para ressarcir-se de outros. Ele também não conquista, com seu serviço fiel, lenta, mas seguramente, uma posição para si. A posição ele já tem, no âmbito do seu serviço, genuinamente atento para as necessidades dos outros. Isto não quer dizer que ele sempre os ajudará como eles desejam, mas certamente como eles precisam objetivamente. Ele se coloca de modo autêntico ao lado deles.

De que maneira, porém, isto é grandeza? No sentido de seguir e ser igual a Jesus, o servo. A expressão “servo de todos” corresponde a “servir por muitos” em 10,45. O discípulo, portanto, deve deixar-se arrastar para a missão do seu Senhor, passo a passo, ombro a ombro, fôlego por fôlego.

Mais uma vez: Por que exatamente isto é grandeza? Porque esta maneira de agir tem toda a aprovação de Deus, como ele disse para Jesus em 9,7: “Este é o meu Filho amado!” Desta aprovação, desta aceitação e homenagem por Deus engloba agora também o discípulo. Este privilégio de estar junto e de ser usado sob o reinado de Deus realiza, no fim das contas, seu anseio mais profundo, de ter um pequeno papel em uma causa grandiosa.

Quem vai ao encontro do seu menor irmão na comunidade, igual a Jesus, misteriosamente é presenteado com o próprio Jesus. Acaba experimentando o reinado de Deus na sua vida.

2.3.2 Uma demonstração de humildade e serviço

A ilustração de Jesus com a criança ⁴³ é muito explicativa devido ao fato de algumas características delas se sobressaírem: Crianças confiam integralmente nos pais. Não se preocupam. Se o pai lhe disser algo, isso se torna para elas uma verdade incontestável. Assim como as crianças, deve-se também confiar em Deus e na sua palavra, e acontecerá a felicidade na vida da pessoa, ainda que se tenha de passar diariamente por diversas dificuldades e aflições. A maneira como Deus nos conduz será sempre boa. No meio das tempestades e necessidades da atualidade, pode-se saber: “Meu Pai é o capitão”. Na tempestade no mar da Galiléia Jesus também tinha permanecido firme na sua posição em Deus (Is 43,1s; 41,10; 46,4; 49,15; 54,7-10; Hb 13,5; Mt 8,23-28; Rm 8,28).

A possível alusão ao costume de levar os jovens aos escribas para que esses abençoassem na véspera do dia da expiação. Os discípulos os renegaram. Parece que os discípulos não admitiam que os pais tratassem a Jesus como um simples escriba. Jesus se irritou: A reação de Jesus denota que está em jogo um princípio mais importante; parece que os pais tinham entendido a mensagem melhor do que os discípulos. Jesus diz: “Não os impeçais, porque deles são o Reino de Deus”. Só as crianças podem chamar “Abba” a Deus com infantil confiança, sentir-se seguros debaixo da sua proteção e ter consciência de seu amor infinito. As palavras de Jesus equivalem a um convite ao arrependimento também dirigido aos discípulos: “só aqueles cuja vida toda equivale a um dia da Expição, aquele que fazer-se pequeno na presença de Deus equivale a um dia da expiação, também fazer-se pequeno na presença de Deus lhe garantirá a entrada no Reino de Deus (BROWN, FITZMYER, MURPHY, CARM, 1972, p. 60).

Jesus estava ensinando sobre a natureza do Reino de Deus e também a respeito de sua ternura e carinho para com os pequeninos. O que ele disse e fez nesta situação, merece muita consideração. Jesus não repreendeu a seus discípulos por causa da sua dureza e insensibilidade que demonstravam com relação ao que ele estava ensinando e do que se aproximava; rapidamente os discípulos se

⁴³ Jesus dedica um *interesse especial* às crianças e deseja recomendá-las de modo especial aos seus discípulos. Quem vai ao encontro delas e as aceita nesse sentido exposto por Jesus, recebe o próprio Jesus. Pois quem, por ordem de Jesus, acolhe o menor de todos, torna-se ele próprio o menor, e recebe dentro de si o maior que, em nosso favor, tornou-se o menor: Jesus, e, com ele, Deus. Essa é a compensação que ele recebe pelo rebaixamento voluntário. O termo em meu nome não se refere à mentalidade da pessoa acolhida, como se fosse dito que esta viria como discípula de Jesus, mas sim à mentalidade do que *acolhe*: Ele o faz por *causa de Jesus*, que lhe confia essa criatura ainda frágil (RIENECKER, 1998, p. 311).

esqueceram do sofrimento de Cristo para pensarem em si mesmo. Apesar do egocentrismo deles, Jesus responde diretamente a pergunta feita.

Bênção judaica das crianças. A bênção de crianças, com imposição de mãos, era bem conhecida no judaísmo. As crianças não iam somente ao seu pai para serem abençoadas, mas também a rabinos famosos. No dia da Expição havia o costume de fazer jejuar crianças de várias idades para depois levá-las aos sacerdotes ou anciãos, “para que estes as abençoassem e orassem por elas”. Isto tudo era acompanhado de instruções de mais tarde esforçar-se na escola, de aprender e seguir corretamente os mandamentos. O ritual, portanto, estava a serviço da religião legalista (POHL, 2008, p. 297).

Em várias situações percebe-se a presença de crianças ao redor de Jesus e seu amor para com elas: Mt 14,21; 15,38; 18,3; 19,13.14 (cf. Mc. 10,13.14; Lc. 18,15. 16); 21,15.16; 23,37 (cf. Lc. 13,34). As crianças se sentiam atraídas por Jesus. Cada vez que ele precisava de uma criança tinha alguma por perto para fazer o que ele ordenava. Essa criança em questão era educada e dotada das qualidades favoráveis para explicar o que Jesus pretendia.

O Senhor chama esse pequeno ao seu lado e o põe “no meio” de todos esses homens grandes, o menino não ficou com medo, porque estava ao lado de Jesus (Lc 9,47). O Senhor Jesus o tomou em seus braços (Mc 9,36), onde ficou numa posição muito confortável e poderia olhar para Jesus face a face. O mestre olhou para os discípulos e disse: Se vocês não se tornarem como crianças e não agirem como crianças, não entrareis no Reino dos Céus.

O que Jesus quis dizer: “Vocês estavam discutindo acerca de quem será o maior no Reino dos Céus, como se estivésseis seguros de estar lá e de estarem destinados para sua gloriosa manifestação. Porém se continuarem com esse pensamento e atitude de coração, onde cada um de vós está ansioso para ser grande ou maior do que seus companheiros e de se tornar senhor sobre eles, você será excluído e nem sequer entrará no Reino dos Céus”.

Uma vez como adulto Jesus adota para com as crianças o mesmo comportamento que Deus. Como havia beatificado os pobres, assim abençoa as crianças (Mc 10,16), revelando desta forma que as crianças estão plenamente capacitadas para entrar no reino de Deus; as crianças simbolizam os autênticos discípulos, “dos tais é o reino dos céus” (Mat 19,14). Isso implica no fato de acolher o reino de Deus da mesma forma de um pequeno. (Mc 10,15), de recebê-lo com toda simplicidade como o dom do Pai, no lugar de exigir como uma dívida; precisa se voltar à condição de crianças.

(Mt 18,3) e consentir em renascer (Jo 3,5) para ter acesso ao reino eterno. O segredo da verdadeira grandeza está em se fazer pequeno, como uma criança (Mt 18,4); tal é a verdadeira humildade, sem a qual não se pode ser “filho do Pai celestial”. Os verdadeiros discípulos são precisamente os “pequeninos”, a quem o Pai tem se revelado, como em outras épocas. Na linguagem dos evangelhos “pequenos” e “discípulos” parecem às vezes com termos equivalentes (Mt 10,42 e Mc 9,41). Bem aventurado a quem acolhe a um desses pequeninos (Mt 18,5); porém ai daqueles que os escandalize ou os deprecie (Mt 18,6-10) (DUFOUR, 2002, p. 435).

Jesus pede a seus discípulos que voltem e se convertam de suas ambições mundanas e de seu vulgar egoísmo. Porém eles não podem fazer isso através de seu próprio poder, eles devem fazer a oração que se encontra em Jeremias 31,18 “Converte-me e serei convertido, porque o Senhor é Javé o meu Deus”. A conversão como um ato em que o homem mesmo participa, somente é possível quando tem ocorrido o ato divino de fazer renascer a uma pessoa (Jo 3,3-5):

Diversas vezes os apóstolos foram tentados e contagiados pelo orgulho espiritual. Muitas vezes manifestava-se neles a ideia de ter grande preferência e usufruir um alto grau de glória no reino de Deus. Jesus, que não afirma que não se deve esperar nada disso, conduziu-os de volta aos trilhos certos. Mostrou-lhes o caminho que passam pelo sofrimento e humilde até a glória (Mt 20,20-24; 19.27; Lc 22,24-27). A vantagem da criança em relação aos adultos não consiste em sua inocência ou pureza natural, mas na inclinação para a fé, na singeleza e humildade, sobretudo no fato de ser livre de hipocrisia. Por isso a graça de Cristo promete às crianças o reino de Deus, não por causa de seus méritos, mas por causa de sua receptividade para dádivas ofertadas. Jesus recomenda aos discípulos que aceitassem uma criança dessas com base em seu nome. Quem acolhe com amor os pequenos de acordo com a vontade e instrução de Jesus, torna-se humilde (RIENECKE, 2008, p. 228).

E exatamente isso o que Jesus quis dizer, quando declarou: Como esperam chegar ao Reino dos Céus. Os discípulos deveriam agir e se comportar como crianças. As qualidades que geralmente associamos as crianças são: sensibilidade, franqueza, obediência, despretenciosidade, humildade, confiança. O fato de serem fracos e sem forças e conhecimento, acabam fazendo com que o cidadão dos céus pretenda ser igual a estes pequenos. Seus traços peculiares de fraqueza se tornam exemplares e como referência para serem imitados pelos seguidores de Jesus.

Todos esses traços estavam na mente de Jesus quando disse aos discípulos que deveriam ser como crianças, especialmente a humildade, uma humilde confiança, o fator essencial proposto por Jesus era a disposição de ser menor, e confirma: “qualquer que se humilhe como um desses pequeninos está cumprindo

com a vontade de Jesus (Mc. 9,35.42; Lc 18,14; 22,24–30; 13,1–20 e 1 Pd 5,5-6). Jesus pretendia ensinar um princípio fundamental: “Para que o serviço cristão possa ser exercido de forma genuína e pura, precisam ser humildes iguais a uma criança, sem segundas intenções, com atitude humilde e singeleza de coração”.

2.3.3 Em que consiste a verdadeira grandeza

Portanto qualquer pessoa que se humilhar⁴⁴ como um desses pequeninos, esse é o maior no Reino dos Céus. Jesus ensinou esses princípios nas primeiras quatro bem-aventuranças (Mt 5,3-6), enfatizou no elogio ao centurião (Mt 8,5-13), destacou o fato no relato da mulher Cananéia (Mt 15,27-28), uma das marcas principais do ministério de Jesus, Ele ensinava continuamente através de seu próprio exemplo (Mt 12,15–21; 20,28; 21,5; Lc 22,27; Jn 13,1–20; cf. 2 Co 8,9; Fl 2,5–8).

Jesus com a criança nos braços está ensinando que o caminho para subir é descer, quem quiser ser grande, deve se fazer pequeno, quem quiser subir deve se rebaixar, quem quiser reinar deve servir.

Esta humildade (sinal de Cristo, disse Agostinho) é o sinal do Filho de Deus, a caridade. Tem que seguir o caminho desta humildade “nova” para praticar o mandamento novo da caridade (Ef 4,2; 1 Pd 3,8), onde está a humildade está a caridade, disse santo Agostinho. Os que se revestem de humildade em suas relações mútuas (1 Pd 5,5 ; Cl 3,12) buscam os interesses dos outros e se colocam em último lugar (Fl 2,3; 1 Co 13,4). Na série dos frutos do Espírito, Paulo coloca a humildade ao lado da fé (Gal 5,22) estas duas atitudes (traços essenciais de Moisés) estão conectadas, sendo ambas as atitudes para chegar a Deus, de submissão a sua graça e palavra (DUFOR, 2002, p. 292).

A verdadeira grandeza não consiste no fato de uma pessoa se colocar a si mesma nas alturas para então olhar para os outros com desprezo e com uma atitude

⁴⁴ A humildade e seus graus. A humildade bíblica é primeiramente a modéstia que se opõe a vaidade. O modesto sem pretensões irrazoáveis, não confia em seu próprio juízo (Pv 3,7; Rm 12,3.16; Sl 131,1). A humildade que se opõe à soberba se acha em um nível mais profundo: e a atitude da criatura pecadora ante o onipotente e três vezes santo; o humilde reconhece que tem recebido de Deus tudo o que tem (1 Co 4,7); é um servo inútil (Lv 17,10) não é nada em si mesmo (Gl 6,3), é um pecador (Is 6,3). A este humilde que se abra a graça de Deus (Pv 3,34), Deus o glorificará (1 Sm 2,7; Pv 15,33) (DUFOR, 2002, p. 291).

de autocomplacência (Lc 18,9-12). Pelo contrário a grandeza consiste em submergir-se e identificar-se com os problemas dos outros e ajudá-los de todas as maneiras possíveis.

Trazendo uma criança, colocou-a no meio deles e, significativamente como em 3,3, tomando-a nos braços. Já que o aramaico usa a mesma palavra para “servo” e “criança”, o v. 36 pode ser sido ligado ao v. 35 simplesmente por causa desta palavra-chave (9,38-41), portanto, sem relação histórica com a conversa anterior. Porém mesmo neste caso pode-se contar com uma relação de conteúdo. O princípio do versículo anterior é sublinhado aqui com uma ação chamativa. Abraçar o pequeno (10,16) significa a sua aceitação, como o próprio Jesus explica, em paralelo de palavras com o v. 35: Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe. Esta palavra ilustra a ênfase que foi dada há pouco em ser “servo de *todos*”. A criança pequena representa os esquecidos, não notados ou excluídos que, por qualquer motivo, parece que não são levados em consideração por nós. Jesus coloca estas criaturas no centro da comunidade de discípulos e das suas atenções. Além disso, a expressão “em meu nome” não significa somente: segundo a minha vontade (10,29), mas também: na minha força (9,39). O nome e a força muitas vezes estão em paralelo na Bíblia (At 4,7). Quem vai ao encontro do seu menor irmão na comunidade, totalmente a partir de Jesus, misteriosamente é presenteado com o próprio Jesus. Ele experimenta o reinado de Deus. A segunda metade do versículo lança luz completa sobre isto que é quase inacreditável: e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou. De acordo com um pensamento judaico, goza a presença de Deus aquele que recebeu um professor da lei muito honrado como hóspede. Jesus inverte tudo isto: é exatamente no menos importante que o mais importante se encontra conosco. Já o AT testifica que Deus está perto dos fracos (Dt 7,7,8). Entendida desta forma, a vida dedicada aos menores irmãos e irmãs de Jesus em sua igreja é grandiosa. Assim se experimenta o que era o centro da mensagem de Jesus, que Deus mora e reina entre as suas pessoas (POHL, 1998, p. 283).

Se alguém deseja ser o primeiro, que seja o último, e se torne servo de todos. Jesus repetiu essa lição muitas vezes durante o seu ministério através de diversas formas: Mt 20,26.27; 23,11; Mc 10,43.44; Lc 9,48b; 14,11; 18,14. Essa é uma lição que se destaca por toda a Escritura (Jo 22,29; Pv 29,23; Is 57,15; Tg 4,6; 1 Pe 5,5).

A palavra “servir” é derivada da condição de escravo, de servo da gleba, designando a total dedicação no serviço, que sem restrições coloca tudo à disposição de outros, corpo e alma, tempo e bens, força e dons. “Escravos de Jesus Cristo”, esse era o título de honra que alguém como Paulo gostava de usar para si e seus colaboradores (cf. Fp 1,1). “Ser servo integral do Deus vivo e real”, essa é a glória do novo *status* dos tessalonicenses. A tal ponto foi que levou a eficácia da palavra (BOOR, 2007, p. 39).

Enquanto as ações vaidosas e a ambição típica de um egoísta forem consideradas antes de uma atitude de quebrantamento e soberba antes da altivez de espírito (Pv 16,18), não foi essa a experiência de Herodes Agripa, que acabou se

tornando um exemplo de orgulho e presunção (At 12,21-23). Uma das razões porque essa lição de Jesus se tornou inesquecível foi devido ao fato dele colocar esses princípios em prática na sua própria (Mc 10,44.45; Lc 22,27; Jn 13,1–15; Fl 2,5–8).

Outra razão para que o fato dessa lição sobre humildade e serviço ter chegado a ser muito conhecida. Deve-se a preciosa ilustração usada por Jesus e foi gravada na mente e coração de seus discípulos (Lc 9,48 e Mc 9,37).

A lógica é a seguinte: Jesus estava dizendo a seus discípulos para se esquecerem de tudo o que tinha a ver com eles mesmo, e não se considerassem importantes, deveriam concentrar sua atenção no menino, “a criança estava parada junto ao mestre”.

Estes discípulos deveriam se comportar igual a uma criança (Mt 18,1-4), Jesus estava querendo ir um pouco além a respeito do seu relacionamento com as crianças, os discípulos deveriam estar prontos para receberem as crianças assim como Jesus os recebia (Mt 18,5).

Essa atitude de olhar para fora de si mesmo para ver o que se pode fazer pelos pequeninos de Cristo supõe humildade, revelada através do humilde serviço aos pequeninos do Senhor, é a atitude que o mestre desejava ver praticada por todos os seus seguidores. Porque o menor entre vocês é quem é verdadeiramente grande (Mt 20,24–28; Mc 10,41–45; Fl 2,5–11; 1 Pe 5,5).

O que é pequeno torna-se grande porque em Jesus o grande Deus tornou-se pequeno, e se tornou humano. Quando Jesus se identifica com uma criança está apontando caminhos para que seu exemplo seja repetido da mesma forma, os seguidores de Jesus devem tratar com respeito todas as pessoas, com atitude de humildade devem se dispor a ajudar aqueles que precisarem e entender. O verdadeiro seguidor de Jesus sabe que tudo o que ele é, é por causa daquilo que seu Mestre faz por ele.

3. O PODER SERVIÇO E OUTROS TEXTOS DO NOVO TESTAMENTO

3.1 O SERVIÇO DIACONAL COMO EXEMPLO (ATOS 6,1-3)

Esta seção será feita uma análise a respeito do estabelecimento funcional do serviço na igreja. Os apóstolos⁴⁵ nessa fase identificam determinadas necessidades entre os grupo de seguidores de Jesus e não estão dando conta de atender às diversas necessidades do grupo, assim estabelecem determinadas pessoas para desempenharem tarefas voltadas de forma pragmática para o serviço cristão. Através do estudo desenvolvido pretende-se abordar questões pertinentes a dedicação e o empenho de ajudar aqueles que estão passando necessidades.

Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária. Então, os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. Mas irmãos escolham dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra. O parecer agradou a toda a comunidade; e elegeram Estevão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia. Apresentaram-nos perante os apóstolos, e estes, orando, lhes impuseram as mãos. Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé (At 6,1-7).

3.1.1 A imagem ideal do cristianismo

Alguns comentaristas chegam a dizer que Lucas estaria traçando a imagem ideal do cristianismo, nesse texto; no entanto, ele relata a respeito duma certa tensão na igreja que estava iniciando. A igreja era perpassada por uma diferença

⁴⁵ Cada um dos 12 homens que Jesus escolheu para serem seus seguidores e para lançarem as bases da Igreja (Mt 10,2-4; Ef 2,20). Apóstolo quer dizer "mensageiro", isto é, aquele que é enviado para anunciar a mensagem de Deus. Por anunciarem o evangelho, Paulo e alguns outros também foram chamados de apóstolos (1 Co 15,9; At 14,14).

natural: havia “helenistas”, judeus dos países ocidentais, que falavam grego⁴⁶, e “hebreus”, os judeus de língua aramaica da Palestina (e do Oriente propriamente dito). Diferenças assim nunca deixam de ser significativas. Os grupos de língua grega passavam por dificuldades nos encontros cristãos, nos quais se falava – inclusive por parte dos apóstolos – o aramaico. Deve ter surgido rapidamente uma tendência para realizar reuniões próprias no idioma familiar grego.

Os helenistas (At 6,1-6). Estes seis versículos se tornam singulares em Atos porque eles são chamados de cristão “discípulos” “mathetai” pela primeira vez, e só aqui Lucas fala: “dos doze” (6,2) ou de “os hebreus”. Pegou estes seis versículos de uma fonte especial. A disputa entre os “hebreus” e os “helenistas” faz ver a necessidade de “auxiliares” (diakonoi) na primitiva comunidade, o que equivale a necessidade de estruturar a mesma comunidade (BROWN, FITZMYER, MURPHY, CARM, 1972, p. 464).

Por outro lado, a beneficência da igreja, que de acordo com At 4,35 não podia mais ser um empreendimento meramente pessoal em vista do crescente número de cristãos, mas acontecia pela mediação dos apóstolos, não alcançou de maneira plena esses grupos “helenistas”. As viúvas⁴⁷ “estavam sendo esquecidas na distribuição diária”. Mais uma vez notamos como toda a narrativa de Lucas é

⁴⁶ Há cerca de 2.500 anos, desenvolveu-se na Grécia uma das civilizações mais importantes da Antiguidade e também uma das mais influentes de toda a história. Arquitetos gregos criaram estilos que são copiados até hoje. Seus pensadores fizeram indagações sobre a natureza que continuam a ser discutidas nos dias atuais. O teatro nasceu na Grécia, onde as primeiras peças eram apresentadas em anfiteatros abertos. Foi em Atenas que se fundou a primeira democracia, isto é, o governo do povo. A democracia ateniense incluía apenas os cidadãos homens, excluindo escravos (um número muito alto) e mulheres, portando, uma minoria votava. A sociedade grega atravessou diversas fases, atingindo o apogeu entre os anos 600 e 300 a.C., com grande florescimento das artes e da cultura. A Grécia foi unificada por Filipe da Macedônia. Seu filho, Alexandre o Grande, disseminou a cultura grega pelo Oriente Médio e pelo norte da África.⁴⁶ As pesquisas arqueológicas nos grandes centros urbanos do período homérico revelaram-nos muito das cidades antigas (NETO, 2007, p. 14).

⁴⁷ (1 Tm 5,3) Um estudo não preconceituoso dos detalhes desse trecho não permite concluir que se trate de uma regra consolidada para viúvas. O todo, embora mais detalhado do que as instruções anteriores e subsequentes estão nitidamente sob um enfoque de cuidado pastoral. As viúvas (v. 3), assim como os presbíteros (v. 17) e os dirigentes (1 Tm 6.1), devem ser respeitadas, e todos devem ser exortados sob as respectivas circunstâncias. Em Éfeso havia naquele tempo uma das maiores igrejas, na qual também vivia um número correspondente de viúvas. No séc. III a igreja em Roma auxiliava 1.500 viúvas carentes. Na época de Crisóstomo 3.000 viúvas cristãs teriam atuado no serviço eclesiástico. Assim como aconteceu muito cedo em Jerusalém, assim também em Roma e Éfeso se tornou inevitável certa regulamentação. Quando se considera que mesmo Hipólito de Roma, rigoroso combatente dos hereges e severo asceta, se volta contra a ordenação das viúvas, é difícil depreender como o presente texto já apresentaria uma regulamentação eclesiástica do diaconato das viúvas. No AT viúvas, órfãos e estrangeiros gozam de proteção jurídica especial. Não devem ser desprezados nem explorados, mas honrados e alimentados. A verdadeira viúva não tem recursos próprios ou parentes. Abandonada, ela confia no Deus das viúvas e dos órfãos (BURKI, 2007, p. 256).

sucinta. “E se distribuía a cada um segundo a necessidade da pessoa” (At 4,35). Assim ele escrevera, sintetizando brevemente o essencial. Para ele deve ter sido evidente que entre os “necessitados” estavam em primeiro lugar as “viúvas”. De 1 Tm 5,3-16 depreendemos que a previdência para as viúvas continuou sendo uma área central do serviço da igreja.

Na Antiguidade simplesmente não havia uma possibilidade de ganho próprio para mulheres. Se uma viúva não tinha filhos que providenciassem seu sustento, ela se encontrava em grande aflição. Nessa situação, porém, estavam principalmente as viúvas dos “helenistas”. Depois de velhos, casais haviam se mudado do exterior para a Terra Santa, sobretudo para Jerusalém. Estando morto o marido, e vivendo os filhos numa terra longínqua, o que seria da esposa agora?

Dessa forma começou o serviço beneficente da igreja, inicialmente da judaica, e agora também da cristã. Conseqüentemente, as diferenças linguísticas e a grande extensão da igreja transformaram-se em empecilhos. Naquele tempo as viúvas viviam uma vida sossegada e recatada. Provavelmente os apóstolos conheciam melhor as viúvas do grupo aramaico e viam-nas com mais frequência. As viúvas helenistas eram “esquecidas”.

A Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes (cf. Mt 9,35-36). Ele, sendo o Senhor, fez-se servo e obediente até a morte de cruz (cf. Fl 2,8); sendo rico, escolheu ser pobre por nós (cf. 2 Cor 8,9), ensinando-nos o caminho de nossa vocação de discípulos e missionários. No Evangelho aprendemos a sublime lição de ser pobres seguindo a Jesus pobre (cf. Lc 6,20; 9,58), e a de anunciar o Evangelho da paz sem bolsa ou alforje, sem colocar nossa confiança no dinheiro nem no poder deste mundo (cf. Lc 10,4 ss). Na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho (CELAM, Aparecida, 2007).

Tampouco Lucas relatou que essa distribuição para cada um de acordo com sua necessidade já levava a uma forma de ajuda regular. Uma atividade dessas se consolida inesperadamente numa instituição. Ao que parece, portanto, desenvolveu-se a prática de alimentar regularmente os necessitados, de realizar refeições diárias para as quais as viúvas helenistas não eram convidadas. Porém, a circunstância de que determinadas pessoas não apenas se viam excluídas de uma doação livre e eventual, mas de uma assistência regular, que parecia conceder também a elas um “direito” a determinados benefícios, gera especial tristeza e amargura. “Houve

murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária”.

A reclamação chega até os apóstolos! Representava uma acusação também contra eles, em cujas mãos estavam a aplicação e a distribuição das dádivas. Mas os apóstolos não reagem melindrados, e sim objetivamente. Não tomam simplesmente uma decisão por conta própria, mas envolvem a igreja toda na dificuldade que emergiu (como já fizeram em At 1,15 e tornarão a fazer em At 15,4.22). “Convocam a multidão dos discípulos”, e os “Doze” dão a declaração unânime: “Não é agradável a Deus que nós negligencemos a palavra de Deus para servir às mesas.”

Com a nomeação destes auxiliares, na igreja mãe de Jerusalém aparecem três categoria: apóstolos, anciãos e auxiliares. A antiga hierarquia precisava se reestruturar. 1. Discípulos: Este termo não havia se aplicado aos cristãos desde Lc 22,45; e reaparecerá na história de Paulo (9,1.10.19). Helenistas, desde João Crisóstomo se havia entendido “judeus de fala grega”. Cadbury susteve que hellenistés significa simplesmente Hellen, “um grego”, porque era um derivado de hellenizó, que significa “viver como um grego”, não “falar em grego”. Helenistas era o nome dos membros gentios da igreja palestinese. No livro de atos, Lucas não dá indício de uma igreja judaico-cristã. Sendo que Paulo era um judeu da diáspora que falava grego, e se chama “hebreu” a si mesmo (Fp 3,5), pode se concluir que o “helenistas” eram “judeus que só falavam grego” enquanto “judeus que eram capazes de expressar-se em grego” (BROWN, FITZMYER, MURPHY, CARM, 1972, p. 464).

Os apóstolos não estão primeiramente comovidos com a murmuração e as acusações. Não se desculpam nem prometem trazer uma solução imediata. Tampouco olham primeiro para a carência existente, por mais “cristã” que essa atitude poderia parecer. Imediatamente levantam os olhos para o Senhor e perguntam pela vontade dele. Isso é viver “com fé”! Esse olhar torna a pessoa livre e objetiva! Pois é evidente que “negligenciar a palavra” não pode ser vontade e incumbência de Deus.

Ate agora os discípulos tinham sido unânimes; repetidas vezes isto tinha sido notado para honra deles, mas agora que estavam se multiplicando, começaram as reclamações. A palavra de Deus era suficiente para cativar todos os pensamentos, os interesses e o tempo dos apóstolos. As pessoas escolhidas para servir as mesas devem estar devidamente qualificadas. Devem estar cheias com dons e graças do Espírito, necessários para ministrar retamente este cometido; homens verazes que odeiem a cobiça. Todos os que estão ao serviço da Igreja, devem ser encomendados à graça divina pelas orações da igreja. Eles os abençoaram em nome do Senhor. A palavra e a graça de Deus se engrandecem enormemente quando trabalham

nas pessoas que parecem menos prováveis para isso (HENRY, 2002, p. 234).

Os apóstolos realmente honram a Deus como Deus, e confirmam que o ser humano não vive somente do pão, mas de toda palavra que procede da boca de Deus, e que a mensagem que lhes foi confiada compõe-se literalmente de “palavras desta vida” (At 5,20), das quais depende a vida eterna das pessoas.

Os doze: No relato de Lucas são os apóstolos (1,26; 2,14). Descuidar a palavra de Deus para servir as mesas: O possivelmente “levar as contas”, repartir entre os pobres. 3. Sete varões. Ainda que são chamados diakonoi (auxiliares e mais tarde “diáconos”, se trabalho e uma diakonia 6.1 “serviço” e deles se dizem que “servem” (diakonein”. Segundo esta idéia básica de ministério na igreja estruturada não difere do “serviço da palavra”, que é a tarefa dos apóstolos; em ambos casos, se “serve”, de boa chama, cheios do Espírito Santo (Nm 27,18). Semelhantes qualidades poderiam parecer supérfluas com vistas a função para que foram selecionados (BROWN, FITZMYER, MURPHY, CARM, 1972, p. 464).

No entanto, os Doze não estavam menosprezando a assistência material. Não se pode simplesmente tolerar que viúvas padeçam fome. É preciso providenciar uma solução. Porém – aí está a igreja! “Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos dessa tarefa”. Para esse momento, portanto, é preciso escolher homens capazes. As pessoas a quem se confia dinheiro precisam ter “boa reputação”. Os apóstolos não dizem por que devem ser justamente “sete”. Contudo, nas comunidades judaicas a diretoria local geralmente era formada por sete homens, os quais eram chamados “os sete da cidade”.

Por isso os apóstolos podem ter pensado involuntariamente nesse número. Seja como for, esses homens depois são denominados “os Sete” (At 21,8), mas não “diáconos⁴⁸”, como muitas vezes dizemos sem conferir as fontes.

Costumamos chamar esses sete homens de Atos 6 de “diáconos”, pois o termo grego *diakonos* é usado em Atos 6,1 (“distribuição”), e o verbo *diakoneo* (“servir”) é usado em Atos 6,2. No entanto, não recebem oficialmente este título aqui. Filipenses 1,1 fala de diáconos e 1 Timóteo 3,8-13 apresenta as qualificações para essa função. O termo significa simplesmente “servo”. Esses sete homens eram servos humildes da igreja e

⁴⁸ **διακονος, diakonos**, alguém que executa os pedidos de outro, esp. de um mestre, servo, atendente, ministro; o servo de um rei; diácono, alguém que, em virtude do ofício designado a ele pela igreja, cuida dos pobres e tem o dever de distribuir o dinheiro coletado para uso deles (STRONG, 2002, H8679).

seu trabalho permitiu que os apóstolos dessem continuidade ao ministério importante que exerciam no meio do povo (WIERSBE, 2007, p. 249).

Agora é mencionado o pré-requisito interior: “cheios do Espírito e de sabedoria.” Também esse “serviço à mesa” é, numa igreja de Jesus, um “ministério espiritual”, e não mera “questão administrativa” que pudesse ser enfrentada simplesmente com forças e recursos humanos. Nessa circunstância fica singularmente claro como a frase dos apóstolos sobre seu próprio trabalho era de fato “objetiva”. Ela não significava que pessoas mais insignificantes também pudessem cuidar de coisas tão simples; os apóstolos não se achavam superiores para não exercerem uma tarefa como essa. Não, a beneficência na igreja demandava homens primorosos, “cheios do Espírito e de sabedoria”.

Naquele lugar estavam Estevão e Filipe, dois dos auxiliares, são descritos quase imediatamente depois o papel de pregadores e evangelistas. As qualidades mencionadas têm em conta a função. Oração: 1,14; 2,42; 4,23-31. Ministro da palavra: A pregação da palavra a mensagem cristã se descreve, como um serviço Lc 1,2. Assembleia: Se descreve a comunidade de Jerusalém como pléthos, “multidão”, termo que se usa em um sentido um tanto semelhante ao de rabbim “muitos” (BROWN, FITZMYER, MURPHY, CARM, 1972, p. 464).

Na narrativa de Lucas ainda não existe qualquer hierarquia dos “cargos”, com o qual a igreja em breve se adequou ao “esquema” deste mundo, dando assim vazão a todas as pulsões da natureza humana que contradizem profundamente a palavra e essência de Jesus, a saber, a ambição, a ânsia por direitos e privilégios, a insistência em posições exteriores.

Lucas esta apontando um caminho como modelo para ilustrar como uma igreja viva sabe tomar providências práticas quando aparecem dificuldades e carências, vendo também as atividades dessa natureza e as repercussões do Espírito de Deus que nela habita.

3.1.2 O Serviço da Palavra

A fala dos apóstolos é objetiva e sensata: “Quanto a nós, porém, perseveraremos na oração e no ministério da palavra.” Quando se pensa no serviço

cristão precisa-se agir com objetividade, passos precisam ser dados para atender as necessidades das pessoas.

Alguns teóricos desenvolvem formulações edificantes para contradizer os apóstolos e lhes mostrar que de fato teriam cumprido a incumbência do Mestre se tivessem “servido às mesas” de modo humilde e amoroso. Com toda a naturalidade esperam que os “servos da palavra” dediquem considerável parcela de seu tempo e suas energias em “servir às mesas”.

Para isso não se carece de justificativas teológicas cristãs convenientes. Deve-se ouvir de forma nova o que os apóstolos expressam com clareza e determinação. Em primeiro lugar citam a necessidade da oração! De fato, quanto tempo e energias requerem a vida de oração do servo da palavra, se tiver o propósito de corresponder pelo menos satisfatoriamente a tudo que está diante dele apenas na congregação que lhe foi confiada! Será que a flagrante impotência de nossa igreja não tem como raiz o fato de que nossos ministros não conseguem mais “perseverar na oração” por causa de tantas sobrecargas? ⁴⁹

Mais uma vez admiramos a formulação do Espírito Santo quando Pedro acrescenta à oração o “serviço da palavra”. Os apóstolos não visam esquivar-se do “servir” e assim manter-se aristocraticamente em altitudes edificantes. Estão conscientes de que Jesus os chamou para “servir”. Não querem servir menos do que os Sete que a seguir serão eleitos, não querem ser menos “diáconos” que eles.

Porém seu serviço se realiza em outra área, exigindo tudo deles. O “serviço da palavra” simplesmente não deixa sobrar tempo e força para outro ministério. “A palavra agradou a toda a multidão.” Lucas emprega uma expressão do Antigo Testamento conforme a encontrava em sua Bíblia grega (p. ex. em 2 Sm 3,36). O Antigo Testamento já chamava toda a comunidade de Israel de “toda a multidão” (2 Cr 31,18). “E elegeram...”; a multidão “elegeu”, sem que obtenhamos informação sobre o procedimento usado. Os nomes dos eleitos têm uma entonação grega.

⁴⁹ Cumpre referir aqui a **John Heyd, der Beter** [O homem que orava], Beatenberg 1955. Porém também em todos os demais homens e mulheres com poder dado por Deus (Hudson Taylor, Karl Studd, Georg Müller, Mãe Eva) a oração era a primeira e mais importante coisa de sua vida.

Devem ter sido nomeados justamente “helenistas” porque a negligência em relação às viúvas deles havia sido a causa de toda essa ação.

Os sete varões escolhidos levavam os nomes gregos, e Lucas faz ver que se trata de helenistas. Estevão: A descrição que dele se faz antecipa a função que fará de cumprir, só e conhecido por esse episódio. Filipe: 8,5-8; 21,8-9, Prócoro, Nicanor, Timão, Parmenas, Nicolau de Antioquia: Posteriormente associaram Nicolas com Nicolaitas de Ap 2,6.15. Impuseram as mãos: Não está claro qual é o sujeito do verbo, “os doze” o “a comunidade”. A imposição das mãos expressava a solidariedade entre as pessoas que faziam e quem a recebiam, uma autoidentificação de uma pessoa com outra com respeito à categoria, o ofício ou qualidade; implicava a associação com o outro em quanto e um dom espiritual, uma benção ou uma função (BROWN, FITZMYER, MURPHY, CARM, 1972, p. 464).

Nicolau é chamado expressamente de “prosélito de Antioquia”. Pela primeira vez aparece um grego de nascença, um “gentio” no âmbito da igreja de Jesus, ainda que pela via do ingresso na cidadania israelita. Pela primeira vez soa também o nome “Antioquia”, que mais tarde se torna tão importante em Atos dos Apóstolos. Sendo o próprio Lucas originário de Antioquia, ele dispunha de conhecimentos especialmente precisos.

Em contrapartida, uma pessoa como Filipe, apesar do nome grego, dificilmente seria um helenista. Mais tarde, atuou intensamente na Samaria, ou seja, numa área de língua aramaica. No caso desses homens ocorre algo semelhante como no caso dos apóstolos. Na sequência ouviremos mais somente sobre Estevão e Filipe; os demais não são mais citados em Atos dos Apóstolos. Prestaram o serviço para o qual foram eleitos neste momento, e isso basta.

Porém se apresenta Estevão e Filipe no serviço de evangelistas! Isso somente causará alguma reação enquanto ainda se permanecer à ideia dos “cargos”. Atos dos Apóstolos nos mostra que os encarregados que assumiam compromissos concretos junto com determinada incumbência não perdiam nada de seu direito de cristãos, e de forma alguma se pensava que Estevão prepararia o alimento, e deixaria a palavra por conta dos outros.

Pelo contrário, ele continua sendo o que é, servo da igreja, membro do corpo do Senhor, e por isso testemunha de sua graça, lutador por seus direitos, e morrer

sem que fosse alvo da crítica: Teu diaconato te enviou para a cozinha, e não ao posto de mártir.

3.1.3 Ungidos para o serviço

“Apresentaram-nos perante os apóstolos, e estes, orando, lhes impuseram as mãos”⁵⁰. Cabe observar alguns aspectos. Por um lado são os apóstolos que investem os eleitos no serviço. A imposição das mãos mediante oração não é apenas uma confirmação formal da eleição. Para as pessoas do pensamento bíblico, desde o Antigo Testamento a imposição das mãos era uma transferência real de plenos poderes e força para o ministério (Nm 27,18-23; Dt 34,9), o que é enfatizado seriamente pela imagem negativa oposta, de transmissão real da culpa pela imposição das mãos (Êx 29,15; Lv 16,21; Nm 8,12). Nesse ato não apenas se indica simbolicamente, mas se age de modo eficaz. Por outro lado, porém, como mostra At 13,3, esse ato não tinha o sentido oficial e hierárquico de uma “função” puramente “apostólica”⁵¹.

O cuidado dos pobres foi confiado aos diáconos. Todavia, *na Epístola aos Romanos* lhes são atribuídas duas modalidades: “*Aquele que distribui*”, diz Paulo aí, “faça-o com simplicidade; *aquele que exerce misericórdia, com alegria*” [Rm 12,8]. Uma vez que certamente ele está falando dos ofícios públicos da Igreja, necessariamente houve dois graus distintos *de diáconos*. A não ser que me engane o juízo, no primeiro membro *da cláusula* ele designa os diáconos que administravam as esmolas; no segundo, porém, aqueles que se dedicaram a cuidar dos pobres e dos enfermos, como, por exemplo, as viúvas das quais faz menção a Timóteo [1 Tm 5,9.10]. Pois nenhum outro ofício público podiam as mulheres desempenhar além do serviço aos pobres. Se recebermos isto (como tem de ser absolutamente recebido), duas serão as modalidades de diáconos, dos quais uns servirão à Igreja na administração das coisas relativas aos pobres; outros, cuidando dos próprios pobres. Mas, ainda que o

⁵⁰ Colocação das mãos sobre a cabeça de alguém. No AT, ato que simboliza: a transmissão de bênção e de direitos de herança (Gn 48,14-20); a comunicação de dons e direitos para o exercício de um cargo (Nm 27,18.23); a dedicação de um animal a Deus (Lv 1.4). No NT esse ato simboliza a comunicação de bênção (Mt 19,13.15); a restauração da saúde (Mt 9,18; At 9,12.17); a recepção do Espírito Santo no batismo (At 8,17.19); a separação para a prestação de serviços na causa de Deus (At 6,6; 13.3; 1 Tm 4,14; 2 Tm 1,6).

⁵¹ Na idéia da “sucessão apostólica”, que também era considerada importante por uma pessoa como o conde Von Zinzendorf, reside uma verdade bíblica que podemos aceitar como dádiva. Não deixa de ser importante que alguém como Moisés imponha as mãos a seu sucessor Josué! Contudo, também no gesto genérico de “estender a mão” e no “aperto de mãos” ainda temos uma percepção de que se estabelece uma ligação real e de que se oferece ao outro algo de nossa confiança, nosso amor, nossa força. Como poderia deixar de acontecer algo tal quando pessoas cheias do Espírito, que conscientemente levantam os olhos para o Senhor, impõem as mãos mediante oração e transmitem a bênção, seja para a cura (Mc 16,18), seja para equipar e enviar para o serviço (2 Tm 1,6).

próprio termo diakoni, tenha sentido mais amplo, contudo a Escritura denomina especialmente diáconos aos que são constituídos pela Igreja para distribuir esmolas e cuidar dos pobres, como seus procuradores. A origem, a instituição e o cargo dos diáconos o menciona Lucas nos Atos dos Apóstolos [6,3]. Ora, como fosse excitado pelos gregos o murmúrio de que no ministério dos pobres as viúvas estavam sendo negligenciadas, os apóstolos, justificando que não poderiam atender a ambos os ofícios, solicitam da multidão que fossem escolhidos sete homens probos que atendessem não só à pregação da Palavra, mas também ao ministério das mesas, aos quais confiassem essa função. Aqui está a missão dos diáconos nos dias dos apóstolos, e como devemos tê-los conforme o exemplo da Igreja primitiva (CALVINO, 2008, p. 69).

“E crescia a palavra de Deus.” Como também em 2 Ts 3,1, “a palavra” é considerada como uma grandeza independente com vitalidade e poder vivificador próprios. Realmente não somos mais que “servos” dessa palavra, que não precisamos tornar grande e eficaz com base no nosso empenho e dedicação. À Deus seja rendida sincera gratidão porque também nós podemos presenciar como a própria palavra “corre” e “cresce”. Esse fato gera um compromisso ainda maior para dedicar todo o amor e energia no serviço cristão, libertando ao mesmo tempo as ações cristãs de qualquer tensão temerosa. Como diz o historiador Eusébio de Cesarea:

Assim, sem dúvida por uma força e uma assistência de cima, a doutrina salvadora, como um raio de sol, iluminou subitamente toda a terra habitada. De pronto, conforme as divinas Escrituras, a voz de seus evangelistas inspirados e de seus apóstolos *ressoou em toda a terra, e suas palavras nos confins do mundo*. Efetivamente, por todas as cidades e aldeias, como numa época fervilhante, constituíam-se em massa igrejas formadas por multidões inumeráveis. Os que por herança ancestral e por um antigo erro tinham suas almas presas da antiga moléstia da superstição idólatra, pelo poder de Cristo e graças ao ensinamento de seus discípulos e aos milagres que os acompanhavam, tendo rompidas suas penosas prisões, afastaram-se dos ídolos como de amos terríveis e cuspiram fora todo o politeísmo demoníaco e confessaram que não há mais do que um só Deus: o criador de todas as coisas. E a este Deus honraram com os ritos da verdadeira religião por meio de um culto divino e racional, o mesmo que nosso Salvador semeou na vida dos homens. Pois bem, como quer que a graça divina já se difundisse pelas demais nações, e em Cesaréia da Palestina Cornélio e toda sua casa haviam sido os primeiros a aceitar a fé em Cristo por meio de uma aparição divina e do ministério de Pedro, também em Antioquia ela foi aceita por toda uma multidão de gregos aos quais haviam pregado os que foram dispersados quando da perseguição contra Estevão (EUSEBIO, 2002, p. 230).

“E, em Jerusalém, aumentava muito o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé.” Lucas havia demonstrado que a categoria dos sacerdotes judaicos era a verdadeira adversária de Jesus e depois também da mensagem de Jesus. Contudo, agora acontece o milagre (Jo 7,48) de que a palavra

invade até as fileiras desses adversários⁵². Justamente aqui Lucas formula de forma precisa: “Obedeciam à fé.” Esses sacerdotes não eram atraídos a Jesus por um entusiasmo súbito.

O serviço cristão acompanhado pela fé em Cristo tinha de mostrar-se a eles com seu direito divino e sua necessidade interior, de sorte que davam o passo até Jesus como um passo de obediência, contrariando toda a sua postura anterior e todas as dificuldades. No idioma grego o imperfeito novamente assinala que esse “tornar-se obediente” diante da fé aconteceu apenas aos poucos, passo a passo.

Nesse processo também a “multidão de sacerdotes” pode ter sido grande apenas em relação à atitude geral da categoria sacerdotal, e não um contingente numericamente “grande”. Porém no caso dos sacerdotes torna-se especialmente explícito o que é inerente à fé genuína. A fé autêntica não é arbitrária, não é “sentimento”; tampouco é apenas aceitar uma grande felicidade e se prontificar a servir ao próximo, como Jesus ensinou.

Do contrário, com que rapidez poderiam se tornar novamente inseguros quando os sentimentos desaparecesse, ou quando, em lugar da felicidade, grandes aflições decorrentes da fé e do serviço. A fé somente será clara e firme quando ela se submeter em obediência ao serviço cristão e acabará de modo irrefutável na ação de Deus em Jesus. Ao mesmo tempo, no entanto, a expressão também mostra que nunca se alcança a fé de forma mecânica, através de uma “subjugação” qualquer. O serviço precisa ser testificado pela fé e a fé comprovada pelo serviço⁵³. O coração

⁵² Apontou-se para o fato de que havia cerca de oito mil sacerdotes, muitos dos quais viviam em grande penúria econômica e por isso formavam um contraste social com a nobreza sacerdotal. Porém isso de forma alguma “explica” a adesão de integrantes de suas fileiras ao cristianismo. Sua situação também podia detê-los diante dessa adesão. Será que deveriam perder o último, ainda que precário, apoio, transformando os sumo-sacerdotes em seus inimigos, cujo poder e influência conheciam de sobejo? Será que podiam ser atraídos por um movimento cujo líder declarava: “Prata e ouro não tenho”?

⁵³ “Crer”, em grego pisteúein; A palavra grega significa: “confiar em alguém”. Tem em vista um relacionamento pessoal com outro ser humano. O mesmo também acontece com nosso termo “crer”. Está ligado à idéia de “prometer”, “amar”, e tem o sentido de “confiar” em alguém, “confiar-se” a ele. No NT “crer” significa: viver com Deus, com Jesus Cristo em comunhão pessoal no convívio diário e confiante. Jesus compara a fé com a ligação intrínseca entre ramo e videira (Jo 15,4). Paulo escreve: “Sede radicados nele” (Cl 2,7). Não é diferente o entendimento de Tiago acerca da fé aprovada na tribulação (Tg 1,2), que não se deixa separar de seu Senhor por ninguém e por nada. “Obras”, em grego: erga, o sentido não é de “obras da lei”, das quais Paulo declara que não justificam o ser

do ser humano às vezes acomodado deseja ser subjugado, de modo que fique isento de crer e agir. A verdade de Deus é demonstrada com clareza. Agora, porém, resulta a tarefa de agir crendo e crer para agir, assim o cristão estará cumprindo as orientações do Mestre.

3.2 O MODELO DE SERVIÇO PROPOSTO POR PAULO (Atos 20,17-38)

Nesse capítulo será abordado o discurso do apóstolo Paulo para seus companheiros de ministério, esse fato ocorreu na cidade de Mileto, durante a terceira viagem missionária do apóstolo. Também será analisada a fala e conteúdo do discurso a partir de uma perspectiva pastoral. Paulo apresenta seu exemplo e postura durante seu ministério, exorta a seus líderes para que se comportem da mesma forma e por fim, apresenta uma série de posturas éticas a serem reproduzidas por aqueles que seguem a Jesus e desempenham tarefas ministeriais.

humano (Rm 3,20.28). “Lei” nessa acepção é o dever imposto ao ser humano, ou melhor, que ele mesmo se impõe com a finalidade de construir a própria salvação pelo respectivo cumprimento. Constitui informação inequívoca de todo o NT que o ser humano não pode nem deve criar assim sua salvação. Tiago, que no v. 13 diz que a misericórdia triunfa sobre o juízo, de forma alguma representa uma exceção nesse caso. Aqui em Tiago, porém, se fala das “obras” da fé, do fruto do agradecimento e da volta do ser humano para casa. A aparência de um contraste entre Tiago e Paulo surgiu não por último pelo fato de que Tiago chama de “obras” o que em outras partes do NT é chamado de “fruto”. Novamente nos termos da parábola do filho pródigo: o que a pessoa agraciada fizer na sequência não será premissa nem condição prévia de sua volta para casa, mas consequência e o fruto de sua acolhida. O que fizer será feito por amor e gratidão. Isso se tornou possível porque agora vive com o Pai e respira o ar da casa do Pai. O filho não teria retornado de fato se não trabalhasse com o Pai como filho na casa. Com outras palavras: do contrário, a fé não seria fé. – Tiago não entende por “obras” o mesmo a que Paulo se refere em Rm 3,28, mas o que ele cita em Rm 12,1ss. Inicia, por assim dizer, sua carta apenas em Rm 12. O anterior é pressuposto por Tiago, ele se respalda nisso. A carta de Tiago não é pregação da lei, mas pregação da nova obediência, pregação de santificação. Precisamente assim é que Tiago se move integralmente nas balizas do NT: “Persegui a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12,14). No dia da revelação do justo juízo Deus dará a cada um conforme suas obras (Rm 14,10; 2 Co 5,10). A fé, que também Paulo prega, atua por intermédio do amor (Gl 5,6). Rm 12 não constitui apenas um apêndice da grande descrição do agir salvador de Deus, mas a comunicação do que esse agir visa alcançar em nossa vida, das decorrências que precisam acontecer hoje em nós: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12,1). (Principalmente o próprio Jesus salientou a importância da nova obediência (Mt 7,21; etc.). O que Tiago diz, ele aprendeu de seu Mestre, mais uma vez, sobretudo das palavras do Sermão do Monte (GRUNZWEIG, 2008, p. 64).

3.2.1 Paulo faz uma apresentação do seu ministério

Para uma melhor compreensão do assunto cabe destacar aqui no texto uma possível cronologia da vida de Paulo⁵⁴.

Uma possível cronologia da vida de Paulo e de suas cartas. 36 Conversão de Paulo a caminho de Damasco. 39 Visita a Jerusalém. 40-44 Estadia na Cilícia (Ásia Menor), região natal de Paulo. 40-45 Chegada e estadia em Antioquia (Síria). 46-49 Primeira viagem missionária: Antioquia a Chipre e depois ao Sul da Ásia Menor, Regresso a Antioquia. 50-52 Segunda viagem missionária: Antioquia pelo Sul da Ásia Menor, Galácia, Macedônia e Corinto (I Ts). Regresso a Antioquia. 53 O Concílio de Jerusalém. 54-58 Terceira viagem missionária: Antioquia pela Galácia, Éfeso, onde Paulo permanece por três anos é preso (Gl, Fp, 1 e 2 Co). 57 Inverno em Corinto (Rm) e regresso a Jerusalém. 58-60 Jerusalém - Encarceramento na Cesárea Marítima. 60-61 viagem a Roma pelo mar. 61-63 Prisioneiro em Roma (durante dois anos). 65 Morto em Roma debaixo do governo de Nero (DEBERGE, 2005, p. 12).

De Mileto, mandou a Éfeso chamar os presbíteros da igreja⁵⁵. E, quando se encontraram com ele, disse-lhes: Vós bem sabeis como foi que me conduzi entre vós em todo o tempo, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia – servindo ao Senhor com toda a humildade, lágrimas e provações e muito trabalho para sobrevivência pessoal (1 Co 4,11-12).

⁵⁴ Paulo se mostrava satisfeito em ser “judeu” (At 21,39; 22,3, Israelita (2 Co 11,22; Rm 11,1) “Hebreu nascido de hebreus” e quanto a Lei, fariseu (Fp 3,6 e At 23,6). Vivi como fariseu de conformidade com o partido mais radical de nossa religião (At 26,5 e Gal 1,14). Foi educado aos pés de Gamaliel (At 22,3) se refere a Gamaliel o velho cujo apogeu em Jerusalém se situa nos anos 20-50. Ao chamar-se “hebreu”, Paulo provavelmente queria dar a entender que era um judeu de língua grega, porém que podia falar aramaico (At 21,40; 26,14). Jerônimo consigna ao rumor da família de Paulo procedia de Giscala, cidade Judéia. A primeira educação de Paulo se realizaria na sua maior parte em Jerusalém: “Eu sou judeu, nascido em Tarso na Cilícia, criado nessa cidade (Jerusalém) e educado aos pés de Gamaliel (At 22,3), isso implicaria que na realidade a língua materna de Paulo era o aramaico que sua maneira de pensar era semítica (BROWN, FITZMYER, MURPHY, CARM, 1972, p. 553).

⁵⁵ Portanto, as cidades, uma a uma, tinham *seu* colégio de presbíteros, que eram pastores e mestres. Ora, nem todos exerciam entre o povo o ofício de ensinar, de exortar e de corrigir, o qual Paulo impõe aos bispos; mas também, para que deixassem semente após si, empenhavam-se diligentemente em instruir aos mais jovens que se haviam alistado na sagrada milícia. A cada cidade era atribuída certa região, a qual daí recebesse *seus* presbíteros e fosse como que integrada ao corpo dessa igreja. Os colégios *presbiteriais*, cada um *deles*, como disse, meramente no interesse de conservar-se uma *boa* gestão e a paz, estavam sob a direção de um bispo, o qual aos outros de tal modo precedia em dignidade, que estivesse sujeito à assembléia dos irmãos. Se, porém, o campo que lhe estava sob o episcopado era amplo demais para que pudesse cumprir por toda parte a todos os deveres de bispo, designavam-se presbíteros para certos lugares através do próprio campo, que lhe fizessem às vezes em questões de importância menor. A esses chamavam *bispos regionais*, porque representavam o bispo *geral* através da própria província (CALVINO, 2008, p. 76).

Numa determinada época, Paulo se encontrava em Corinto e tem a oportunidade de conhecer ali um casal: Áquila e Priscila, eles tinham acabado de chegar da Itália. São trabalhadores que tem um bazar de lonas. São cristãos, porque Paulo não menciona seus nomes entre aqueles que ele batizou em Corinto (1 Co 1,14). Unem-se a Paulo e compartilham alojamento, trabalho e comida. Temos então a seguinte situação: durante a semana Paulo trabalha manualmente e todo o sábado falava na sinagoga, tratando de convencer aos judeus e gregos (At 18,4) Porém quando Silas e Timóteo chegam da Macedônia, Paulo poderá dedicar-se integralmente a pregação da palavra (At 18,5) (DEBERGE, 2005, p. 15).

Recorrendo ao mapa, observamos o itinerário que, ao contrário das demais vezes em Atos, é narrado com tanta precisão. Aqui Lucas incorporou à sua obra um breve trecho de seu diário de viagem. Paulo “determinou” que seus companheiros fossem de navio à frente dele para Assôs, 25 km ao sul de Trôade, recebendo-o no navio somente ali. Ele mesmo percorre o trajeto por terra. Lucas não informa a razão dessa determinação. Quantas coisas havia para refletir e orar: todo o enorme campo de trabalho, no qual havia “terminado” sua atividade (Rm 15.23), e “Jerusalém”, “Roma” e “Espanha”, descortinando-se diante dele de modo ameaçador e convocador (Rm 15,22-32).

Na sequência, a viagem passa pelas ilhas da costa da Ásia Menor, por Mitilene e Quios, até os contrafortes de Trogiom, que também são especialmente mencionados nos manuscritos ocidentais. Aqui Paulo tinha de decidir se desembarcaria e iria até Éfeso, ou se seguiria viagem no mesmo navio. Mas “Paulo estava, com efeito, resolvido a evitar a escala em Éfeso, para não perder tempo na Ásia”.

Ele só tinha uma urgência: estar em Jerusalém⁵⁶ se possível para o dia de Pentecostes. Novamente não é mencionado o motivo principal de toda a viagem, a

⁵⁶ Retornou a Jerusalém depois de muitos anos de permanência entre as nações, tivera comunhão de mesa com gentios, pelo que era altamente “impuro” conforme os conceitos levitas. “Ele não podia ser purificado disso apenas por um banho ao pôr-do-sol do mesmo dia, mas, de acordo com Nm 19,12, o sacerdote tinha de aspergi-lo duas vezes com água da purificação, no terceiro e no sétimo dias”. Tiago e os presbíteros esperam que: “Saberão todos que não é verdade o que se diz a teu respeito; e que, pelo contrário, andas também, tu mesmo, guardando a lei.” A questão dos cristãos das nações não é afetada por esse gesto, ela foi decidida pelo “decreto dos apóstolos”, como Tiago torna a lembrar expressamente. Portanto, Paulo não precisa se preocupar de que, obedecendo à sugestão feita por Tiago, poria em perigo a liberdade da lei de suas igrejas formadas em outras nações. Esse esclarecimento se tornava muito mais necessário em vista do fato de que os representantes dessas igrejas rodeavam a Paulo e acompanhavam todo o diálogo. Com toda a liberdade ele era capaz de ser um judeu para os judeus (1 Co 9,20). Também nesse episódio podemos afirmar como os cristãos em Cesaréia: “Faça-se a vontade do Senhor!” (BOOR, 2002, p. 309).

entrega da grande coleta para a igreja de Jerusalém, que tinha necessidades financeiras. Porém Paulo deseja estar em Jerusalém no próximo grande dia festivo, o Pentecostes, porque então poderá encontrar um número especialmente grande de membros da igreja, até mesmo das redondezas de Jerusalém.

Talvez lhe pareça mais discreto visitar a cidade hostil em meio ao alvoroço da festa. Dependemos desse tipo de conjecturas, uma vez que Lucas não fornece motivos para esse insistente desejo de Paulo. Na verdade, justamente Éfeso teria demandado uma permanência mais demorada, por causa de sua importante igreja e de seus contatos com o interior da Ásia. Portanto a viagem prossegue até Mileto.

3.2.2 Mileto e a situação geográfica

Naquele tempo Mileto⁵⁷, cerca de 60 km a sul de Éfeso, era uma cidade importante por causa de seus quatro portos. Provavelmente Paulo teve ali uma parada mais longa – talvez para trocar de navio. Até que seus emissários chegassem a Éfeso e novamente voltassem a Mileto com os presbíteros⁵⁸ transcorreriam dois a três dias, mesmo sob condições favoráveis de navegação. Ainda assim, isso consumiu menos tempo para Paulo do que se retornasse outra

⁵⁷ Mileto era a cidade mais distante ao sul, de todas as grandes cidades iônicas (gregas) da costa da Ásia Menor. Pertencia à região de Caria, que agora fazia parte da província romana da Ásia. A cidade ficava num promontório que se projetava da praia sul do golfo de Latmian, que formava o estuário do rio Meânder. Nos tempos romanos Mileto ainda era cidade de alguma importância, embora Éfeso a houvesse eclipsado havia muito tempo tanto comercial como politicamente. Sabe-se que Mileto havia abrigado uma comunidade judaica; todavia, não sabemos se Paulo pregou nela, ou se a igreja foi estabelecida ali durante os anos de sua estada na Ásia (WILLIAMS, 1998, p. 214).

⁵⁸ At 11,10. Paulo e Barnabé ordenaram esses presbíteros nas igrejas que organizaram durante a sua primeira viagem missionária, At 14,23. Evidentemente, havia presbíteros em ação em Éfeso, At 20,17, e em Filipos, Fp 1,1. As epístolas pastorais repetidamente fazem menção deles, 1 Tm 3,1.2; Tt 1,5.7. Merece atenção o fato de sempre serem mencionados no plural, 1 Co 12,28; 1 Tm 5,17; Hb 13,7, 17. 24; 1 Pe 5,1. Os presbíteros são escolhidos pelo povo como homens especialmente qualificados para governar a igreja. É evidente intenção da Escritura que o povo sempre tenha voz nas questões da seleção deles, embora não fosse assim na sinagoga judaica, At 1,21-26; 6,1-6; 14,23. Nesta última passagem, porém, a palavra *cheirotoneo* pode ter perdido o seu sentido original de designar estendendo a mão, e pode significar simplesmente designar. Ao mesmo tempo, é mais que evidente que o Senhor mesmo coloca estes governantes sobre o povo e os reveste da necessária autoridade, Mt 16,19; Jo 20,22.23; At 1,24.26; 20,28; 1 Co 12,28; Ef 4,11.12; Hb 13,17. A eleição feita pelo povo é apenas uma confirmação externa da vocação interna feita pelo Senhor. Além disso, os presbíteros, embora representantes do povo, não derivam sua autoridade do povo, mas do Senhor da igreja. Eles exercem o governo sobre a casa de Deus, em nome do Rei, e são responsáveis unicamente perante Ele (BERKHOF, 1990, p. 581).

vez pessoalmente a Éfeso. Assim sendo, “mandou a Éfeso chamar os presbíteros da igreja”.

Para Paulo está claro que as igrejas precisavam de uma ordem firme, ainda que numericamente não fossem muito grandes. Não é de surpreender que ao estabelecê-las, seguisse o comprovado exemplo das congregações judaicas. O fato de simultaneamente chamar esses presbíteros de “supervisores” (em grego “*epískopos*”, donde se formou nossa palavra “bispo”), lembra-nos que também no mundo grego havia essas funções necessárias em associações e comunidades, seculares ou religiosas, os “supervisores” = “*epískopoi*”. O número desses presbíteros em Éfeso não é informado. Naquela época tais detalhes da ordem eclesiástica nem sequer tinham importância. Por isso o discurso de Paulo aos presbíteros também é uma palavra puramente espiritual e não entra de forma alguma nas “questões da estrutura”.

3.2.3 No seu serviço Paulo exerce autoridade

Deberge (2002, p. 50-52) apresenta alguns ensinamentos de Paulo a respeito do Cristão e as autoridades. Primeiro: Paulo recorda que os cristãos vivem nesse mundo e que, portanto não podem situar-se nem por cima nem junto aqueles que exercem o poder. Posto que este seja um imperativo que regula a atitude dos discípulos de Cristo diante dos reinos, o de César e o de Deus (Mc 12,17) é preciso assumir a dupla responsabilidade do reino de César e do Reino de Deus.

Segundo ensinamento: Paulo reconhece que as autoridades e as instituições civis não são más ou malditas. São um reflexo do Poder Divino e participam de sua obra. “Instrumento de Deus para ajudar a fazer o bem”; para compartilhar a justiça e castigar aquele que faz o mal. Portanto a cada um, e sobre cada cristão, corresponde o dever de ser um bom cidadão buscando em sua época e nas situações, as modalidades concretas de um civismo plenamente vivido e reconhecido.

Terceiro ensinamento: Paulo afirma que o exercício da autoridade deve apontar para o bem comum; e como ministro de Deus, aquele que exerce autoridade deve procurar o bem comum e se opor contra aquele que faz o mal. Seguindo a mesma linha de raciocínio o autor da carta a Timóteo convidará aos cristãos a orar pelos reis e por todos aqueles que possuem autoridade, para que possamos gozar de uma vida tranquila, sossegada e digna (1 Tm 2,2). Portanto a comunidade cristã não pede em primeiro lugar a conversão dos representantes do poder pagão nem o reconhecimento de um estatuto especial para a vida religiosa. Simplesmente aqueles que possuem autoridade façam de tudo para favorecer a paz e a prosperidade.

Mais que um direito, o poder se apresenta então como um dever que obriga aqueles que o possui a contribuir para o bem de todos, assegurando-lhes condições de vida serenas e tranquilas. Assim se consolida sua legitimidade.

Quarto ensinamento: Paulo reconhece que a submissão deve ser vivida “por convicção pessoal” (Rm 13,5). Ao contrário de uma submissão passiva, resignada ou cega, deve ser fruto de uma aceitação ou uma escolha interior que se concretiza no cumprimento dos deveres cívicos, como por exemplo, o pagamento dos impostos (Rm 13,6).

Último ensinamento: Se tratando de reis, imperadores, governadores ou magistrados, todos devem exercer autoridade debaixo dos olhos de Deus. Paulo afirma claramente quando escreve: “não há autoridade que não venha de Deus”, e que a autoridade é um “instrumento de Deus” (Rm 13,1).

Isso é bom e agradável aos olhos de Deus nosso salvador. Esse é um sinal de que o exercício do poder não tem afrontado a capacidade de escolha de seus seguidores. Pelo contrário é exatamente o que reflete a argumentação de Paulo, as autoridades não podem ultrapassar seus direitos, especialmente violando o princípio do bem comum, quando faz isso perderá a sua autoridade.

Eles possibilitam argumentos que não justificam seu poder e se privam, portanto do direito que os seguidores têm de obedecer. Assim as pessoas podem se levar ao direito legítimo de não obedecer.

3.2.4 Paulo cita seu exemplo no serviço

Lucas apresenta um exemplo – o único em sua obra – de Paulo falando diante de cristãos. Por isso não surpreende que esse discurso contenha muitas semelhanças às cartas dele. “Vós bem sabeis como foi que me conduzi entre vós em todo o tempo, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia.”

Outras passagens confirmam as atividades manuais de Paulo. Na primeira carta aos Tessalonicenses, por exemplo, Paulo recorda de suas dores e cansaços. “Recordais irmãos, nossas dores e fadigas, trabalhamos dia e noite para não ser pesados a nenhum de vós, enquanto vos anunciávamos o Evangelho de Deus (1 Ts 2,9)” “Conheceis perfeitamente o exemplo que vos temos dado, porque não temos vivido ociosamente entre vós nem temos comido o pão de ninguém; pelo contrário temos trabalhado com esforço e fadiga dia e noite para não ser pesado a nenhum de vós” (2 Ts 3,7-8) (DEBERGE, 2005, p. 16).

Com a chegada dos anciãos, Paulo lhes falou, de início, de seu próprio ministério. Este lhes era bem conhecido, embora ele tivesse em mente não apenas a obra em Éfeso, mas na província toda. Todavia, a maior parte de seu tempo ele passou em Éfeso, de modo que eles tinham razão especial para expressar gratidão pelo seu ministério. Daí a ênfase no grego no pronome pessoal vós, na frase vós bem sabeis, desde o primeiro dia... Como em todo esse tempo me portei no meio de vós. Esse apelo à memória do povo é traço familiar da fala de Paulo (Fp 1,5; 4,15; Cl 1,6; 1 Ts 2, 15), embora o verbo "saber" seja característica de Lucas.

Paulo não começa com princípios, regras ou instruções, mas com seu próprio exemplo. Foi assim que também escreveu aos Filipenses: “Irmãos, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós” (Fp 3,17). Isso faz parte da essência do evangelho, em contraposição a toda a “lei”: Da realidade concreta pode-se depreender como se conduz uma vida cristã. Não é o rígido cumprimento de prescrições, mas a “imitação” viva de uma vida atraente (cf. também 1 Co 11,1; Ef 5,1s) que nos leva à configuração correta de nossa própria vida. Por conseguinte, também agora na despedida Paulo não entrega aos presbíteros uma “ética cristã”, mas lhes lega seu exemplo (WILLIANS, 1998, p. 216).

Nesse legado aparece em primeiro lugar um único traço fundamental: “servindo ao Senhor”, um “escravo do Cristo Jesus”, como ele afirma diante dos Filipenses (Fp 1,1), mas também dos gálatas (Gl 1,10).

“Servo de Cristo Jesus, escolhido como Apóstolo e destinado a proclamar o Evangelho de Deus” (Rm 1,1). Paulo reivindica sua autoridade sobre as comunidades que tinha fundado. Suas visitas e suas cartas o “envio” dos colaboradores demonstram que mesmo sem estar presente segue sendo a verdadeira autoridade sobre as comunidades. Qualquer questionamento sobre sua pessoa parece ser uma ofensa a genuinidade do evangelho (Gl 1,6-10). Frequentemente Paulo justifica sua autoridade por pertencer ao grupo apostólico, em virtude de sua visão e da aparição do Cristo Ressuscitado (1 Co 9,1). Outra coisa é a argumentação que ele usa em (Gl 1,15-16) onde menciona sua própria vocação profética em particular relacionadas às de Jeremias e do “servo” em Isaías. Longe de querer controlar ou dirigir tudo (2 Co 1,24). Paulo define seu ministério e de todos os pregadores do evangelho como um ministério de administração e serviço (2 Co 4,1-2). Em várias passagens de suas cartas, manifesta sua consciência de não ter outra missão a não ser obedecer pela fé (Rm 1,5; 6,16 – 17,10, 16,5.18). E para edificar o corpo de Cristo, pois Cristo tem dado seu poder para a edificação e não para destruição (2 Co 10,8) (DEBERGE, 2005, p. 20).

Ter encontrado um “Senhor”, poder viver a vida integralmente como “serviço” a esse Senhor, é isso que caracteriza a nova existência do cristão propriamente dito, bem como do “ministro” em particular. Paulo ressalta três aspectos desse “serviço”: “humildade, lágrimas e provações”. Qualquer “função” na igreja de Jesus estará deturpada se não for integral e resolutamente “serviço”. Afinal, a “humildade” é “coragem de servir”. Qualquer leitor atento das cartas de Paulo poderá constatar pessoalmente com que direito ele podia remeter à sua “humildade”.

Em algumas situações da vida e do ministério do Apóstolo Paulo, podemos subestimar às vezes o sofrimento e as provas que Paulo suportou. Às vezes temos na mente um missionário seguro de si mesmo, infatigável, sempre disposto a lutar e a guerrear contra os inimigos do evangelho, um herói e imune ao menor fracasso. Porém nos deparamos com numerosas passagens em suas cartas em que Paulo faz alusão aos castigos, as penas e aos fracassos que marcaram suas numerosas missões (1 Co 4,9-11; 2 Co 4,8-10; 6,4-10; 11,22-23; 12,10; Rm 8,35-36). Como entender esta confissão na segunda carta aos Coríntios: Não queremos que ignoreis, irmãos as tribulações que temos passado na província da Ásia. Vemos-nos apertados além de nossas forças, que até perdemos a esperança de continuar vivendo (2 Co 1,8-9). De fato em diferentes aspectos a vida e o ministério do Apóstolo Paulo estiveram marcados pelo sofrimento: fracassos, castigos e privações por causa do evangelho (DEBERGE, 2005, p. 15).

Ele vinha servindo ao Senhor com toda a humildade em um mundo onde a humildade era considerada falta, não uma virtude — era alguma coisa adequada para um escravo apenas (as palavras "toda" e "humildade" são típicas de Paulo; Ef 4,2; Fp 2,3; Cl 2,18-23; 3,12). No entanto, Paulo via a si mesmo como um "escravo do Senhor"⁵⁹; quanto à expressão "ser um escravo," Rm 12,11; 14,18; 16,18; Ef 6,7; Fp 2,22; Cl 3,24; Ts 1,9; quanto ao substantivo "servo", Rm 1,1; Gl 1,10; Fp 1,11; Tt 1,1.

Paulo se identifica com Jesus, quando expressa compaixão e sentimentos em várias situações. Em diversas situações Jesus demonstra compaixão,

Extasia-se com a fé de um pagão (Lc 7,9) e com a sabedoria de um escriba (Mc 12,34). Admira-se da incredulidade de seus compatriotas de Nazaré (Mc 6,6). Ao assistir o enterro do filho único de uma viúva sentiu-se comovido e "tomado de grande compaixão" aproxima-se dela e a consola dizendo: "Não chores" (Lc 7,13)! Sente compaixão pelo povo faminto, errando como uma ovelha sem pastor (Mc 6,34)". Quando Jesus chora a morte do amigo todos comentam: "Vede como ele o amava" (Jo 11,23)! "Aristóteles dizia que entre divindade e o homem, por causa diferença de natureza não seria possível a amizade", Jesus demonstra que a amizade e possível quando existe um verdadeiro sentimento de compaixão (BOFF, 1985, p. 65).

O apóstolo Paulo sabia que o serviço na igreja não é viável sem dores ardentes. Tinha aprendido com os ensinamentos de Jesus e deveria reproduzir através de sua vida e com o relacionamento com os irmãos. Em absoluto representa sempre "alegria", mas requer "lágrimas". Também disso ele fala em suas cartas, em 2 Co 2,4; Fp 3,18. E o serviço conduz para a luta e "provações", não porque exercemos o serviço com erros e mau desempenho, mas precisamente quando o realizamos com sinceridade e amor. Paulo o descreveu pessoalmente em 2 Co 6,4-10; 11,23-29; 1 Ts 2,2.15. Contudo nessas "provações" nos tornamos pessoas firmes e aprovadas.

⁵⁹ "Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo". Era evidente que não se negava que Paulo estivesse a serviço de Cristo. A tática transcorria de modo diferente. De forma condescendente, permitia-se que ele fosse aceito como servidor de Cristo. Enfim, as igrejas na Galácia tinham surgido por meio dele. Contudo, alegava-se que seu serviço fora apenas uma etapa preparatória. É a isso que Paulo alude. Se o reconhecem como um escravo de Jesus, e se o sentido da vida de um escravo reside em agradar a seu Senhor, como é que podem reduzir sua atuação à fórmula do agrado a pessoas? Se fossem coerentes, teriam de desacreditá-lo totalmente e admitir a oposição fundamental deles próprios. Deixar aparentemente que seu serviço continue válido e, não obstante, solapá-lo – ambas as atitudes não combinam. A propaganda deles é quebradiça (POHL, 1995, p. 46).

Paulo não diz com queixas e lamentos, mas com plena aprovação aquilo que preencheu seus anos em Éfeso. Considerou-o como “exemplar”.

Depois de trinta e nove açoites, flagelos e outros sofrimentos. Paulo menciona os perigos que se expos durante suas viagens, perigos de naufrágio, de salteadores e de falsos irmãos: “Três vezes foi naufragado; passou um dia e uma noite a deriva em alto mar. As viagens tem sido incontáveis; com perigos provenientes dos salteadores, de meus próprios compatriotas de pagãos: perigos nas cidades, perigos no mar e perigos por falsos irmãos (2 Co 11,25-26) Para terminar Paulo menciona suas condições de vida, particularmente suas privações. Em outras cartas menciona a natureza de suas “tribulações”; as noites sem dormir (2 Co 6,5) a fome, a sede, o jejum e a indigência (Rm 8,35; 1 Co 4,11; 2 Co 6,5) (DEBERGE, 2005, p. 20).

O ministério paulino havia sido marcado pelo autossacrifício. As muitas lágrimas não foram derramadas por causa de suas dificuldades (“provações⁶⁰” ou “tentações”), que foram, ao contrário, uma fonte de alegria, mas pelo sofrimento alheio — por causa dos irmãos “em Cristo” que enfrentavam aflições (Rm 9,2; 2 Co 2,4; Fp 3,18), e por causa das pessoas sem Cristo que viviam num mundo “sem esperança e sem Deus” (Ef 2,12).

Tribulações e dificuldades não o levaram a “omitir nada do que vos seja salutar, de vos anunciar e ensinar o evangelho de Deus”. Paulo praticou as duas modalidades de serviço que constantemente se tornam necessárias: “anunciar” a mensagem e “ensinar” em todas as questões que surgem da mensagem para a fé e a vida de cada pessoa e da comunhão. Com zelo intenso ele aproveitou cada oportunidade para agir “publicamente e também nas casas”.

Dirigiu-se “tanto a judeus como a gregos”. Atualmente poderíamos dizer: pessoas ligadas à igreja e afastadas, pessoas religiosas e secularizadas. Conteúdo e alvo de sua proclamação eram simples, ainda que poderosos. Estava em jogo

⁶⁰ **πειρασμος** *peirasmos*, experimento, tentativa, teste, prova; tentação, prova: a tentação gerada nos gálatas pela condição física do apóstolo, já que a mesma serviu para testar o amor dos gálatas por Paulo (Gl 4,14); tentação da fidelidade do homem, integridade, virtude, constância; sedução ao pecado, tentação, seja originada pelos desejos ou pelas circunstâncias externas; tentação interna ao pecado da tentação pela qual o diabo procurou desviar Jesus, o Messias, de sua divina jornada; da condição das coisas, ou um estado mental, pelo qual somos seduzidos ao pecado, ou a um desvio da fé e santidade; adversidade, aflição, aborrecimento: enviado por Deus e servindo para testar ou provar o caráter, a fé, ou a santidade de alguém; Deus sendo tentado (julgado) pelos homens; rebelião contra Deus, pela qual seu poder e justiça são colocados à prova e desafiados a serem demonstrados (STRONG, 2005, S. H8679).

nada mais e nada menos que “o arrependimento para Deus e a fé em nosso Senhor Jesus”.

Não havia uma instrução detalhada “sobre” Deus, mas a ação pessoal decisiva de voltar-se para Deus, “deixando os ídolos” (1 Ts 1,9), libertos do “império das trevas” (Cl 1,13), estando de volta para o único e legítimo Senhor e Criador. E o principal novamente não é o conhecimento teológico correto de Jesus, mas a “fé” em Jesus como o “Senhor”, a entrega confiante e obediente da vida a ele. Paulo também esperou e pregou esse “arrependimento para Deus” do mesmo modo como Pedro fez no dia de Pentecostes (At 2,38).

Também o judeu devoto estava “morto para Deus” (Ef 2,3), precisando “salvar-se desta geração perversa” (At 2,40). No entanto, também para o “grego” (para o afastado, a pessoa do mundo secularizado) essa salvação é viável de modo imediato e sem o desvio pela “lei”. Isso significa, inicialmente para rebater os judaístas: o “grego” não precisa tornar-se “judeu” antes que possa alcançar a salvação.

Ao mesmo tempo, porém, também significa: “o ser humano de fora” não precisa tentar tornar-se “melhor” ou “mais devoto” pelo cumprimento de quaisquer mandamentos, por exercícios místicos ou ascéticos, ou pela submissão a cerimônias eclesiais. A libertação plena e integral encontra-se também para ele unicamente na “fé em nosso Senhor Jesus” (At 16,31).

Do passado, o olhar se dirige para a gravidade do presente. Plenamente convicto, Paulo segue seu caminho. Desconhecido é somente o fim desse caminho. Ele está “constrangido pelo Espírito”.

Ao andar nesse caminho, ele se encontra sob a direção do Espírito de Deus, ao qual obedece sem questionar. Essa certeza firme e tranquila também paira sobre suas palavras correspondentes aos romanos (Rm 15,15-28). Sua viagem a Jerusalém não representa um risco incerto e arbitrário. Ele sabe pelo Espírito Santo que precisa realizá-la.

Por essa razão tampouco constitui um abalo de sua certeza que “o Espírito Santo de cidade em cidade, me assegura, que me esperam cadeias e tribulações”. Estando “constrangido no Espírito”, também pode tornar-se de fato constrangido com cadeias de ferro.

A “cruz”, a “morte de Jesus” nunca representou uma mera grandeza dogmática para Paulo, mas sempre um poder que configurou sua vida de forma concreta (2 Co 4,10; Fp 3,10.18). Os caminhos de Deus não são marcados por sucesso e felicidade. Novamente Paulo expõe sua vida interior como “exemplar” perante as pessoas que assumiram o serviço na igreja em Éfeso.

3.2.5 O serviço acontece com ajuda dos cooperadores

Nas suas ações relacionadas ao serviço cristão, Paulo reconhece a participação de seus colaboradores. Na primeira carta aos Tessalonicenses, Paulo escreve: “Decidimos enviar-vos a Timóteo, irmão nosso e colaborador de Deus na proclamação do Evangelho de Cristo. Confiamos-lhe a missão de fortalecer-vos e de alentá-los na fé” (1 Ts 3,2). Como temos constatado Paulo não diz: “nosso” colaborador, mas sim “aquele que trabalha para Deus”. Em 1 Co 3,9, Paulo inclui: “Trabalhamos unidos na obra de Deus”.

O fato de que essa colaboração se situe junto a Deus, esclarece as menções nas cartas de Paulo a seus colaboradores (grego *synergoi*) fazendo menção de Silvano (1 Ts 1,1; 2 Co 1,19), Timóteo, seu “filho querido e fiel no Senhor” (1 Co 4,17; 16,10-11); Tito (2 Co 2,12-13; 7,6-7,13-15) incluindo Priscila e Áquila que ajudam a Paulo, primeiro em Corinto e depois em Éfeso (1 Co 16,19; Rm 16,3.9.21). Sem esquecer a Epafrodito, Evódia e Sintique (Fl 4,3), Filemom, Marcos, Aristarco, Dimas e Lucas (Fl 1,24).

Na sua lista não relaciona suas qualidades espirituais em si, mas sua atuação anterior ao lado dele e de acordo com o seu pensamento. Como tais, Paulo os recomenda à comunidade, de forma bem semelhante como fez a pouco no v. 2 com Febe: “Ela prestou assistência a muitos, *inclusive a mim pessoalmente!*” Se, pois, ele solicita a comunidade toda com essa insistência, para que saúda esses representantes do “seu” evangelho (Rm 2.16) em seu meio, o procedimento extrapola o quadro do usual e extrai do ato da saudação um sentido peculiar, a saber, seu sentido originário: anula-

se uma eventual indiferença ou até um distanciamento, constrói-se a comunhão, começa a fluir a relação. Tudo isso acontece, é o que Paulo espera, por inspiração da impressão que a leitura pública de sua carta causou. Um ato de saudação com beijo fraterno deve confirmar (v. 16) que, nesse momento, os membros estão se aceitando mutuamente no sentido de Rm 14,15, assim como o próprio Deus nos aceitou em Cristo. Desde que em 1908 A. Deissmann investigou os nomes gregos, latinos e judaicos dessa lista no seu livro *Licht aus dem Osten* [Luz vinda do Oriente], traçam-se conclusões das formas desses nomes que, a meu ver, são demasiado avançadas. Da lista de nomes deduz-se, além da origem étnica do portador, também seu testamento social (livre, escravo remediado, alforriado, relação com casas de nobres), acrescentando-lhe às vezes verdadeiros romances. Contudo, nomes gregos não tornavam alguém grego, nomes latinos não vinculavam a Roma. O próprio Paulo constitui um exemplo suficiente de que um judeu da melhor estirpe era conhecido, apesar disso, por um cognome latino. Basta termos presente a facilidade com que em nossas famílias adotam nomes da moda europeus, americanos ou nórdicos (POHL, 2008, p. 249).

Com reconhecimento e destaque, Paulo faz menção das penas e dos trabalhos que compartilha com esses obreiros (Rm 16,3). Todos são “colaboradores de Deus” (1 Co 3,9; 16,10). E cada um receberá seu próprio “salário”, segundo o seu trabalho (1 Co 3,8). Porém essa responsabilidade comum se exerce debaixo da direção e da fidelidade ao que se faz e ao que se ensina. Assim Timóteo é enviado a Corinto para lembrá-los das doutrinas que Paulo ensina “por todas as partes e em todas as igrejas” (1 Co 4,17). De igual modo, quando tem a impressão de que alguns pregadores anunciam outro evangelho, diferente do seu, Paulo não deixa de condená-los severamente (Gl 1,69; Ap 3,2; 2 Co 10-13).

Isso significa que se os companheiros e colaboradores de Paulo estão em “comunhão” esta deve ser marcada por certa “submissão”. Por isso mesmo a colaboração não se considera contrária a existência e ao reconhecimento de uma autoridade, como os demais, isso não exclui a presença de uma obediência ou de uma subordinação entre os servidores.

3.2.6 O serviço requer compromisso de vida

Paulo fala: “Aliás, eu na verdade não atribuo valor algum à minha vida⁶¹. Minha meta é levar a bom termo a minha carreira e o serviço que o Senhor Jesus

⁶¹ O fim da vida de Paulo termina com um breve relato do domicílio de Paulo. Sua chegada a Roma e a pregação ininterrupta do evangelho culminam com o relato que consigna a difusão da boa notícia

me confiou”. Muitas vezes Paulo caracterizou a existência do cristão com a metáfora da “corrida para o alvo” (1 Co 9,24-27; Fp 3,13s; 2 Tm 4,7).

Estava profundamente preocupado em “consumar” a corrida até o alvo. Além disso, o “serviço” não era para ele um dever penoso, mas a expressão da admirável graça que seu Senhor lhe “confiou” (1 Tm 1,12s; 2 Co 4,1). Apesar de seus múltiplos aspectos, esse serviço é somente um único: “testemunhar o evangelho da graça de Deus”.

A partir dessa situação o que importa é que esse serviço confiado a ele, e do qual depende a vida eterna de muitas pessoas, seja executado. Diante da magnitude e importância desse serviço, “não atribui valor algum” ao destino pessoal. Para Paulo a vida não tem um valor em si mesma em detrimento de seu serviço. Aqui a palavra de Jesus de Marcos 8,35 foi cumprida de forma genuína, e não como “moral cristã”.

A vista disso Paulo pode afirmar, na sequência, com toda a clareza: “Agora, eu sei que todos vós, em cujo meio passei pregando o Reino, não vereis mais o meu rosto.” Mais uma vez é por meio dessa forma de expressão que o caráter universal da mensagem se torna perceptível. A igreja de Jesus não precisa esforçar-se artificialmente para construir o “caráter público” de sua atuação.

Quando fala do “Reino”, ele aborda a questão mais pública que existe: aquilo que abrange toda a criação, a humanidade inteira, Céus e terra, presente e futuro. Por isso a sua proclamação, conforme descrita aqui por Paulo é “pregar”, anunciar como arauto. Os mensageiros de Jesus não são mestres místicos secretos, mas

desde Jerusalém até a capital do mundo civilizado da época: Roma simboliza o “término da terra” (At 1,8) Porém foi no final da vida de Paulo. Alusão “dois anos completos” (At 28,30) não implica que morrera imediatamente depois, a margem de como se interpreta enigmaticamente de forma final em Atos. Se as cartas pastorais se consideram escritos paulinos autênticos, haveria sido composta por Paulo depois de seu domicílio em Roma. Sabendo que se aproximava o final de sua vida, Paulo constituía a Tito chefe da igreja de Creta e a Timóteo de Éfeso. Essas duas cartas haviam sido escritas para seus discípulos e suas igrejas. 2 Timóteo seria a última vontade de Paulo, foi escrita quando estava muito perto da sua morte. Isto sugere que pode ter sido encarcerado novamente em Troade (2 Tm 4,13) e levado a Roma de novo (2 Tm 1,17) onde essa carta haveria sido escrita desde a prisão (2 Tm 1,8.16-17; 2,9) (BROWN, FITZMYER, MURPHY, CARM, 1972, p. 564).

“arautos”, que anunciam no mercado e nas ruas, da forma mais simples e audível possível, o que Deus tem a dizer a cada pessoa.

Como alguém que se despede, é importante para Paulo que ele esteja certo do dever cumprido. A responsabilidade repousa sobre os ombros dos mensageiros de Jesus! Porque ambas as coisas são simultaneamente verdadeiras: unicamente Deus desperta para a fé viva (1 Co 3,7), e apesar disso o pregador tem a tarefa de anunciar o evangelho para todos, não adianta amabilidade falsa, tentar agradar as pessoas, ficar indeciso, ser lerdo, abalar-se diante do espírito da época e outras coisas mais podem enleá-lo em culpa desse tipo. “Pois sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes; por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma” (Romanos 1,14).

Essa pergunta se apresenta de forma singularmente difícil por ocasião da última despedida, quando estava para completar sua tarefa naquela região, quando sabe que não pode “recuperar” nada, “consertar” nada. Paulo sabe que está “limpo do sangue de todos”. Quando os seres humanos que o ouviram por acaso se perderem, será culpa deles mesmos. Paulo não “deixou de anunciar” nada. Pode agora se despedir com a certeza do dever cumprido.

3.2.7 No serviço devemos anunciar todo conselho de Deus

Paulo: “anunciou todo o desígnio de Deus”. Talvez isso tenha sido formulado enfaticamente por Paulo porque via chegar aquele movimento que mais tarde abalou profunda e especialmente as igrejas da Ásia Menor: a “gnose” ⁶². Ela pretendia

⁶² Gnosticismo - (do grego Γνωστικισμός (*gnostikismós*); de Γνωσις (*gnosis*): 'conhecimento'), é um conjunto de correntes filosófico-religiosas sincrética que chegaram a mimetizar-se com o cristianismo nos primeiros séculos de nossa era, vindo a ser declarado como um pensamento herético após uma etapa em que conheceu prestígio entre os intelectuais cristãos. De fato, pode falar-se em um gnosticismo pagão e em um gnosticismo cristão, ainda que o pensamento gnóstico mais significativo tenha sido alcançado como uma vertente heterodoxa do cristianismo primitivo..Alguns autores fazem uma distinção entre "Gnosis" e "gnosticismo". A gnose é, sem dúvida, uma experiência baseada não em conceitos e preceitos, mas na sensibilidade do coração. Gnosticismo, por outro lado, é a visão de mundo baseada na experiência de Gnose, que tem por origem etimológica o termo grego *gnosis*, que significa "conhecimento". Mas não um conhecimento racional, científico, filosófico, teórico e empírico (a "episteme" dos gregos), mas de caráter intuitivo e transcendental; Sabedoria. É usada para

conhecer mistérios divinos que os pregadores teriam “deixado de anunciar” ou “ocultado”.

Com essas palavras Paulo já previa a respeito do futuro da igreja: não se iludia sobre a gravidade desse futuro. Agora, porém, não está temendo o ódio judeu, nem as aflições e perseguições por parte de um mundo hostil. Paulo estava convicto de que “havíamos de sofrer aflições” que existem para que justamente nelas a igreja confirme sua fé (1 Ts 3,3). No entanto, preocupa-se com a invasão dos hereges, que como “lobos vorazes não pouparão o rebanho”. Além do mais, prevê funestamente que das próprias fileiras dos presbíteros “se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles”. Assim ele já alertara os romanos quando estava em Corinto (Rm 16,17). Dessa forma o serviço iria sendo sufocado pela ambição e o desejo de dominar. Os líderes que estavam se levantando na época e outros que viriam, chegariam com sede de poder e pouca disposição para servir.

Esses temores também movem o apóstolo quando pensa na igreja que está estabelecida em Éfeso ⁶³ e em toda a Ásia. Mesmo em cristãos verdadeiros o “eu”

designar um conhecimento profundo e superior do mundo e do homem, que dá sentido à vida humana, que a torna plena de significado porque permite o encontro do homem com sua essência eterna, centelha divina, maravilhosa e crística, pela via do coração. É uma realidade vivente sempre ativa, que apenas é compreendida quando experimentada e vivenciada. Assim sendo jamais pode ser assimilada de forma abstrata, intelectual e discursiva. O movimento originou-se provavelmente na Ásia, difundindo-se da região do Irã à Gália, exercendo a sua maior influência sobre o cristianismo entre os anos de 135 e 200. Tem como base elementos das filosofias pagãs que floresciam na Babilônia, Antigo Egito, Síria e Grécia Antiga, combinando elementos da Astrologia e mistérios das religiões como os do Eleusis, do Zoroastrismo, do Hermetismo, do Sufismo, do Hudaísmo e do Cristianismo (JONES, 2002, p. 159).

⁶³Paulo “permaneceu algum tempo na Ásia”. Também em Éfeso teve de passar por uma tempestade, que lhe mostrou (e mostra a nós) que a igreja de Jesus continua ameaçada pelos poderes do mundo e por Satanás, que está por trás deles. Isso vale mesmo quando “a palavra cresce pela força do Senhor, demonstrando o poder dele”. “Foi nessa época que se deram perturbações bastante graves a respeito do Caminho”. Como em Filipos, os distúrbios surgiram no ponto que o próprio Jesus já designara muito seriamente de um dos mais perigosos para nosso relacionamento com Deus: as “riquezas”, o dinheiro. Em Éfeso havia o templo, mundialmente famoso, de “Ártemis”, o “*Artemision*”. O primeiro templo queimara na noite em que nasceu Alexandre Magno. Depois disso, ele fora reconstruído maior e mais suntuoso. Com suas 128 colunas de 19 m de altura e seus ricos ornatos artísticos, é considerado como uma das sete maravilhas mundiais da Antiguidade. Num nicho encontrava-se a imagem da deusa supostamente caída do céu, de madeira negra. Quem vinha a Éfeso – o tráfego marítimo e a grande via comercial para o leste traziam muitas pessoas para a ativa cidade – gostava de levar consigo, como “lembrança” de viagem, uma pequena réplica do templo. Foram encontradas réplicas dessas de terracota. Lucas informa que também eram confeccionadas, em grande número, de prata. Um grande setor da indústria local vivia desse comércio de lembranças,

poderá retomar o comando, projetar-se com novas doutrinas e descobertas, tentando assumir um papel dominante. Em todos estão profunda e tenazmente arraigados o orgulho e a vaidade. Até agora o próprio Paulo representava uma poderosa proteção por meio de sua autoridade espiritual e apostólica. Seus ensinamentos e doutrinas tinham a função de prevenir e orientar aos seguidores de Jesus.

Novamente Paulo pode remeter a seu próprio exemplo. “Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um.” Paulo, o fundador de igrejas, que em muitos locais levou multidões a aceitar Jesus, preocupou-se, portanto, individualmente com cada pessoa (cf. também 1 Ts 2,12). Noite e dia, incessantemente, teve tempo para cada um. Levou cada pessoa plenamente a sério, investindo nela o coração. Nesse empenho o homem duro, acostumado a sofrimentos, podia derramar lágrimas. Nele de fato vivia Cristo, o bom Pastor, que não abria a mão facilmente de uma ovelha, só porque tinha as noventa e nove outras, porém que procurava exatamente essa uma de modo incansável, até tê-la encontrado (BOOR, 2008, p. 299).

Contudo, o que acontecerá “depois de sua partida”, independentemente se essa palavra se refere à sua atuação na distante Itália e Espanha ou à sua morte? Por isso, brota de seu coração a insistente advertência: “Cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho”. A despreocupação consigo mesmo é algo impróprio neste tempo e mundo. Até mesmo com vistas à nossa própria vida e obra.

Sendo “presbíteros”, não estão menos, e sim mais ameaçados do que os demais. O inimigo, o verdadeiro “lobo”, que se esconde atrás dos “lobos” (Jo 10,12), tem a intenção de vitimar especialmente a eles. Terá conquistado muito se fizer a natureza egocêntrica flamejar no coração de um presbítero, tirando assim muitos membros da igreja do caminho da verdade límpida!

Da mesma forma, porém, o cuidado vigilante também vale para a igreja. Ela também não se desenvolve simplesmente “por si mesma” da maneira correta. Até mesmo uma conversão e um renascimento genuínos representam um começo, não um final, a entrada na arena de lutas, a largada, contudo não a chegada ao alvo e a conquista do prêmio. Por quantos perigos e ameaças também passam uma igreja de “fiéis”! “É precisamente nessa situação que os presbíteros foram “constituídos

sob a direção de Demétrio. A repercussão da proclamação de Paulo é tão forte que se pode percebê-la nos negócios, e esse é um ponto muito sensível nas pessoas (BOOR, 2002, p. 283).

supervisores”. Essa eleição deu-se pelo Espírito de Deus, e não por pessoas ou instituições eclesíásticas.

Nesse ponto reside um dos principais danos da atual vida eclesial. Diante do grande número de atividades não reservamos mais tempo nem energias para o “indivíduo”. Apesar disso, a vida de toda uma igreja depende da vida dos “indivíduos”. Pessoas isoladas, abandonadas à própria sorte, atolam, definham, adoecem, tornando-se assim um empecilho oculto e um foco de enfermidade espiritual para a igreja. Não podemos considerar como secundário ou supérfluo algo em que Paulo investiu sua força noite e dia nas novas igrejas vivas. Servir a cada irmão, com cuidado e proteção é uma das principais tarefas ministeriais.

Naquele tempo já era recomendado para cada presbítero o que Paulo escreve a Timóteo em 1 Tm 4,14: “Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério.” Sob a liderança do Espírito, Paulo e seus colaboradores agiram em At 14,23 e também nas demais ocasiões em que instituíram presbíteros⁶⁴ para exercerem determinadas funções ministeriais. O Concílio Vaticano II diz:

Estes pastores, escolhidos para apascentar o rebanho do Senhor, são ministros de Cristo e dispensadores dos mistérios de Deus (cfr. 1 Co 4,1); a eles foi confiado o testemunho do Evangelho da graça de Deus (cfr. Rm 15,16; At 20,24) e a administração do Espírito e da justiça em glória (cfr. 2 Co 3,8-9). Para desempenhar tão elevadas funções, no caso dos Apóstolos foram enriquecidos por Cristo com uma efusão especial do Espírito Santo que sobre eles desceu (cfr. At 1,8; 2,4; Jo 20,22-23), e eles mesmos transmitiram este dom do Espírito aos seus colaboradores pela imposição das mãos (cfr. 1 Tm 4,14; 2 Tm 1, 6-7) (Lumen Gentium, 28).

Como se torna grande a responsabilidade em vista dessa vocação; no entanto, também podem ter certeza da necessária preparação para sua tarefa, ainda que os “lobos vorazes” tentem invadir ou que no próprio grupo se levante uma

⁶⁴ **πρεσβυτερος, presbuteros**, comparativo de presbus (de idade avançada); adj, ancião, de idade, líder de dois povos, avançado na vida, ancião, sênior antepassado, designativo de posto ou ofício, entre os judeus, membros do grande concílio ou sinédrio (porque no tempos antigos os líderes do povo, juízes, etc., eram selecionados dentre os anciãos), daqueles que em diferentes cidades gerenciavam os negócios públicos e administravam a justiça, entre os cristãos, aqueles que presidiam as assembléias (ou igrejas). O NT usa o termo bispo, ancião e presbítero de modo permutável, os vinte e quatro membros do Sinédrio ou corte celestial assentados em tronos ao redor do trono de Deus (STRONG, 2005, H8679).

heresia! O que lhe foi confiado não é nada menos que “a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue (ou: pelo sangue de seu próprio Filho)”. Cabe aos presbíteros exercerem o cuidado do rebanho. O Concílio citado afirma:

Desempenhando, segundo a medida da autoridade que possuem, o múnus de Cristo pastor e cabeça, reúnem a família de Deus em fraternidade animada por um mesmo espírito e, por Cristo e no Espírito Santo, conduzem-na a Deus Pai. No meio do próprio rebanho adoram-no em espírito e verdade (Jo. 4,24). Trabalham, enfim, pregando e ensinando (1 Tim 5,17), acreditando no que leem e meditam na lei do Senhor, ensinando o que creem e vivendo o que ensinam. Bispo, ao qual estão associados com ânimo fiel e generoso e cujos encargos e solícitude assumem, segundo a própria medida, e exercem com cuidado quotidiano. Em virtude da comum sagrada ordenação e missão, todos os presbíteros estão entre si ligados em íntima fraternidade, que espontânea e livremente se deve manifestar no auxílio mútuo, tanto espiritual como material, pastoral ou pessoal, em reuniões e na comunhão de vida, de trabalho e de caridade (Lumen Gentium, 28).

Um grupo de pessoas que custou tão caro para Deus precisa ser conduzido com muita seriedade e cuidado, cabe aos presbíteros exercer suas tarefas peculiares, entre elas o serviço cristão! Paulo enfatiza: “todo” o rebanho. Também em suas cartas pode-se ouvir o insistente “todos... todos...” (Fp 1,1; 4,21; 1 Ts 5,27). Na igreja de Deus também existem vários tipos de pessoas: “desordeiros”, os “de pouco ânimo”, os “fracos” (1 Ts 5,14). Existem vários filhos de Deus que não têm nada de impressionante e animador! Não obstante, fazem parte do rebanho e foram comprados por preço, é por isso todo o cuidado e amor deve ser devotado a eles.

3.2.8 No serviço há o desgaste emocional

O serviço cristão exige um envolvimento emocional e conseqüentemente acaba produzindo certos desgastes para aqueles que servem ao Senhor no ministério. Novamente Paulo volta a remeter para o seu próprio exemplo. “Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um.” O apóstolo Paulo, fundador de igrejas, que em muitos locais levou multidões a crerem em Jesus, preocupou-se, portanto, individualmente com cada pessoa (cf. também 1 Ts 2,12). Noite e dia, incessantemente, teve tempo

para cada um. Levou cada pessoa plenamente a sério, investindo nela o coração estava disposto a dar sua própria vida⁶⁵. Ensina o Vaticano II:

Como todos os cristãos, devem os irmãos abraçar prontamente, com obediência cristã, todas as coisas que os sagrados pastores, representantes de Cristo, determinarem na sua qualidade de mestres e guias na Igreja, a exemplo de Cristo, o qual com a sua obediência, levada até à morte, abriu para todos o feliz caminho da liberdade dos filhos de Deus. Nem deixem de encomendar ao Senhor nas suas orações os seus prelados, já que eles olham pelas nossas almas, como devendo dar contas delas, a fim de que o façam com alegria e não gemendo (Hb 13,17). (Lumen Gentium, 37).

Nesse empenho o homem duro, acostumado a sofrimentos, podia derramar lágrimas. Nele de fato vivia Cristo⁶⁶, o bom Pastor, que não abria a mão facilmente de uma ovelha, só porque tinha as noventa e nove outras, porém que procurava exatamente essa uma de modo incansável, até tê-la encontrado. Essa figura bíblica apresenta o serviço de maneira genuína, o interesse pelo rebelde, a disposição de ir procurar, encontrando ao perdido coloca no ombro e trás de volta para o rebanho. As pessoas vocacionadas por Deus têm essa sublime missão de ajudar aqueles que estão perdidos.

“Fomos aprovados por Deus, a ponto de ele nos confiar o evangelho”, é que a sorradeira busca de honra humana perde o poder sobre nós. Que nós, obreiros do Reino de Deus, paremos de considerar nosso serviço como uma obviedade a que estamos acostumados! Que compreendamos também que intensa confiança pessoal o santo e vivo Deus demonstrou ao nos chamar para seu serviço e que coisa inconcebível na verdade é ele ter “confiado o evangelho” a nós! Até nas mais escondidas profundezas de nosso coração e de nossas motivações, nosso serviço seria diferente do que frequentemente é agora! Como um fogo purificador essa consciência consumiria todo cansaço, toda indisposição e todas as motivações impuras (BOOR, 2007, p. 45).

⁶⁵ “Prontos a partilhar não apenas o evangelho de Deus, mas também nossas próprias almas”. Será que a “partilha do evangelho” ainda inclui uma “prontidão” especial? Até mesmo Timóteo precisa ser advertido mais tarde por Paulo: “Anuncia a palavra, esteja presente – oportuno ou não – insta as consciências, critica, encoraja, com muita paciência e de todas as formas de instrução” (2 Tm 4,2). Muito mais freqüentes, porém, são entre nós os que por um lado são pródigos com o evangelho, mas por outro poupam a si e suas vidas. Novamente nosso serviço corre o risco de se tornar mera “profissão”. O servo autêntico de Jesus doa-se integralmente, assim como seu Senhor não apenas entregou sua palavra, mas a si mesmo, por inteiro. A expressão “Nossas almas” consta no texto. É bem verdade que no NT “alma” muito frequentemente pode significar simplesmente “vida”. Nesse caso a frase representaria o empenho total da vida a que os mensageiros estiveram dispostos em Tessalônica (BOOR, 2007, p. 43).

⁶⁶ Logo já não sou eu quem vive, mas cristo vive em mim, esse viver que tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus que me amou e se entregou por mim (Gl 2,20).

Paulo exortou e mostrou aos presbíteros a magnitude de sua responsabilidade e trabalho⁶⁷. Agora, porém, ao despedir-se, ele não olha para a fidelidade e competência desses homens, mas abriga-os pessoalmente sob uma proteção diferente: “Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça.” Foi assim que ele também agiu em At 14,23, nas igrejas da primeira expedição missionária. O Senhor ressuscitou, vive e atua, e a própria palavra possui em si o poder de edificar a igreja e até de levar àquele alvo final em que pecadores, antes perdidos, recebem “a herança entre todos os que são santificados”. Como “filhos de Deus”, afinal, também são “herdeiros”, “herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo” (Rm 8,17).

Paulo faz mais um retrospecto sobre sua atuação⁶⁸ e ressalta o que também expôs com muita insistência aos tessalonicenses (1 Ts 2,9). “De ninguém cobicei prata, nem ouro, nem vestes; vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo.” Justamente no mundo grego, que menosprezava o trabalho corporal, Paulo levava a sério o propósito de que os membros da igreja de Jesus comessem seu próprio pão e que o amor que socorre de fato se limitasse aos “fracos”.

De outra forma a maneira como Paulo concebe o exercício de sua autoridade: porque é exercida em nome do Evangelho (2 Co 4,5) e com uma finalidade para a construção e o crescimento do corpo de Cristo (1 Co 10,23-24; 12-13; Rm 14,19), esta autoridade não pode se manter viva mais que a comunhão e o serviço a todos os homens, sobretudo aos mais fracos e necessitados⁶⁹.

⁶⁷ No grego “trabalhar” ocorre sempre na forma “medial”, isto é, uma peculiar voz intermediária entre a ativa e a passiva. Nela existe a conotação de “trabalhar para si” ou “ganhar seu pão por meio do trabalho”. Isso combina muito bem com o contexto. Não está em questão o trabalhar em si, a “virtude” da laboriosidade, mas assegurar o alimento por meio do trabalho próprio, abrir mão de se aproveitar de outros e seu amor.

⁶⁸ Paulo conhecia a língua grega e tinha até certo ponto uma educação grega. Não chegou a ser um rhetor profissional na sua forma de expressão, revela algumas vezes a influência da retórica grega. Temos bons exemplos em Rm 2,1-20 e 1 Co 9. Muitas das antíteses literárias de Paulo têm sido atribuídas a influência grega. Houve tempo em que estava na moda atribuir aos antecedentes helenísticos de Paulo expressões tais como “Senhor”, “Filho de Deus”, “corpo”, “carne e espírito”, “mistério” (BROWN, FITZMYER, MURPHY, CARM, 1972, p. 763).

⁶⁹ Esse engajamento possuía ainda outra configuração na vida de Paulo – e naquele tempo com certeza também na de seus colaboradores: “Noite e dia labutando para não ser peso para nenhum de vós, proclamamos entre vós o evangelho de Deus.” Em toda a sua atuação Paulo insistiu em

Isto aparece em numerosas passagens das cartas de Paulo, como esta exortação tão conhecida na carta aos Romanos: “Os que têm a fé bem fortalecida, devem suportar as fraquezas de quem não têm, sem buscar agradar a nós outros” (Rm 14,1; 1 Co 12,22-26; Gl 6,2). No mesmo sentido devemos mencionar as numerosas recomendações enviadas aos dirigentes das comunidades para que renunciem aos benefícios e a dominação e se tornem em modelos para o seu rebanho (1 Tm 3,2; Tt 1,7-8). Finalmente como veremos mais adiante, nas cartas pastorais, na sua capacidade para saber governar sua casa e seus filhos, para os bispos e diáconos é o critério para exercer suas aptidões e responsabilidades (1 Tm 3,4-5).

Também nesse caso o exemplo pessoal era mais importante do que quaisquer ensinamentos e exortações. Com certeza o exemplo do dirigente da grande e trabalhosa missão, que não aceitava sustento da igreja, mas adquiria com seus companheiros o mais necessário através do trabalho manual, era poderoso. Quem ainda poderia, pois, abusar da beneficência cristã sem se envergonhar? Precisamos visualizar esta cena, quando Paulo levanta as mãos – “estas mãos” – e os mostra a todos como mãos calejadas pelo trabalho. “Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer aos necessitados.” Em seguida Paulo acrescenta uma palavra do Senhor que não foi transmitida em nenhum outro texto: “Mais bem-aventurado é dar que receber.”

A presente palavra não nega que também o receber pode ser algo bem-aventurado. O fraco pode aceitar auxílio com alegria, exercitando a arte de receber com gratidão. Afinal, receber é a atitude básica que todos nós temos de assumir perante Deus. Contudo, o egoísta temeroso pode constatar que “dar” não é uma obrigação que exige que nos superemos a nós mesmos, mas que é algo “bem-

assegurar seu sustento por meio do trabalho de suas mãos. Apenas aos Filipenses ele permitiu, excepcionalmente, que contribuíssem para seu sustento pessoal (Fp 4,15). Paulo não aceita dinheiro das igrejas, ele se sustenta com seu próprio trabalho. Mas não obstante: ao lado do trabalho integral de evangelização com extenso aconselhamento pastoral (“exortei a cada de vocês...”) ele ainda fabricava tendas (ou tecia tapetes) durante longas horas. “Porque, vos recordais, irmãos, do nosso labor e fadiga” era algo que ele realmente podia afirmar, e o “noite e dia trabalhando” não era exagero! Seguramente era preciso investir muitas horas noturnas no trabalho profissional e na oração abrangente e incessante. “Vós sois testemunhas e Deus.” É de um “atestado” desses que todo obreiro do reino de Deus precisa (BOOR, 2007, p. 47).

aventurado”, ainda “mais bem-aventurado que receber”. Nesse aspecto podemos ser “imitadores” de nosso Deus, que é doador.

Paulo, o mensageiro de Jesus, encerrou com uma palavra do Senhor Jesus, não com sua própria palavra. Na sequência acontece a oração de joelhos com todo o grupo. O aconselhamento espiritual resulta na oração, e esse “retiro de presbíteros” é finalizado com a comunhão de oração de joelhos. Que cena, esse grupo de homens com Paulo, de joelhos, em oração! Isso era um fruto visível de seu trabalho. Na sequência acontece a despedida. “Então, houve grande pranto entre todos, e, abraçando afetosamente a Paulo, o beijavam.”

Pessoas santificadas por Deus não se transformam em seres sobrenaturais que transitam dura e friamente pelos acontecimentos desta vida. Vivenciam tudo com um coração humano caloroso e vivo, conhecendo, por isso, as alegrias e os sofrimentos de nossa existência nesta terra não de forma limitada, mas bem mais rica e profunda. O fato de ser assim e de poder ser assim é evidenciado pela descrição dessa despedida. Em vista disto, temos de ser cautelosos com um julgamento precipitado de “apego a pessoas”!

Mensageiros de Jesus que levaram a outros a melhor coisa que existe não de ser amados por eles também humanamente, como Paulo (Gl 4,13-15). É verdade, porém, que até mesmo um amor assim é sacrificado por ambas às partes em prol daquele que por sua incomparável ação de amor na cruz conquistou integralmente o direito sobre todo o nosso coração e nossa vida. Por isso, os efésios não retêm o amado apóstolo, mas “acompanharam-no até o navio”.

Neste ponto Lucas não fez uma subdivisão clara no seu livro, mas permite que a terceira viagem missionária se ligue sem maiores interrupções à última viagem para Jerusalém. O apóstolo se despede definitivamente de todo o seu campo de trabalho, um retrospecto sobre a obra missionária de Paulo. Após essa despedida, a história aponta alguns detalhes sobre o final da sua vida.⁷⁰

⁷⁰ Quanto a outros detalhes referentes ao final da vida de Paulo, dependemos da tradição eclesiástica posterior, que se embelezou com traços lendários. Fica difícil dizer se Paulo chegou a visitar a Espanha ou se trata meramente de uma historificação de seus planos consignados em Rm 15,24-28.

O que, afinal, aconteceu? Será que aqui não foram realizadas apenas viagens interessantes de um homem muito ativo, nas quais sucedeu uma série de episódios? Em 2 Coríntios 5,19-21, Paulo incluiu diretamente na obra de reconciliação de Deus. Levando em consideração o fato de que Ele “nos confiou a palavra da reconciliação”. Deus reconciliou o mundo consigo mesmo na cruz, mas a reconciliação ali consumada chega às pessoas apenas quando é anunciada por mensageiros da parte de Cristo e crida por pessoas. Ocorre que essa “palavra da reconciliação” não é um “querigma” que paira no ar, agora disponível no mundo por meio do evangelho, podendo ou não ser ouvida pelos humanos.

Pelo contrário, a proclamação dessa palavra é em si o agir do Deus vivo, que se realiza numa história bem específica, de forma plenamente real. Precisamente esse “exortar” do Deus vivo, esse “rogar” do Cristo ressuscitado, aconteceu na obra da vida de Paulo. Por essa razão ele é narrado por Lucas em At 13-20 como “história” com uma solidez impossível de inventar, tendo acontecido com pessoas bem específicas e de um modo bem determinado.

No entanto, não é uma história humana variada, em cujo decorrer aprendemos a admirar um homem de nome Paulo, mas como história ela constitui ao mesmo tempo “revelação”, ação do próprio Deus vivo, no qual a salvação consumada na cruz é levada a pessoas concretas e deve se transformar em serviço.

A tradição nos conta que Paulo, livre depois de passar dois anos preso em seu domicílio, marchou para a Espanha. Clemente de Roma (1 Co 5,7) afirma que “Paulo ensinou a todo o mundo a justiça e viajou até ao extremo ocidental. E depois que deu testemunhos diante das autoridades foi arrebatado deste mundo e chegou ao lugar santo, havendo-se acreditado como o maior modelo de perseverança”. O testemunho de Clemente sugere a visita a Espanha, um novo juízo e mártir. O fragmento Muratoriano implica no fato de que a última parte de Atos, em que se narra um novo juízo e martírio. Durante essa prisão escreveu a segunda epístola a Timóteo, indicando ao mesmo tempo em que tenha feito sua primeira defesa como mártir iminente. Porém a data preferida para a morte de Paulo é o ano 67, com aspectos finais da perseguição de Nero, como parece sugerir o relato de Eusébio. Esta cronologia, sem dúvida, não deixa de apresentar dificuldades. Paulo foi enterrado junto a Via Ostiense, nas imediações da moderna basílica de São Paulo Extramuros. O ano 258, com motivo de perigo de profanação das tumbas cristãs durante a perseguição de Valeriano, os restos de Paulo foram trasladados a um lugar chamado Ad Catacumbas, junto a Via Apia, onde permaneceram algum tempo. Mais tarde foram devolvidos a um sepultamento original sobre o qual se levantou a basílica de Constantino (BROWN, FITZMYER, MURPHY, CARM, 1972, p. 564).

Essa ação de Deus vale “primeiro aos judeus”. Por essa razão, sempre que pode, Paulo dirige-se primeiramente às sinagogas. Isso não é um esquema narrativo de Lucas, mas algo que Paulo declarou pessoalmente em Rm 1,16. Essa ação de Deus é “proclamação”. É proclamação com um conteúdo claramente definido (cf. também 1 Co 1,23s; 2,2; Gl 3,1), e proclamação que não possui eficácia a partir de uma qualidade retórica qualquer, mas no poder do Espírito Santo. Por isso também pode acontecer exclusivamente sob a direção do Espírito e resulta na ajuda e cuidado para com os necessitados.

A exposição de Lucas é confirmada pelas afirmações do próprio Paulo (1 Co 2,1-3; 2 Co 2,14-17). Pelo fato de que a proclamação redentora como tal já constitui uma ação maravilhosa de Deus, ela também vem quase “naturalmente” acompanhada de sinais e prodígios de múltiplas espécies. Acima de tudo, fazem parte do serviço do apóstolo as curas e a libertação de pessoas cativas, como já fizeram parte da vida de Jesus. Novamente o próprio Paulo o confirma (2 Co 12,12).

Da mesma forma, proclamar um Cristo que sofre e é crucificado forçosamente leva à participação nos sofrimentos de Cristo, transformando a trajetória do mensageiro num caminho de constantes dificuldades, aflições e perigos. Lucas mostrou isso de forma impactante em todas as expedições missionárias de Paulo. O próprio Paulo teve um cuidado quase ciumento, na controvérsia com os coríntios, para que esse lado de sua vocação apostólica não fosse esquecida e sempre dando destaque para a santidade. (1 Co 4,9-13; 2 Co 4,7-12; 2 Co 11,23). Afirma o Vaticano II.

A nossa fé crê que a Igreja, cujo mistério o sagrado Concílio expõe, é indefectivelmente santa. Com efeito, Cristo, Filho de Deus, que é com o Pai e o Espírito ao único Santo, amou a Igreja como esposa, entregou-Se por ela, para a santificar (Ef 5,25-26) e uniu-a a Si como Seu corpo, cumulando-a com o dom do Espírito Santo, para glória de Deus. Por isso, todos na Igreja, quer pertençam à Hierarquia quer por ela sejam pastoreados, são chamados à santidade, segundo a palavra do Apóstolo: «esta é a vontade de Deus, a vossa santificação» (1 Ts 4,3; Ef 1,4). Esta santidade da Igreja incessantemente se manifesta, e deve manifestar-se, nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis; exprime-se de muitas maneiras em cada um daqueles que, no seu estado de vida, tendem à perfeição da caridade, com edificação do próximo; aparece dum modo especial na prática dos conselhos chamados evangélicos. A prática destes conselhos, abraçada sob a moção do Espírito Santo por muitos cristãos, quer privadamente quer nas condições ou estados aprovados pela Igreja, leva e deve levar ao mundo um admirável testemunho e exemplo desta santidade (Lumen Gentium, 39).

As pessoas salvas pela proclamação da palavra da verdade formam “a igreja”, sem que tenham de ser especialmente convidadas e instruídas para isso. É na igreja que as pessoas vivem a expectativa daquele dia em que Deus plenificará sua obra na nova revelação de Jesus. Isso não exclui que haja muitos esforços, preocupações e lutas em torno dessa igreja, como o próprio Paulo declarou aos presbíteros de Éfeso. Na vida do apóstolo Paulo podemos ver a consolidação da Igreja de Cristo na terra, seu ardor missionário, sua atitude altruística, sua disposição sem limites de levar o evangelho para locais remotos e distantes, pagando com sua própria vida a disposição de testemunhar para quem precisava ouvir as palavras salvadoras. Através dessa análise percebemos a realidade do serviço cristão, as pessoas que foram ajudadas e salvas, as barreiras que foram vencidas pela dedicação e intensidade das ações do apóstolo e de seus companheiros de ministério.

3.3 O CUIDADO PASTORAL (1 Pe 5,1-6)

Nesse capítulo será realizado uma análise do serviço cristão através de uma perspectiva pastoral. (Quando for abordado as questões pastorais estará sendo levado em conta o “cuidado” e “proteção”). Serão abordadas as atividades e tarefas pastorais citadas pelos apóstolo Pedro nas suas epístolas. O estudo será feito de tal forma que possa servir de modelo e referência para outros pastores com o objetivo de estabelecer um modelo a ser seguido e que seja Bíblico, pretendendo esclarecer o fato de que não se pode conceber ou aceitar abusos praticados pelos pastores entre o povo de Deus. O trabalho pastoral⁷¹ é sublime porque expressa o cuidado de Deus para com seus filhos, doutra feita a exploração e o abuso dessas funções denigrem o verdadeiro evangelho e se apresentam de modo contrário aos ensinamentos de Cristo.

⁷¹ "Todo o sumo sacerdote, escolhido de entre os homens, é constituído a favor dos homens nas coisas que dizem respeito a Deus" (*Heb 5, 1*). A Carta aos Hebreus afirma claramente a "*humanidade do ministro de Deus*: ele vem dos homens e está ao serviço dos homens, imitando Jesus Cristo, "Ele mesmo provado em todas as coisas, exceto no pecado" (*Heb 4, 15*). Deus chama sempre os seus sacerdotes a partir de determinados contextos humanos e eclesiais, com os quais estão inevitavelmente conotados e aos quais são mandados para o serviço do Evangelho de Cristo (*Pastores Davo Vobis, 5*).

3.3.1 Orientações específicas a respeito do cuidado pastoral (1 Pe 5,1-5)

Rogo, pois, aos presbíteros⁷² que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda coparticipante da glória que há de ser revelada: pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória. Rogo igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça (1 Pd 5,1-5).

No contexto do texto questão, precisa se destacar a respeito dos presbíteros. “Aqueles, pois, a quem se impusera o ofício docente, a todos esses chamavam presbíteros. Esses presbíteros elegiam de seu número um em cada cidade a quem davam, especialmente, o título de bispo, para que da igualdade não nascesse dissidência, como costuma acontecer. Por sua vez Pedro dá algumas instruções acerca de como devem ser executadas as tarefas do cuidado. Deve ser seguido o seguinte roteiro do texto, são abordagens negativas e positivas: 1) Não por obrigação; 2) Não por ambição de dinheiro; 3) Não como dominador.

Em primeiro lugar consideramos a declaração negativa: “não por obrigação”. No grego a expressão adverbial, no Novo Testamento aparece só nesse texto, significa: “por coerção” ou “por força ou restrição”. A atitude desejada é semelhante à de uma pessoa que entrega suas doações: “cada pessoa deve dar como está proposto em seu coração, não com tristeza, nem por necessidade, porque o Senhor ama aquele que dá com alegria (2 Co 9,7).

Há uma forma de cumprimento do dever que não traz alegria para ninguém. Indisposição e contrariedade transferem-se para aqueles que cumprem o “dever”, marcando a obra. Obviamente a rigor ninguém pode ser coagido a prestar um serviço na igreja. Contudo, quando alguém pertence ao grupo dos presbíteros ou quando até mesmo chega a ser ancião, ele tem a tarefa, e espera-se que preste o serviço. É dessa “coação” que se fala. “Não coagido” significa, então, realizar o serviço não porque isto é esperado, mas de livre e espontânea vontade (HOLMER, 2008, p. 235).

Do ponto de vista positivo, um presbítero, deve servir com voluntariedade e uma disposição espontânea como se fosse para agradar ao Senhor Deus. Ele deve fazer livremente com o único propósito de cumprir com a vontade de Deus. Ao fazê-lo deve demonstrar sua gratidão e amor para Deus. A experiência do apóstolo Paulo com a igreja da Macedônia exemplifica essa voluntariedade ⁷³.

Voluntariamente, ou “disposto”, “por livre iniciativa” refere-se à iniciativa pessoal, ser cativado e impelido pela seriedade e magnitude do serviço. Quando a vontade de Deus determina a vontade dos “mais velhos”, eles agem de forma espontânea, mais precisamente conforme Deus. Isso pode significar: “segundo a maneira de Deus” ou “segundo a vontade de Deus”. Schlatter traduz: “em vista de Deus”. De qualquer modo visa-se expressar que qualquer serviço de pastor depende de Deus. E mais uma advertência: não em sórdida ganância, mas de boa vontade (HOLMER, 2008, p. 236).

Em segundo lugar: Não por ambição de dinheiro, que é um dos vícios que os presbíteros devem evitar (1 Tm 3,3.8; Tt 1,7). Durante seu ministério terreno, Jesus instruiu aos discípulos ao dizer-lhes: “O obreiro é digno de seu salário” (Lc 10,7). Mas não orientou para conseguir seu salário através da exploração do pobre e do necessitado. Novamente deve-se destacar a posição do apóstolo Paulo a esse respeito junto a Igreja de Corinto ⁷⁴. Ele tem um posicionamento claro e franco a esse respeito.

⁷³ “E não [somente] como esperávamos, mas deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus.” Compreenderam o que está em jogo nessa doação. Não apenas colaboraram com “algo”, mas “deram-se a si mesmos”. Empenharam todo o seu amor, colocando-se integralmente à disposição. Isso não era mero entusiasmo com Paulo, mas era entrega a Jesus. Eles mesmos se entregaram “primeiro ao Senhor”. Nessa entrega ao Senhor eles em seguida também se colocaram à disposição de Paulo, que era o dirigente responsável por toda a coleta. No final do presente relato volta a ser relevante para Paulo que os macedônios em si não sejam colocados como exemplo para os coríntios. Isso provavelmente teria provocado irritação e resistência. Por isso direciona o olhar mais uma vez para Deus. Esse acontecimento venturoso na Macedônia concretizou-se “pela vontade de Deus”. O Deus dadivoso, que pessoalmente havia feito grandes sacrifícios em amor, conquistou os corações dos macedônios para uma doação singela, incondicional. Porventura não poderá fazê-lo também em Corinto? (BOOR, 2008, p. 284).

⁷⁴ “Estando entre vós, ao passar privações, não me fiz pesado a ninguém; pois os irmãos, quando vieram da Macedônia, supriram o que me faltava; e, em tudo, me guardei e me guardarei de vos ser pesado.” Também no futuro Paulo continuará agindo dessa maneira e se “guardará”. Assim como em 1 Co 9,15, busca também agora sua “glória” nesse ponto. Deposita sobre ele grande peso, alicerçando a confiança de continuar com essa atitude não sobre sua própria resolução, mas sobre a “verdade de Cristo” que está nele. Não é falta de amor que o faz rejeitar os donativos de Corinto de forma tão inflexível. Ele tem outra razão, muito específica, para seu comportamento. Acima já assinalamos que naquela época havia muitos pregadores itinerantes que divulgavam uma série de filosofias, visões de mundo, religiões ou cultos. Muitos deles apenas o faziam visando obter o dinheiro de seus ouvintes. Paulo queria se diferenciar de modo radical e claro desses personagens duvidosos (BOOR, 2008, p. 454).

Esse pensamento é ampliado pelo apóstolo Paulo quando escreve a respeito do sustento material do pregador: “Os que anunciam o evangelho que vivam do evangelho” (1 Co 9,14). Nas epístolas pastorais, Paulo indica que os anciãos recebiam remuneração por suas tarefas na igreja. “Os anciãos que governam bem, sejam tidos por dignos de honra dobrada, e ainda maior os que trabalham para ensinar e pregar” (1 Tm 5,17). Paulo segue a risca os ensinamentos de Jesus: Nesta viagem não levem sacola, nem uma túnica a mais, nem sandálias, nem bengala para se apoiar, pois o trabalhador tem o direito de receber o que precisa para viver (Mt 10,10).

Também Paulo advertiu severamente contra a ganância (Rm 1,29; 1 Co 6,10; Ef 5,3.5; 1 Tm 6,10). Admite somente aqueles colaboradores na igreja que não são “amantes do dinheiro” (1 Tm 3,3) nem “buscam ganhos sórdidos” (1 Tm 3,8). Embora concorde por princípio que quem trabalha na igreja merece um salário (1 Co 9,9-11; Gl 6,6; 1 Tm 5,18), ele mesmo abriu mão de salários, a fim de evitar o menor traço de aparência de ganância (1 Ts 2,9; At 20,33). Somente em casos excepcionais permitiu à igreja a sustentá-lo (2 Co 11,9; Fp 4,15) (HOLMER, 2008, p. 236).

Pedro faz um paralelo com citações do apóstolo Paulo, (1 Co 9,9-11; Gl 6,6; 1 Tm 5,18): “Digno e o obreiro de seu salário” para demonstrar que o termo “honra” inclui o sustento financeiro. Os anciãos devem evitar todo o desejo de enriquecer. Se deixarem-se levar por esse desejo, cometem o pecado da avareza. “que é idolatria” (Cl 3,5). “O que é proibido não é o desejo de uma remuneração adequada, sim uma ambição sórdida de ganância”. Ampliando essa reflexão para a época atual deve-se levar em conta o documento de Aparecida aborda as questões contemporâneas a respeito da globalização que influencia a busca desenfreada pelo dinheiro e acaba entrando nos ambientes religiosos.⁷⁵

⁷⁵ A globalização é um fenômeno complexo que possui diversas dimensões (econômicas, políticas, culturais, comunicacionais, etc.). Para sua justa valorização, é necessária uma compreensão analítica e diferenciada que permita detectar tanto seus aspectos positivos quanto os negativos. Lamentavelmente, a face mais difundida e de êxito da globalização é sua dimensão econômica, que se sobrepõe e condiciona as outras dimensões da vida humana. Na globalização, a dinâmica do mercado absolutista com facilidade a eficácia e a produtividade como valores reguladores de todas as relações humanas. Este peculiar caráter faz da globalização um processo promotor de iniquidades e injustiças múltiplas. A globalização, tal como está configurada atualmente, não é capaz de interpretar e reagir em função de valores objetivos que se encontram além do mercado e que constituem o mais importante da vida humana: a verdade, a justiça, o amor, e muito especialmente, a dignidade e os direitos de todos, inclusive daqueles que vivem à margem do próprio mercado. Conduzida por uma tendência que privilegia o lucro e estimula a competitividade, a globalização segue uma dinâmica de concentração de poder e de riqueza em mãos de poucos. Concentração não só dos recursos físicos e monetários, mas, sobretudo de informação e dos recursos humanos, o que produz a exclusão de todos aqueles não suficientemente capacitados e informados, aumentando as desigualdades que marcam tristemente nosso continente e que mantém na pobreza uma multidão de pessoas. O que

Pedro diz aos anciãos, que não sejam avarentos, e sim que devem ter: “um desejo de servir”. Diz que devem estar cheios de entusiasmo em sua tarefa de servir ao povo de Deus. Devem falar de sua satisfação em servir a Cristo, não para servir ao dinheiro.

Os anciãos como bons pastores, devem estar realmente empenhados pelo rebanho, tendo em vista o bem das ovelhas, e não mirando a lã delas. O significado básico do termo grego *prothymos* (= disposto), expressa: inclinado, com simpatia, com dedicação, com zelo, com gosto. O bem e as angústias dos outros ocupam, portanto, o foco, e o motivo é a determinação de servi-los (HOLMER, 2008, p. 236).

Em terceiro lugar, como pastores do rebanho, os presbíteros recebem sua autoridade⁷⁶ diretamente do chefe dos pastores (1 Pe 5,4), não sendo uma autoridade proveniente de deliberações humanas, mas se consolida por orientação do Espírito Santo (At 20,28). Jesus deixa várias lições a esse respeito.

E desse modo que Jesus recupera o sentido *originário* do poder que, como vimos, é e deve ser serviço. O poder-dominação não é poder verdadeiro. “Governar homens não é o mesmo que dominar escravos” (Rousseau) (Mc 10,42: “Os que *parecem* chefes das nações”). De fato, é como serviço que o poder político foi apresentado na grande tradição antiga, especialmente a representada por Platão e Aristóteles. Aí, o que serve aos interesses do povo merece de verdade o título de rei; o que serve a seus interesses chama-se tirano e não rei. O Evangelho realiza, pois, a *restitutio* ou *reiventio* da verdade primária do poder na sociedade. Mas isso sob forma *profética*, isto é, com um vigor e uma radicalidade que não encontram paralelo na reflexão filosófica antiga. Desse modo, o Evangelho só faz *radicalizar* ao extremo o conceito racional do poder, o que dá à sua mensagem uma eficácia que a filosofia antiga desconhecia (BOFF, 2003, p. 14).

Não devem abusar desta autoridade, de onde vem a advertência: “não dominando aos que estão sob o seu cuidado”. Jesus lhes tem dado a

existe hoje é a pobreza de conhecimento e do uso e acesso a novas tecnologias. Por isso é necessário que os empresários assumam sua responsabilidade de criar mais fontes de trabalho e de investir na superação desta nova pobreza (CELAM, Aparecida, 2002).

⁷⁶ **Εξουσία, exousia**, poder de escolher, liberdade de fazer como se quer; licença ou permissão; poder físico e mental; habilidade ou força com a qual alguém é dotado, que ele possui ou exercita; o poder da autoridade (influência) e do direito (privilégio); o poder de reger ou governar (o poder de alguém de quem a vontade e as ordens devem ser obedecidas pelos outros); autoridade sobre a humanidade; o poder de decisões judiciais; algo sujeito à autoridade ou regra; alguém que possui autoridade; governador, magistrado humano; o principal e mais poderoso entre os seres criados, superior ao homem, potestades espirituais (STRONG, 2005, G1849).

responsabilidade de servir ao povo de seu rebanho. As palavras “não dominando” “fala de um governo autocrático e depreciativo sobre o rebanho”. Jesus delega autoridade para os líderes da igreja (1 Tm 5,17) e nenhum presbítero deve abusar do poder que tem recebido, antes devem agir a partir do compromisso e do exemplo, tendo em conta que sua recompensa virá no final.⁷⁷

Também Paulo emprega o termo exemplo ou “molde” (em grego *typos*) e exorta no mesmo sentido os responsáveis pelas igrejas (1 Tm 4,12; Tt 2,7; 1 Ts 1,4; 2 Ts 3,9). Em Fp 3,17 ele conclama: “Imitai-me todos juntos, irmãos, e fixai o vosso olhar naqueles que se conduzem segundo o exemplo que tendes em nós” A igreja não precisa de ídolos dominadoras, mas de exemplos. Quem se transforma em senhor gosta de exigir da igreja serviços que ele mesmo não está disposto a executar. Quem, no entanto, é exemplo, antecipa-se no servir. Todos os “mais velhos” estão submetidos à tarefa de se tornar exemplos do rebanho. Para o serviço de ancião não são necessários em primeiro lugar o dom da pregação nem capacidades humanas de destaque, mas, pelo contrário, uma atitude de vida que é marcada por Jesus e pelos apóstolos, ou seja, pela Sagrada Escritura (HOLMER, 2008, p. 237).

Através de uma conduta exemplar o ancião guia o rebanho dentro dos princípios e valores cristãos. Um exemplo vale mais do que muitas palavras. As pessoas estão observando a postura do ancião e sua conduta irá influenciar os membros da igreja. As afirmações de Jesus a respeito do amor a Deus estão relacionadas com o amor ao próximo (Mc 12,31-33; 22,36-39).

⁷⁷ E quando o Supremo Pastor tiver sido manifesto receberéis a imarcescível coroa da glória. Os anciãos precisam saber que acima das igrejas está um Supremo Pastor, e que receberam a propriedade dele somente para cuidar. Ele avaliará e recompensará o serviço deles (1 Co 3,8.14; Ap 11,18). No serviço que prestam, portanto, os anciãos são responsáveis perante ele, e independentes do julgamento das pessoas. A sentença sobre seu ministério pastoral será proferida naquele dia em que tiver sido manifesto o Supremo Pastor, que agora ainda está oculto, mas já presente com todo o poder. Ele, pois, observa o serviço dos presbíteros. Considerando, porém, que todos os acontecimentos na igreja e no mundo originados em Deus têm por alvo a manifestação do Messias, é necessário que também os presbíteros direcionem seu serviço para esse evento. Isso reforça seu senso de responsabilidade e sua confiança, porque vale para eles a promessa: receberéis a imarcescível coroa da glória. Naquele tempo, após as competições cada vencedor recebia uma grinalda. Logo a grinalda é sinal do triunfo. É assim que um dia o Supremo Pastor recompensará todos que apascentaram bem seu rebanho com a grinalda da glória, que, ao contrário de todas as coroas terrenas, é incorruptível, não consistindo de material terreno, mas de glória (cf. também 2 Tm 4,8; Ap 2,10; 3,11). A glória, porém, é a essência da proximidade de Deus e conseqüentemente de todo bem, toda luz e toda beleza. Paulo escreve em Cl 3,4: “Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória.” Essa promessa vale de forma singular para aqueles que apascentaram fielmente o rebanho de Deus (HOLMER, 2008, p. 237).

Aos pastores cabe o cuidado pelo rebanho do Senhor, o povo de Deus, e esse cuidado acontece através do serviço cristão (ajudar, orientar, proteger) e suas peculiaridades. O serviço executado como cuidado e o exercício da autoridade pastoral resultará em boas ações e os princípios ensinados por Jesus se tornarão em atos beneficentes. Deve-se analisar e refletir tendo em vista um resgate da figura bíblica do pastor.

“Dar-vos-ei pastores segundo o Meu coração” (*Jer 3, 15*). Com estas palavras do profeta Jeremias, Deus promete ao seu povo que jamais o deixará privado de pastores que o reúnam e guiem: «Eu estabelecerei para elas (as minhas ovelhas) pastores, que as apascentarão, de sorte que não mais deverão temer ou amedrontar-se» (*Jer 23, 4*). A Igreja, Povo de Deus, experimenta continuamente a realização deste anúncio profético e, na alegria, continua a dar graças ao Senhor. Ela sabe que o próprio Jesus Cristo é o cumprimento vivo, supremo e definitivo da promessa de Deus: «Eu sou o Bom Pastor» (*Jo 10, 11*). Ele, «o grande Pastor das ovelhas» (*Heb 13, 20*), confiou aos apóstolos e aos seus sucessores o ministério de apascentar o rebanho de Deus (*Jo 21, 15-17*; *1 Ped 5, 2*). Sem sacerdotes, de facto, a Igreja não poderia viver aquela fundamental obediência que está no próprio coração da sua existência e da sua missão na história - a obediência à ordem de Jesus: «Ide, pois, ensinai todas as nações» (*Mt 28, 19*) e «Fazei isto em minha memória» (*Lc 22, 19*; *1 Cor 11, 24*), ou seja, a ordem de anunciar o Evangelho e de renovar todos os dias o sacrifício do seu Corpo entregue e do seu Sangue derramado pela vida do mundo (*Pastores Davo Vobis, 1*).

As ações cristãs relacionadas ao serviço, não devem ser exercidas a partir de pressupostos humanos, antes devemos seguir expressamente as orientações das Sagradas Escrituras. O pastor como cuidador, protetor e orientador do rebanho essa é a figura bíblica para esse tipo de função, a partir desse conceito será desenvolvida essa análise, tendo em vista apresentar alternativas e propostas a serem seguidas.

3.3.2 Conceituando o cuidado pastoral

Para que o serviço cristão se consolide, precisa-se entender o conceito do “cuidado pastoral”. O apóstolo Pedro apresenta vários ensinamentos no texto que será analisado. Sem o “cuidado” não existe “serviço”. Sem atenção e dedicação as ações pastorais se transformam apenas em discursos vazios e sem sentido.

Para se iniciar a análise das palavras do apóstolo Pedro : “Cuidem como pastores do rebanho de Deus que está sob suas responsabilidades, sendo modelos para o rebanho”. O vocábulo grego para “rebanho” é um diminutivo de um termo carinhoso que significa “o precioso rebanho de Deus” que tem sido comprado com o sangue de Cristo.

A expressão usada: “cuidem como pastores do rebanho de Deus” tem uma conotação muito forte, se levar em conta as palavras ditas por Jesus quando devolveu a Pedro sua posição apostólica: “Apascenta minhas ovelhas” e “cuida dos meus cordeiros” (Jo 21,15-17). Aqui temos uma figura que Jesus usou muitas vezes. Ele aplicou a si mesmo ao dizer: Eu sou o bom pastor (Jo 10,11-14; 1 Pd 1,7.11. 21. 24; 4,11.13.14; 5,1.4.10). E também usou o termo, ”rebanho de Deus”.

A tarefa dos pastores consiste em apascentar. O foco deve estar nas necessidades do rebanho. Apascentar é regido pela pergunta: de que a igreja precisa para um bom desenvolvimento e para ser protegida de perigos? Um verdadeiro pastor pode se esquecer de seus próprios interesses por causa das carências do rebanho e de cada uma das ovelhas que lhe foram confiadas. O mesmo vale para um ancião no tocante à igreja que lhe foi confiada (HOLMER, 2008, p. 235).

Dessa forma fica claro que “apascentar” é mais que mera “condução de pessoas” ou que a direção administrativa de uma igreja, independentemente de quais sejam seus critérios. O cuidar de pessoas revela o cuidado e amor de Deus por seu povo. As ações pastorais devem revelar bondade e proteção, não exploração e abusos. Os pastores tem a tarefa santa de cuidar, com paciência e dedicação, sem explorar o rebanho e ao mesmo tempo servindo de modelo.

O verdadeiro apascentar somente é possível na confiança de que em Deus existe “vida em abundância” (Jo 10,10; Sl 23,2) e de que ele pode e deseja dar tudo de que cada pessoa necessita. Cabe aos pastores serem agentes de Deus para que essa realidade de vida aconteça.

Jesus usou estas imagens literárias do Antigo testamento, por exemplo: Sl 78,52; Is 63,11; Jr 31,10; Zc 13,7. Assim como Jesus é o “chefe dos pastores”, do mesmo modo os anciãos devem ser pastores, que trabalham debaixo dele (Cristo) e

que cuidam do povo de Deus, chamado aqui de “rebanho de Deus”. No texto Pedro manda aos anciãos que sejam pastores enquanto servem como supervisores. Devem alimentar o rebanho com disciplina e doutrina e santidade. Conforme diz o Concílio Vaticano II :

Jesus, mestre e modelo divino de toda a perfeição, pregou a santidade de vida, de que Ele é autor e consumidor, a todos e a cada um dos seus discípulos, de qualquer condição: «sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5,48) (121). A todos enviou o Espírito Santo, que os move interiormente a amarem a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todo o espírito e com todas as forças (cfr. Mc 12,30) e a amarem-se uns aos outros como Cristo os amou (cfr. Jo 13,34; 15,12). Os seguidores de Cristo, chamados por Deus e justificados no Senhor Jesus, não por merecimento próprio mas pela vontade e graça de Deus, são feitos, verdadeiramente filhos e participantes da natureza divina e, por conseguinte, realmente santos. É necessário, portanto, que, com o auxílio divino, conservem e aperfeiçoem, vivendo-a, esta santidade que receberam. O Apóstolo admoesta-os a que vivam como convém aos santos» (Ef 5,3), como eleitos e amados de Deus, se revistam de entranhas de misericórdia, benignidade, humildade, mansidão e paciência» (Cl 3,12) e alcancem os frutos do Espírito para a santificação (cfr. Gl 5,22; Rm 6,22). É, pois, claro a todos, que os cristãos de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade (123). Na própria sociedade terrena, esta santidade promove um modo de vida mais humano. Para alcançar esta perfeição, empreguem os fiéis as forças recebidas segundo a medida que as dá Cristo, a fim de que, seguindo as Suas pisadas e conformados à Sua imagem, obedecendo em tudo à vontade de Deus, se consagrem com toda a alma à glória do Senhor e ao serviço do próximo. Assim crescerá em frutos abundantes a santidade do Povo de Deus, como patentemente se manifesta na história da Igreja, com a vida de tantos santos (Lumen Gentium, 40).

Esse serviço gera “autoridade” e o conceito de “autoridade” Nos ensina que da parte de Deus ele tem estabelecido que alguns dentre o “rebanho” receberão alguma distinção diferente de autoridade⁷⁸ e esta será exercida perante o “rebanho”. O termo rebanho aparece quatro vezes no Novo Testamento: Jesus o usa para acalmar seus discípulos (“Não temais pequeno rebanho” - Lucas 12,32), Paulo exorta aos anciãos de Éfeso: “Olhem por vós e por todo o rebanho de Deus que está sob sua responsabilidade, para protegê-los dos lobos selvagens” (At 20,28-29).

⁷⁸ Jesus nunca ensinou que todos tinham igual autoridade. Na verdade, ele tinha muito que dizer sobre autoridade espiritual autêntica e deixou claro que muitos não a possuíam. Mas a autoridade da qual Jesus falou não é aquela em que o indivíduo atribui importância a si mesmo. Devemos entender com clareza a natureza radical do que Jesus ensinou sobre este assunto. Ele não estava simplesmente invertendo a “ordem de importância”, como muitos supõem. Ele a estava abolindo. A autoridade da qual ele falou não era uma autoridade para manipular e controlar. Era uma autoridade de função, não de status (FOSTER, 1983, p. 64).

Em consonância, a igreja é rebanho de Deus. Nunca os seres humanos podem ter direitos sobre ela, nem mesmo quando nela trabalham laboriosa e fielmente como pastores. O fato de ela ser rebanho de Deus é que torna o serviço realizado tão cheio de responsabilidade. Importa também aqui o que Paulo diz em 1 Co 3,17 com uma figura diferente: “Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá.” Assim como no AT, também no NT Deus confiou o serviço de pastor a pessoas, “supervisores” (At 20,28), pastores (Ef 4,11) e anciãos (“os mais velhos”). Cada um deles possui perante Deus uma responsabilidade pela igreja (HOLMER, 2008, p. 235).

Os pastores têm uma autoridade recebida da parte de Deus e ao mesmo tempo a responsabilidade de cuidar do rebanho da melhor maneira possível. Não se pode realizar a obra de Deus de forma displicente ou apenas por interesses pessoais, para Deus cada um irá prestar contas de seu serviço. Os documentos do Concílio Vaticano II (1994), segundo a esse respeito diz: “Os pastores do rebanho de Cristo, à semelhança do sumo e eterno sacerdote, pastor e bispo das nossas almas, desempenhem o próprio ministério santamente e com alegria, com humildade e fortaleza; assim cumprido, também para eles será o seu ministério um sublime meio de santificação”.

3.3.3 O exemplo de Cristo (1 Pe 5,4)

O apóstolo Pedro insistiu com o tema sobre o poder como serviço⁷⁹ e tinha em mente deixar orientações para os pastores. O próprio apóstolo Pedro fora tocado com essa mensagem, quando Jesus diz: “Se eu não te servir, você não tem parte comigo” (João 13,8-9). Disse-lhe Pedro: “Nunca me lavarás os pés! Respondeu-lhe

⁷⁹ Na disciplina do serviço há também grande liberdade. O serviço capacita-nos para dizer “não!” aos artifícios de promoção e autoridade do mundo. Ele acaba com nossa necessidade (e desejo) de uma “ordem de importância”. Esta expressão é muito significativa, muito reveladora. Como nos assemelhamos a galináceos! No galinheiro não há paz até que fique claro quem é o mais importante, o menos importante, e quem fica entre o poleiro de cima e o de baixo. Um grupo de pessoas não é capaz de estar junto por muito tempo até que fique claramente estabelecida a “ordem de importância”. Podemos vê-lo facilmente em situações tais como onde as pessoas se assentam, como caminham em relação uns com os outros, quem sempre cede quando duas pessoas falam ao mesmo tempo, quem fica atrás quando determinado trabalho precisa ser feito e quem se prontifica a fazê-lo. (Dependendo do trabalho, pode ser um símbolo de senhorio ou um símbolo de servidão.) Essas coisas estão estampadas no rosto da sociedade humana (FOSTER, 1983, p. 64).

Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo.” Então, Pedro lhe pediu: “Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.”

Jesus não se deixa servir; ele mesmo serve a mesa (Lc 22,27). Isso não é nenhuma mistificação da humanidade da qual, na história eclesiástica. A insistência de Jesus sobre o poder como serviço e sobre o último que é o primeiro (Mc 10,42-44; 9,35; Mt 28,8-12) quer checar o relacionamento do senhor-escravo ou a estrutura de poder em termos de pura submissão cega e de privilégios. Não um poder que se basta autocraticamente a si mesmo, mas a um serviço ao bem de todos como função para a comunidade, é o que Jesus quer. Uma instância menos eclesiástica que se autoafirma independentemente da comunidade dos fiéis não é uma instância que pode reclamar para si a autoridade de Jesus. Jesus mesmo exercita semelhante atitude: sua argumentação nunca é fanática exigindo submissão passiva ao que diz; tenta sempre persuadir argumentar e fazer apelo ao bom senso e à razão. O que afirma não é autoritativo, mas persuasivo. Sempre deixa a liberdade do outro. Seus discípulos não são educados ao fanatismo de sua doutrina, mas ao respeito até dos inimigos e daqueles que se lhe opõem. Nunca usa de violência para fazer vingar seus ideais. Apela e fala às consciências (BOFF, 1978, p. 31).

Pensando no apóstolo Paulo quando escreveu aos cristãos de Corinto, ele promoveu sua estabilidade espiritual. Ele diz: “Não que nos assenhoreamos de vossa fé, sim que colaboramos para vossa alegria, porque é pela fé que permanecemos firmes” (2 Co 1,24). Os apóstolos Pedro e Paulo nunca usaram de seu ofício apostólico para ganância pessoal. Sempre se colocaram a disposição dos membros da igreja para fortalecer ao fraco e a sarar o enfermo e curar o ferido. Pedro nota que os anciãos devem servir ao povo que foi confiado aos seus cuidados. No grego, Pedro diz literalmente: “não dominando as partes”.

As partes são as diversas pessoas da congregação que têm sido marcadas como “porções” para os presbíteros de forma individual. Jesus confia as diversas partes de sua igreja para os presbíteros e os considera responsáveis perante Deus para o trabalho a se cumprir (Hb 13,17). Os anciãos servem ao povo de Deus não por suas capacidades naturais de liderança, nem porque Pedro lhes tenha ordenado como presbíteros. Servem porque Jesus, o chefe dos pastores, os tem chamado para essa tarefa.

Os anciãos se mostram como verdadeiros pastores do rebanho (1 Pd 5,1-5). Aos presbíteros era confiada uma função oficial (administrativa 1 Tm 5,17) na comunidade cristã. Esses indivíduos eram designados pelos apóstolos itinerantes (At 14,23). Nota-se que Pedro escreve como “sympresbyteros”, “copresbítero”. O cuidado pastoral do rebanho de Deus está confiado a estes “anciãos”, como em Atos 20,17,28. Seu dever é

“vigiar” e “cuidar” o rebanho, na disciplina e na doutrina. Alguns manuscritos citam episkopountes (inspecionando); não por proveito próprio: Semelhante motivação deve estar muito longe dos pensamentos dos que são anciãos da Igreja de Deus (Ti 1,7; 1 Tm 3,8) (BROWN, FITZMYER, MURPHY, CARM, 1972, p. 288).

Os pastores são diretamente responsáveis diante de Jesus, pois é Ele quem leva o título de “chefe dos pastores”. Eles devem recordar que a igreja pertence a Jesus, que deu a sua vida por ela. Devem reconhecer que estão a serviço do pastor principal, a quem servem até que ele regresse. Como pastores subordinados de Jesus, tem a responsabilidade de guiar a suas ovelhas a pastos verdes de através da sua palavra e os alimentar com comida espiritual. Nessa função não cabe o poder opressor e explorador.

O apóstolo dá grande valor a que o âmbito pessoal na vida de um cristão e também o convívio dos fiéis na igreja sejam regidos e determinados pelo Espírito Santo. A vida de fé não é viável sem condução e obediência. Três vezes ele menciona os “guias” no presente capítulo. No v. 17 os destinatários são instruídos a obedecer-lhes, no v. 24 o apóstolo os incumbe de saudar a todos os guias, e aqui no v. 7 ele exorta os fiéis a lembrarem dos dirigentes que já faleceram. Os guias da igreja são homens que dirigem a vida da igreja com responsabilidade, que lhe explicam a Palavra de Deus de maneira compromissiva. Com base em sua capacidade de discernimento espiritual (Hb 5,14), eles decidem sobre as questões concretas da vida comunitária. Com certeza devemos situar estas pessoas entre os “presbíteros e bispos” (At 20,17.28). Sua conduta deve estar inequivocamente orientada pela Palavra de Deus, devem ser exemplos (1 Tm 4,12; 1 Pe 5,3), é a eles que a igreja deve seguir. A memória dos pais da fé (Hb 11) possui importância duradoura, assim como a dos guias da igreja em gerações passadas. Porque não somente na vida, mas também no “desfecho de nossa caminhada” (em grego, *ékbasis*), na morte do fiel, deve ser manifesta a glória de Deus. A fé da igreja é paradigmática no fato de que na mudança das gerações ela sempre se ateve ao Senhor imutável. Também dirigentes, guias de uma igreja, servos de Deus abençoados pelo Senhor, falecem. Porém Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre. Enquanto a forma terrena da igreja na transição das gerações está sujeita a uma contínua mudança, Jesus Cristo é sempre o mesmo. Como o “Cristo ontem” ele é o Filho de Deus, que viveu antes de todos os tempos na glória de Deus, que veio na carne e foi crucificado, que conquistou a redenção de um mundo perdido. Como o “Cristo hoje” ele é o Filho de Deus ressuscitado, que está entronizado como Sumo Sacerdote à direita de Deus e atua através de seu Espírito Santo nos fiéis, a fim de reunir e aperfeiçoar sua igreja na terra. Como o “Cristo eterno” ele é o Filho de Deus que retorna, para instaurar seu reino perpétuo neste mundo (LAUBACK, 2008, p. 223).

Pedro se refere a Jesus como “Pastor e supervisor de suas almas” (1 Pd 2,25) e o escritor de Hebreus o chama de “pastor de ovelhas” (Hb 13,20), porém nesse versículo Pedro diz aos leitores que esse chefe dos pastores regressará algum dia. Quando chegar esse dia, Jesus trará sua recompensa consigo (Ap 22,12). Quando

Jesus vier, os pastores subordinados receberão dele o seu prêmio, a saber, uma coroa de glória que não murcha. Eles aceitarão esse troféu como reconhecimento por seus labores de amor que tenham feito a favor dos membros da igreja (1 Co 9,25).

Os anciãos precisam saber que acima das igrejas está um Supremo Pastor, e que receberam a propriedade dele somente para cuidar. Ele avaliará e recompensará o serviço deles (1 Co 3,8.14; Ap 11,18). No serviço que prestam, portanto, os anciãos são responsáveis perante ele, e independentes do julgamento das pessoas. A sentença sobre seu ministério pastoral será proferida naquele dia em que tiver sido manifesto o Supremo Pastor, que agora ainda está oculto, mas já presente com todo o poder. Ele, pois, observa o serviço dos presbíteros. Considerando, porém, que todos os acontecimentos na igreja e no mundo originado em Deus têm por alvo a manifestação do Messias, é necessário que também os presbíteros direcionem seu serviço para esse evento. Isso reforça seu senso de responsabilidade e sua confiança, porque vale para eles a promessa: receberéis a imarcescível coroa da glória (HOLMER, 2008, p. 237).

Usando uma figura da antiguidade: “Pessoas hábeis formavam uma coroa com flores, essa coroa era entregue ao vencedor com demonstração da sua glória”. No final de sua carreira missionária, quando estava no cárcere romano, Paulo disse: “Me espera uma coroa de justiça, que o Senhor, o justo Juiz, me entregará nesse dia” (2 Tm 4,8). Tiago também menciona que a pessoa que perseverar na provação “receberá a coroa da vida”.

Existe um contraste entre a coroa de espinhos que Jesus levou (Mc 15,17; Jo 19,2-5) e a coroa imarcescível de glória que ele dá ao seu povo. Jesus carregou uma coroa de humilhação para que nós possamos levar a grinalda da glória. Em suma, a vítima se transforma em vencedor que compartilha sua vitória com seus seguidores. Essa deve ser a atitude dos pastores da Igreja de Jesus Cristo: esperar a glória que está por vir, servindo ao povo da igreja, como se o serviço fosse para o Senhor.

3.3.4 As ações pastorais acontecem a partir da humildade (1 Pe 5,5-6)

Não existe liderança genuína e serviço cristão autêntico sem humildade⁸⁰. Pedro ensina que na igreja os anciãos estão chamados a ocupar posições de liderança; exorta aos homens mais jovens a submeter-se a eles. Insta a esses jovens a mostrar respeito e deferência por aqueles que são de idade mais avançada. Assim eles aprendem a obediência e humildade dos mais velhos e ao mesmo tempo se capacitam para assumirem posições de liderança na igreja e na comunidade. Esse conceito deve ser passado de geração em geração. Seguindo o exemplo de Cristo, como vemos na citação de Leonardo Boff:

“O Filho do Homem veio... para servir e *dar a vida* pela redenção de muitos... (Mc 10,45). É também a isso que alude o evangelho de João quando diz que “o Bom Pastor dá a vida pelas ovelhas” (Jo 10,11). O poder da cruz é o poder do amor puro, da não violência absoluta. Aí ele assume a forma misteriosa da “atração”, que solicita a liberdade e a desenvolve ao máximo de sua potencialidade. “Quando for elevado da terra atrairei todos a mim” (Jo 12,32; cf. 6,44: “Ninguém vem a mim se o Pai não o atrair”). A “autoridade” máxima de Cristo se mostra paradoxalmente na fraqueza da cruz: aí ele é rei, como viu João. Não é um rei real, mas é o rei verdadeiro (BOFF, 2003, p. 17).

Com essa atitude de Jesus, sendo rei, se humilhou⁸¹ assumindo a condição de servo, destacando-se a “humildade”, serviu de exemplo tanto para a geração com mais idade como para os mais jovens, essa virtude deve ser um selo da vida cristã. Pedro escreve: “Revistam-se todos de humildade no relacionamento uns com os outros”. A palavra vestir ou revestir significa ligar-se a uma peça de roupa. Por exemplo: “Os escravos acostumavam usar um avental branco sobre sua roupa para distinguir-se dos homens livres”.

Assim como um escravo cingia-se com o avental, para então estar pronto para qualquer serviço, assim os presbíteros devem cingir-se – como se fosse uma vestimenta de serviço – com humildade, a fim de assim estarem de prontidão para

⁸⁰ **Ταπεινοφροσυνη, *tapeinophrosune***, 1) ter uma opinião humilde de si mesmo; 2) senso profundo de insignificância (moral); 3) modéstia, humildade, submissão de mente (STRONG, 2002, G5012).

⁸¹ **Ταπεινω, *tapeinoo***, tornar baixo, rebaixar; aplinar, reduzir a um plano; metáf. rebaixar à condição humilde, reduzir a circunstâncias mais pobres; designar alguém a uma posição ou lugar mais baixo; ser categorizado abaixo de outros que são honrados ou recompensados; humilhar-se ou rebaixar-se por uma vida humilde; ter uma opinião modesta de si mesmo, comportar-se de um modo modesto; destituído de toda arrogância (STRONG, 2002, G5013).

qualquer serviço uns para os outros. Jesus mostrou de forma visível aos discípulos o que significa cingir-se da humildade: Tomando um avental de escravo, vestiu-se com um pano de linho e lavou os pés dos discípulos (Jo 13,4). Aqui também se evidencia que a humildade e serviço formam uma unidade.

A sugestão é para que os cristãos devam ligar a sua conduta a humildade de tal forma que se possa ser reconhecida. Pedro recomenda aos presbíteros que devem atar a humildade a suas pessoas uma vez por todas. Essa atitude deve permanecer com eles pelo resto da vida.

Para ficar parecido verdadeiramente com o Mestre é necessário assumir a centralidade do Mandamento do amor, que Ele quis chamar seu e novo: “Amem-se uns aos outros, como eu os ame!” (Jo 15,12). Este amor, com a medida de Jesus, com total dom de si, além de ser o diferencial de cada cristão, não pode deixar de ser a característica de sua Igreja, comunidade discipula de Cristo, cujo testemunho de caridade fraterna será o primeiro e principal anúncio, “todos reconhecerão que sois meus discípulos” (Jo 13,35). No seguimento de Jesus Cristo, aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida do próprio Jesus: seu amor e obediência filial ao Pai, sua compaixão entranhável frente à dor humana, sua proximidade aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade à missão encomendada, seu amor serviçal até a doação de sua vida. Hoje, contemplamos a Jesus Cristo tal como os Evangelhos nos transmitiram para conhecer o que Ele fez e para discernir o que nós devemos fazer nas atuais circunstâncias (CELAM, Aparecida, 2007).

O que é a humildade: Jesus convida a seus seguidores a aprender a humildade. Convida a todos os que estão cansados e sobrecarregados a vir a ele e aprender. Porque diz: “sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29). A humildade se manifesta quando consideramos os outros melhores do que nós mesmos (Fl 2,3). A humildade é uma das principais virtudes cristãs, junto com a compaixão, amabilidade, a bondade e a paciência (Cl 3,12). As Escrituras também advertem contra a falsa humildade⁸² que tem aparência de sabedoria e que demonstra sua inutilidade através da “adoração de si mesmo” (Cl 2,18.23). Finalmente Pedro ensina a seus leitores com quem devem viver como cristãos ao dizer-lhes entre outras coisas que devem ser: “compassivos e humildes” (1 Pd 3,8), como segue a análise de Holmer:

⁸² Não podemos dar a nós mesmos “um coração de misericórdia”. Bondade fabricada, humildade intencional, brandura artificial, isso não passa de encenação que sucumbe nas provações, não passa de máscara distorcida, por trás da qual a verdadeira natureza se destaca “Um coração de misericórdia, bondade, humildade, mansidão, paciência” – isso não é nada mais que o próprio Cristo, do qual me revesti e que por isso posso tornar a vestir (BOOR, 2007, p. 355).

Humildes, literalmente “de pensamento baixo, pensando pouco (de si)”. No mundo grego a humildade geralmente era percebida como algo indigno. Para aquele, porém, que foi chamado por Jesus para segui-lo, ser humilde não representa mais um ultraje. E quem experimentou a condescendência de Deus, volta-se ao pequeno com alegria de ajudar e salvar. Somente quem é humilde pode dar honras a Deus. Sem humildade tampouco é possível uma vida eclesial saudável, porque orgulho provoca orgulho, teimosia e vaidade. Em outras palavras: onde vigora a humildade está dada a premissa para a misericórdia e cooperação fraternais. Para compreender todas as exortações. É importante ver que aqui estão em jogo características essenciais que não é possível ter sem que elas se transformem em atos (HOLMER, 2008, p. 225).

Deus se opõe aos orgulhosos⁸³ (Rm 12,16), porém abençoa aos humildes... Pedro confirma sua exortação com uma base nas escrituras. Ele cita Provérbios 3,34, onde diz: “Deus escarnecerá dos escarnecedores e aos humildes dará graça”. Cabe aos presbíteros transmitirem para seu povo que: Deus tem previsto para o seu povo tudo o que ele necessita.

O crente nada possui que não tenha recebido, nada recebe que não seja pela graça de Deus, e sem Cristo, nada pode fazer. Atribuir algo a si mesmo, não só estaria roubando de Deus, mas estaria tendo Deus como seu adversário. Por conseguinte o cristão deve viver humildemente com o seu Deus (Mq 6,8).

Parece-nos oportuno chamar a atenção a esse respeito sobre os pontos doutrinários: O primeiro é a dependência da caridade para com o próximo, da caridade para com Deus. Conheceis os assaltos que sofrem em nossos dias esta doutrina de claríssima e impugnável derivação evangélica: pretende-se secularizar o cristianismo, passando por cima de seu essencial referencial da verdade religiosa, a comunhão sobrenatural com a inefável e abundante caridade de Deus para com os homens, sua referência ao dever da resposta humana, obrigada a ousar ama-lo e a chamar-lhe Pai e como consequência chamar com toda a verdade irmãos aos homens, para livrar o cristianismo daquela neurose de religião, para evitar toda preocupação teológica e para oferecer ao cristianismo uma nova eficácia, toda ela pragmática, a única que

⁸³ Tende o mesmo sentimento (“Vivam em harmonia”). Pela tradução queremos evocar a bela palavra “harmonia”. Em Paulo, a exortação é formulada sete vezes de modo muito semelhante. Naturalmente ele conhece as diferenças de opinião nas igrejas. Elas são algo normal enquanto estiverem sob controle. De acordo com o v. 11 o controle é: “Sirvam ao Senhor” (BLH). Enquanto vigorar esse critério, serão encontrados meios e caminhos para superar as dificuldades. Contudo, elas começam a triunfar quando os envolvidos não estiverem mais submissos ao Senhor. Uma intenção estranha se intromete: em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde (“não viseis as coisas elevadas, mas inclinai-vos aos humildes” [tradução do autor]). Coisas elevadas que se aninharam na cabeça agora deslocam para o lado as pessoas que nos atrapalham na corrida para frente. Parecem humildes, insignificantes, desinteressantes. Não sejais sábios aos vossos próprios olhos (Pv 3.7). Cheios de sabedoria própria, nos sobrepomos tanto ao senhorio de Jesus como também ao fato de sermos irmãos. Está dada integralmente a circunstância da conformação com o mundo (POHL, 2008, p. 208).

pode dar a medida de sua verdade aceitável e operante diante da moderna civilização profana e tecnológica (MEDELLIN, 1968).

Cabe ao cristão se humilhar, debaixo da poderosa mão de Deus para que ele nos exalte a seu devido tempo. Pedro insiste que os seguidores de Jesus precisam humilhar-se. Anteriormente Pedro ensina a ser humildes uns com os outros. Porém nessa etapa os anima a ser humildes diante de Deus. Assim como o homem deve amar ao mesmo tempo a Deus e ao próximo (Mt 22,37-39), do mesmo modo deve mostrar-se humilde diante de Deus e dos homens.

A atitude de humilhar-se dá a ideia de que os cristãos devem sujeitar-se a Deus de tal maneira que ponham sua confiança somente em Nele. Devem estar conscientes de que Deus é quem cuida deles e que dEle dependem em todas questões relacionadas com a vida. Diante da presença de Deus o ser humano deve ter plena consciência de sua própria insignificância. Jesus deixou esse exemplo com seu martírio e dedicação completa para fazer a vontade do Pai.

Como Jesus, Filho de Deus, manifestou o Seu amor dando a vida por nós, assim ninguém dá maior prova de amor do que aquele que oferece a própria vida por Ele e por seus irmãos (cfr. 1 Jo 3,16; Jo 15,13). Desde os primeiros tempos, e sempre assim continuarão a suceder, alguns cristãos foram chamados a dar este máximo testemunho de amor diante de todos, e especialmente perante os perseguidores. Por esta razão, o martírio, pelo qual o discípulo se torna semelhante ao mestre, que livremente aceitou a morte para salvação do mundo, e a Ele se conforma no derramamento do sangue, é considerado pela Igreja como um dom insigne e prova suprema de amor. E embora seja concedido a poucos, todos, porém, devem estar dispostos a confessar a Cristo diante dos homens e a segui-lo no caminho da cruz em meio das perseguições que nunca faltarão à Igreja (Lumen Gentium, 22).

Jesus ensinou: Quando uma pessoa se humilha como uma criança, se torna o maior no Reino dos Céus. (Mt 18,1-5). Jesus mesmo demonstrou verdadeira humildade quando, com rei, entrou na cidade de Jerusalém montado sobre um burrinho. Cumpriu a profecia: "Aqui o teu rei vem a ti... manso e montado num burrinho" (Zc 9,9; Mt 21,5).

Cabe aos pastores darem continuidade ao ministério de Jesus: "O Espírito do Senhor está sobre mim; por isso me consagrou com a unção e me enviou a anunciar aos pobres a Boa Nova, a proclamar a liberdade aos prisioneiros, e a vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos e pregar um ano de graça do Senhor" (Lc

4,18-19;). Jesus se autoapresenta, por conseguinte, como cheio do Espírito, "consagrado com a unção", "enviado a anunciar aos pobres a Boa Nova": é o Messias, que pretende dar continuidade a sua tarefa redentora através daqueles a quem constituiu "pastores do rebanho de Deus".

4 CONCLUSÃO

O tema a respeito do "poder-serviço" é fascinante. Nessa pesquisa bíblica foram abordados conceitos e valores que precisam ser divulgados e estudados a respeito do assunto. Através do ensino pretende-se não perder a verdadeira essência do "poder" que se compõe com o "serviço", resultando assim no conceito estudado na pesquisa. Percebe-se nas ações de Jesus essa preocupação. Ele pretendia consolidar o serviço como uma forma de identificação cristã.

No desenvolvimento do trabalho foram estudados vários princípios que devem ser praticados por todos os seguidores de Jesus. Vários livros e movimentos cristãos foram levados em conta durante a pesquisa. Porém com o passar do tempo, os princípios e valores foram se diluindo e se transformando em ilusões e mitos. Cabe ao verdadeiro cristão ser um guardião da verdade. Os princípios precisam ser praticados para que não caiam no esquecimento. Os valores devem ser reproduzidos por todos que neles acreditam. Precisa-se entender e divulgar através de ensinamentos que a influência do mais forte deve se transformar em serviço benéfico, de tal maneira que solucione e supra as necessidades do mais fraco.

Ao analisar as diferentes variáveis a respeito do poder-serviço, conclui-se que as capacidades naturais e sobrenaturais⁸⁴ que Deus tem concedido aos homens

⁸⁴ Certas dificuldades advêm na interpretação da citação do Sl 68.19, ligada ao termo chave "dom" pela introdução "Por isso, diz" (Ef 5,14; Tg 4,6): "Ele subiu às alturas e levou ao cativo os cativos e concedeu dons aos homens." A forma do texto não corresponde nem ao AT nem à LXX. Originalmente, o Sl 68.19 interpela Deus ("tu"), que como soberano vitorioso (ele fez "prisioneiros"!) leva os cativos do Sinai para o santuário no alto do Sião (v. 18). Nesta ocasião ele não concedeu dons, mas recebeu tributo dos humanos. No judaísmo o salmo passou a ser relacionado com a subida de Moisés ao Sinai para receber a Torá. "Recebido *entre* os humanos" foi entendido como "recebido *para* os humanos", de modo que o "receber" podia ser transformado em "conceder". Devemos pressupor que Paulo tinha consciência dessa interpretação rabínica do versículo do salmo, motivo

devem servir para ajudar ao próximo. Percebe-se isso no ministério de Jesus: Ele caminhou, pregou, anunciou, dedicou sua vida para ajudar outras pessoas. Jesus deixou bem claro para seus seguidores: “Se vocês querem me seguir” sejam servos um dos outros. Jesus atendeu ao pobre, curou a mulher enferma, ressuscitou a menina morta, deu comida para quem tinha fome, ressuscitou o amigo morto e conviveu com seus amigos, curou um cego de nascença, libertou um homem que vivia em um cimitério atormentado por espíritos malignos, ou seja, tudo o que Jesus fez tinha como objetivo transmitir os princípios por ele ensinados. (“Varões israelitas, atendi a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis”) (At 2,22).

No desenvolver da pesquisa foram analisados vários aspectos relacionados ao assunto: a origem dos termos que ajudam a entender que o “poder na sua essência é a capacidade de tomar decisões”, porém, para os cristãos, deve resultar em serviço, tal qual o exemplo de Cristo. Jesus decidiu servir, seu serviço era resultado de seu interesse de ajudar aos necessitados. A força de Jesus era transmitida para o mais fraco. Quando Jesus falou, seu pronunciamento foi a favor daquele que não tinha voz e quando se dispôs a morrer, foi por aqueles que precisavam resolver o problema do pecado.

Com base nos estudos realizados no Novo Testamento e em registros teóricos de teólogos que se preocuparam com o tema, foram abordados aspectos bíblicos sobre o poder-serviço no ministério de Jesus, ou seja, nos Evangelhos, alguns livros neotestamentários.

Uma primeira análise nos conduziu a uma abordagem sobre o “poder-serviço em geral”, ou seja, o que representa o poder na visão de Jesus para o seu Reino. Diferentemente do poder e grandeza humanas representado pelos governantes, o Reino de Deus é caracterizado pelo serviço humilde e prestativo, um serviço que não busca vantagens e esvazia-se de si mesmo em benefício do outro. O símbolo

pelo qual soube inseri-lo como comprovação da Escritura no contexto do conceder divino (HAHN, 2008, p. 84).

principal desse serviço é a toalha⁸⁵. Desejamos que todos se lembrem que o mérito em servir está no bem estar do outro, não em projeção pessoal ou qualquer outra forma de expressão humana.

O modelo de Jesus para o “poder-serviço”, é sugerido de forma diferente do que se acostuma ver atualmente, geralmente o poder exercido no tempo atual, se expressa através do orgulho, da ufanía, da disputa por posições e interesses pessoais ao contrário o Reino de Deus não é assim, baseia-se no poder-serviço, age para suprir as necessidades do próximo, pois Jesus convoca não somente os apóstolos, mas todos os seus seguidores de todas as épocas a servirem uns aos outros e não incentiva a buscar altas posições, como procedem aqueles que agem a partir do poder humano natural.

Os governantes desse mundo buscam o domínio e a vantagem sobre os seus governados; no reino de Deus não é assim, cabe ao governante buscar o melhor para seus governados, não levando em conta suas vantagens pessoais, mas sim o bem estar do outro e principalmente daquele que não tem condições de melhorar a sua condição existencial.

Jesus deixa um exemplo maior, sua própria vida e missão, seu intento é para que todos estejam dispostos a seguirem seus passos, pois Ele, sendo o Filho de Deus, negou-se a si mesmo e se colocou na condição de servo humilde. Esta é a maior lição que se pode tirar sobre o poder no Reino de Deus e deve-se ter em mente que é o próprio Deus, quem escolhe aqueles que receberão honrarias especiais, pois a verdadeira grandeza deve se basear no serviço ao próximo.

⁸⁵ Jesus “levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha de linho, cingiu-se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido.” Com que detalhamento e precisão João está relatando, quando em outras passagens costuma relatar de maneira muito sucinta! É como se ele visasse destacar com isso a conotação extraordinária e admirável da ação. Cumpre ponderar que em geral lavar os pés era apenas serviço dos “escravos”, sim, dentre um grupo de escravos executava-o somente o mais humilde e desvalorizado. E agora o executa aquele “a quem o Pai confiou tudo nas mãos”, “o Senhor da glória” (1 Co 2,8). Nesse episódio torna-se palpável o que Paulo quer dizer em Fp 2,6ss: Ele, que “subsistindo em forma de Deus”, “esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo”. Com o pano de linho se cingiu “do avental de escravo para servir”, exercendo um serviço típico de escravo (BOOR, 2008, p. 245).

João 13 é um texto bíblico que relata os aspectos relacionados ao poder-serviço de uma forma geral, apresenta uma experiência conhecida como “lava-pés”, situação ocorrida antes da última ceia de Jesus e que demonstra princípios fundamentais do poder-serviço cristão. Jesus não faz alusões a ensinamentos vagos e vazios, antes sua mensagem é intensificada através de sua prática vivencial. Ao lavar os pés dos discípulos Jesus coloca-se na condição de escravo, servo de todos. O senhor da casa não podia agir como escravo, Jesus quebra esse paradigma quando assume a forma de “servo”, ao fazer isso, simbolicamente ele está dizendo: “Se eu como Senhor, posso servir, todos vocês devem seguir meu exemplo, servindo ao seu próximo”.

É uma lição de humildade e serviço fraternal, pois afinal de contas como não ser impactado com este exemplo? O “Senhor da Glória” colocando-se na condição de escravo? Até hoje muitos relutam, principalmente por causa do orgulho, em aceitar essa situação e resistem contra a mensagem do serviço: Como Deus pode se fazer homem, servo, escravo, ser humilhado a tal ponto por causa daqueles que precisam da salvação? Para compreender essa experiência em toda a sua profundidade é necessário que o indivíduo deixe de lado o seu orgulho e encare a sua vulnerabilidade diante de tão grande fato: Crer na cruz significa deixar-se crucificar com Cristo, pois o serviço de Cristo vai muito além do lava-pés, antes é uma referência à entrega total de Jesus na forma de Cordeiro⁸⁶ de Deus que tira o pecado do mundo.

Toda esta experiência é singular e importante para que se compreenda o significado do servir nos ensinamentos de Jesus, devemos:

1. Estar sensíveis a necessidade de nosso próximo. (Mt 22,39).

⁸⁶ “No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! É este a favor de quem eu disse: após mim vem um varão que tem a primazia, porque já existia antes de mim. ³¹ Eu mesmo não o conhecia, mas, a fim de que ele fosse manifestado a Israel vim, por isso, batizando com água” (João 1,29-31).

2. Se não for desenvolvida uma atitude de humildade a pessoa não estará apta para o serviço. A humildade é muito importante e corre o risco do indivíduo humilde achar-se mais importante do que outros. (Cl 2,18).

3. A autoexaltação é um pecado. (Rm 12,16).

4. O fundamental na vida de um seguidor de Cristo é o amor⁸⁷ que se evidencia através do serviço cristão. (Jo 13,35).

5. Cabe ao seguidor de Cristo esvaziar-se de si mesmo, do seu orgulho, vaidade pessoal e ostentação e reconhecer suas limitações. (Ef 3,17).

6. Devemos refletir nas ações de Jesus e repetir os exemplos que nos foram deixados. (1 Ped 2,12).

7. Os dons e talentos dados por Deus não devem ser usados para projeção pessoal, mas para servir ao próximo. (Rm 12,6-8).

8. O enviado não é maior que seu Senhor, e isto significa que não se pode ter a pretensão de fazer o serviço meramente com suas próprias forças, mas antes levar em consideração os ensinamentos do mestre afim de agir-se com temor e humildade e não atribuir a obra a indivíduos, mas dar a honra para quem é de direito: Deus. (2 Co 2,4-5).

9. No serviço não se esta só, conta-se com a ajuda de Deus. (At 6,3).

10. O serviço deve ser contínuo, isso se evidencia através do cuidado pastoral. (Mc 6,34).

⁸⁷ AMOR, Sentimento de apreciação por alguém, acompanhado do desejo de lhe fazer o bem (1 Sm 20,17). No relacionamento CONJUGAL o amor envolve atração sexual e sentimento de posse (Ct 8,6). Deus é amor (1 Jo 4,8). Seu amor é a base da ALIANÇA, o fundamento da sua fidelidade (Jr 31,3) e a razão da ELEIÇÃO do seu povo (Dt 7,7-8). Cristo é a maior expressão e prova do amor de Deus pela humanidade (Jo 3,16). O Espírito Santo derrama o amor no coração dos salvos (Rm 5,5). O amor é a mais elevada qualidade cristã (1 Co 13,13), devendo nortear todas as relações da vida com o próximo e com Deus (Mt 22,37-39). Esse amor envolve consagração a Deus (Jo 14,15) e confiança total nele (1 Jo 4,17), incluindo compaixão pelos inimigos (Mt 5,43-48; 1 Jo 4,20) e o sacrifício em favor dos necessitados (Ef 5,2; 1 Jo 3,16) (KASCHEL, ZIMMER, 2008).

11. Através do pastoreio acontece a identificação com Jesus, deve-se ir na direção daquele que está necessitado e darmos continuidade ao ministério de Jesus. (Jo 10,11).

Tais ensinamentos tem ultrapassado os tempos devido a sua eficácia, esses princípios chegam até nossos dias e devem ser transmitidos para todas as gerações. Não foram ensinados por Jesus, apenas para os doze apóstolos, mas para todos os discípulos, para todos que querem servir verdadeiramente a Cristo em todas as épocas. O exemplo do mestre repercute até nossos dias com uma urgência importante, existe uma carência urgente de verdadeiros cristãos, que sigam o exemplo deixado pelo Senhor Jesus.

A segunda parte desta pesquisa conduz a uma análise do “Poder-Serviço Pastoral” baseados no Novo Testamento. Nos Evangelhos temos vários textos que se destacaram como fontes de estudo sobre o tema: O primeiro texto analisado foi o de João 10, “ O Bom Pastor”, essa narrativa apresenta o pastor como servo e protagonista do poder-serviço, pois ele é o orientador e inspirador para que o serviço aconteça na igreja e na vida dos servos de Deus. A primeira compreensão a que se chega é que o poder-serviço deve ocorrer num ambiente pastoral. Jesus, através dessa narrativa (Jo 10,1-21) apresenta lições extraordinárias sobre o pastor, seu trabalho e as repercussões desses atos para a vida das pessoas.

O pastor é conceituado biblicamente no Antigo Testamento como sendo um chefe e companheiro simultaneamente. No Novo Testamento, apesar dessa profissão não ser mais bem vista, Jesus se conceitua como sendo o “Bom Pastor” que guia, salva e alimenta suas ovelhas, dando-lhes a vida eterna através do seu sacrifício voluntário. Da mesma forma, alguns homens escolhidos para serem os responsáveis por igrejas neotestamentárias são orientados a pastorear o rebanho de Deus com humildade e dedicação, seguindo o exemplo de Cristo.

Dentro desta temática, o pastor deve lutar por suas ovelhas, empenhando-se preciso por até sua própria vida. O pastor conhece suas ovelhas e elas reconhecem a sua voz resultando uma íntima relação de boa vontade e disposição para seguir. Essa experiência demonstra que o pastor deve conhecer, conviver, ajudar, e

participar do cotidiano das ovelhas que estão sob sua responsabilidade, pois os maus pastores não fazem assim, antes dispersam, destroem, abandonam as ovelhas e as deixam desprotegidas eles não apascentam ao rebanho, mas a si mesmos. São tiranos (operam atos violentos) e exploradores. Deus os chama de pastores inúteis os quais sofrerão graves consequências por suas atitudes de negligência.

O segundo texto analisado a partir dos Evangelhos refere-se a missão dos doze apóstolos descrita em Marcos 6,7-13 e Lucas 9,1-6. Nesse texto nota-se a preocupação de Jesus em treinar e capacitar seus discípulos para o serviço pastoral. É uma preocupação relevante a respeito do compromisso que os discípulos deveriam ter para com a mensagem missionária: “O Reino⁸⁸ de Deus é chegado até vós!” Tal compromisso precisa ser revertido em ações em prol da comunidade, atitudes que vão de encontro aos desvalidos, afastados e marginalizados a fim de integrá-los na comunidade cristã e mais do que isso, sejam contagiados pela mensagem da cruz e do amor de Deus. Conforme pode se constatar, esta é a “essência da vida de Cristo”, A vida de Jesus está voltada para a doação em favor do próximo e de uma abnegação espontânea, voltada para a pregação e prática do Reino de Deus que chegara entre os homens, trazendo esperança.

Para cumprir com seu plano, Jesus tinha a necessidade de preparar homens e mulheres discipulados a fim de compartilharem sua fé com outras pessoas e assim baseados no amor pelo seu Senhor, construir o Reino de Deus. De dois em dois os discípulos foram enviados à obra missionária, e assim como o mestre, os doze deveriam aprender a fazer do serviço a marca principal de suas vidas e colocarem-

⁸⁸ Para Jesus, o motivo primordial do envio dos doze foi a grande miséria do povo, completamente abandonado por seus mestres e líderes (cf. Mt 9,35-38). Seus apóstolos, ou “os doze”, como costuma ocorrer em Lucas o termo técnico do grupo mais restrito de discípulos do Senhor (Lc 9,10; 17,5; 22,14; 24,10), deveriam fazer soar a voz do grande Pastor entre um povo que definhava e se encontrava disperso, que vagava como ovelhas sem pastor. O Senhor tinha o objetivo de conduzir seus servos, que até então apenas o acompanhavam como testemunhas, a um trabalho vocacionado autônomo. Por intermédio deles ele visava disseminar a notícia do reinado de Deus em todas as cidades e localidades da Galiléia. A verdadeira proclamação da salvação, para a qual somente a efusão do Espírito Santo os capacitaria, ainda não estava associada a essa atuação. Cumpria-lhes apenas anunciar que o reino de Deus, alvo do anseio geral, apareceria e que Jesus, o fundador desse governo de Deus, estava no meio deles (RIENECKER, 2008, p. 203).

se a disposição do povo para atender suas necessidades. Para isso foram revestidos de autoridade para curar enfermos e expulsar demônios, e sobretudo pregar o Reino de Deus.

Dessa passagem pode-se tirar algumas lições importantes para a prática do poder-serviço pastoral:

1. O serviço deve ser executado na dependência de Cristo.

2. A tarefa principal dos discípulos era pregar visando levar as pessoas ao arrependimento e aceitação das boas novas dadas por Deus.

3. O serviço deve ser exercido com perspicácia, ou seja, com atenção aos perigos do caminho, mas sabendo que Deus é o enviador, pode-se contar com sua a sua proteção.

O terceiro texto analisado nos Evangelhos relaciona o serviço cristão ao exemplo de uma criança (Mt 18,1-5). Através dessa experiência é demonstrado que aquele que pretender ser o maior no Reino de Deus, deverá portar-se tal qual uma criança, ou seja, deixar de lado toda arrogancia e sede de poder, estar disposto a atender ao chamado de Deus prontamente com humildade, reconhecendo suas limitações, esvaziando-se de si mesmos e confiando nos designios divinos. Dentre as várias qualidades de uma criança está a simplicidade, a franqueza, a modéstia, a ausência de malícia e bondade. A criança é inocente em seus atos e aceita o que lhe é dito sem contestar. Confia prontamente e integralmente nos pais, está sempre disposta a ajudar, não se preocupa com as questões da vida e não busca o poder a qualquer custo. Para termos a medida da grandeza do Reino de Deus é preciso descer à estatura de uma criança⁸⁹.

Com isso Jesus está pedindo a seus discípulos, e também aos seus seguidores, que se convertam do seu modo de vida e adotem um novo estilo de vida

⁸⁹ “E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. E disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus. E quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe” (Mt 18,1-4).

sem egoísmo e práticas vulgares. Isso deve ser feito não por suas próprias forças, mas através da presença do Espírito Santo em suas vidas o qual lhes concede poder para executar essa tarefa. A verdadeira grandeza não consiste no fato de uma pessoa se colocar a si mesma em destaque, para então olhar para os outros com desprezo e com uma atitude de arrogância (Lc 18,9-12), mas ao contrário, a grandeza consiste em submergir-se e identificar-se com os problemas dos outros e ajudá-los de todas as formas possíveis.

Na terceira parte da análise, seguindo a literatura neotestamentária destaca-se os escritos de Paulo e Pedro a respeito do poder-serviço pastoral: O apóstolo Paulo fala a respeito do serviço cristão em várias oportunidades dando conselhos, estabelecendo e orientando presbíteros nas várias localidades nas quais instituiu igrejas em suas viagens missionárias. Segundo se pode compreender nessa análise textual, Paulo acreditava que as igrejas precisavam de uma ordem firme, ainda mais quando fossem numericamente grandes e os designa como presbíteros ou supervisores.

Em suas epístolas o apóstolo Paulo orienta aos seguidores de Jesus, a obedecerem todas as autoridades, sejam elas eclesiásticas ou civis, e os cristãos devem ter um duplo compromisso, tanto para com o Reino de Deus, como para com o “reino de César”, existem responsabilidades a serem cumpridas para os cidadãos. Dentro deste ensinamento, todo cristão é convocado não só a obedecer, mas também a orar pelos governantes e todos que exercem poder neste mundo, além de ser submisso a essas autoridades constituídas no cumprimento dos deveres cívicos. Aqueles que tem autoridade, ou seja, que exercem algum poder, devem fazê-lo de forma a servirem de instrumento de Deus para contribuir para uma vida tranquila e sossegada de todos os homens e para que as pessoas, cheguem ao pleno conhecimento da verdade e se salvem. Quando agirem dessa forma os cristãos estarão agradando a Deus.

Para fortalecer seus ensinamentos, o apóstolo cita seu próprio exemplo no serviço, e se coloca na condição de “escravo de Jesus Cristo”, pois se tem um Senhor a quem obedecer e a quem prestar contas um dia. Para Paulo, o serviço cristão possui três aspectos: humildade, lágrimas e provações, e qualquer função ou tarefa

exercida na vida cristã, será deturpada se não tiver por princípio básico o servir, pois afinal, a humildade é caracterizada pela coragem de servir ao próximo. O serviço cristão vem acompanhado de lágrimas, provações, principalmente quando exercido com sinceridade e amor. Porém tais provações não são vãs, antes conduzem o homem a se tornar uma pessoa firme e aprovada por Deus. O ministério pastoral, tal qual o de Paulo, é marcado pelo autossacrifício. As tribulações e dificuldades não impediram o Apóstolo de praticar as duas modalidades principais de serviço no seu ministério.

1) O anúncio do Evangelho apresentando esperança e salvação para os perdidos.

2) O ensino das práticas essenciais ao cristianismo, humildade, mansidão, renúncia, dedicação, trabalho e perseverança não fazendo acepção de pessoas.

Paulo salienta o serviço no seu ministério, mas também cita o fato de que é impossível realizar o serviço cristão sem a ajuda de cooperadores. Ensina também que o serviço cristão requer compromisso de vida. O Apóstolo Paulo preocupa-se não com sua própria vida, mas com a saúde do povo de Cristo, com a entrada de falsos ensinamentos e falsos mestres entre os cristãos, ensinando valores e princípios não genuínos ao rebanho de Deus, e com isso desvirtuando a muitos do caminho da salvação. Segundo suas palavras: “Aos presbíteros cabe zelar pela integridade dos fiéis, protegendo a igreja dos perigos e ameaças externas de lobos vorazes e heresias, pois sob a responsabilidade de um presbítero local está a igreja que Cristo comprou com seu próprio sangue”. O Apóstolo Paulo demonstra através destas e outras passagens a magnitude e a grandeza do ministério pastoral.

O serviço pastoral é conceituado através do cuidado e para ser melhor compreendido tomamos como base as epístolas de Pedro, particularmente em 1 Pedro 5,1-6. Sem cuidado, atenção e dedicação às ações pastorais, não se transformam em serviço. A máxima deste ensinamento está em 1 Pedro 5,2: “Cuidem como pastores do rebanho de Deus que está sob suas responsabilidades, sendo modelos para os fiéis”. Apascentar o rebanho de Deus é mais do que conduzir pessoas ou administrar uma comunidade, mas envolve cuidado, amor,

proteção, além de outros atributos que dispensam o abuso, a displicência, e a exploração dos fiéis em prol de interesses pessoais. Os pastores são imbuídos de autoridade divina e tem a responsabilidade de cuidar do rebanho da melhor forma possível, pois hes cabe prestar contas a Deus do serviço.

O cuidado pastoral, segundo Pedro, deve ser exercido através de algumas atitudes.

1. Não por obrigação.
2. Não por ambição ao dinheiro.

3. Não como dominador. O serviço deve ser voluntário e espontâneo a fim de agradar a Deus, porém isso não impede que um presbítero receba uma gratificação pelo exercício de seu trabalho pastoral, porém isso não deve ser sua motivação, mas sua subsistência e de sua família, pois digno é o obreiro de seu salário (1 Tm 5,18).

Os que anunciam o Evangelho devem viver do Evangelho⁹⁰ (1 Co 9,14), portanto é certo que o presbítero receba uma remuneração adequada por suas tarefas pastorais. Porém os pastores não devem ter ambição para enriquecer e se deixarem levar por esse desejo para não caírem no pecado da avareza. O que deve prevalecer é o desejo de “servir”.

O apóstolo Pedro também destaca o fato de que os presbíteros recebem sua autoridade (poder constituído) diretamente de Deus e não de ações humanas, e isso acontece pela ação do Espírito Santo. Sendo assim não devem abusar dessa autoridade, lembrando que o rebanho não é seu, mas do Senhor. Deve sim ter uma conduta exemplar, imitando o supremo pastor: Jesus Cristo (1 Pe 5,4). Sobretudo destaca que não há liderança genuína e serviço cristão autêntico sem humildade. O

⁹⁰ Quando há envio formal, o próprio Senhor providencia a subsistência, tornando pessoas dispostas a prover, com amor fraternal, o necessário para o obreiro do reino de Deus. De certa forma, os mensageiros de Cristo disseminam a semente espiritual na igreja, colhendo de seus membros o fruto físico (1 Co 9,11). O que os servos de Jesus recebem não é esmola, mas salário digno por seu serviço (RIENECKER, 2008, p. 233).

ancião não deve se deixar corromper pelo poder outorgado ao seu cargo, mas cingir-se de humildade, assim como Cristo fez.

Atos 6,1-3 relata o poder serviço pastoral como exemplo para a comunidade cristã na figura de homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, tais como os evangelistas Filipe e Estevão, para servirem de cooperadores ou auxiliar na tarefa de “servir as mesas”, um serviço considerado espiritual e não menos digno.

Nesta época a hierarquia eclesiástica ainda não existia tal qual a conhecemos atualmente. Antes era um serviço necessário e prioritário para que todos fossem atendidos de maneira correta e igualitária e os apóstolos estivessem livres para cumprir seu ministério da palavra e aplicação na oração. Essa passagem também demonstra a necessidade da divisão da “carga”, isto é, um presbítero ou líder não deve se sobrecarregar com afazeres diversos, mas sim dividir as tarefas de modo que cada um exerça seus dons e talentos da melhor forma e toda a igreja sera beneficiada com isto.

Concluindo, pode-se compreender que o poder deve resultar no serviço cristão. O próximo será atendido nas suas necessidades e se terá condições de afirmar que o poder só se consolida quando se transforma em serviço, no contexto cristão fica mais evidente ainda que o poder deve ser para ajudar ao outro.

Levando em conta a sociedade atual competitiva na sua essencia, onde o mais forte domina sobre o mais fraco, faz-se a necessidade de uma reflexão a respeito do poder para servir (esse é o objetivo dessa pesquisa). Após ter analisado os diferentes aspectos a respeito do poder, deve-se concluir: O poder como influência deve resultar em ajuda ao necessitado, o poder manipulador, não cabe no ambiente do cristianismo, Jesus combate veementemente essas ações poderosas e exploratórias, poder genuíno e cristão, que resulta em favor e bondade com relação ao próximo.

O serviço como análise fundamental deve ser caracterizado como ação em favor dos mais necessitados, ação para o que ainda não foi realizado, a

proclamação dos valores do Reino de Deus que irão influenciar uma sociedade e produzir transformação em indivíduos.

É para esse aspecto que Paulo agora se volta, mostrando aos coríntios: “Há distribuições de serviços, é o mesmo Senhor; e há distribuições de efeitos, mas o mesmo Deus que opera tudo isso em todos” Como tudo está cheio de vida e atividade! Essa palavra coloca diante dos seguidores de Jesus uma realidade transformadora.

Além disso, precisamente porque no âmbito da vida da Igreja é o homem da comunhão, o presbítero deve ser, no relacionamento com todas as pessoas, o homem da missão e do diálogo. Profundamente radicado na verdade e na caridade de Cristo e animado do desejo e do imperativo de anunciar a todos a sua salvação, ele é chamado a encetar um relacionamento de fraternidade, de serviço, de procura comum da verdade, de promoção da justiça e da paz, com todos os homens. Em primeiro lugar, com os irmãos das outras Igrejas e confissões cristãs; mas também com os fiéis das outras religiões; com os homens de boa vontade, de forma especial com os pobres e os mais débeis, com todos aqueles que anseiam, mesmo sem o saber ou o exprimir, pela verdade e pela salvação de Cristo, segundo a palavra de Jesus: “não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes; não vim para chamar os justos, mas sim os pecadores” (*Mc 2, 17*). (Pastores Davo Vobis, 16)

“Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso” (1 Co 12,4-6).

Soli Deo Gloria!

BIBLIOGRAFIA

I - FONTES

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1985.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**: Edição especial com notas para estudo e pesquisa. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. 4 vols.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Brasília: CNBB, 2007.

CELAM. **Puebla**: A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Petrópolis: Vozes, 1979.

CONCÍLIO VATICANO II. Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos e declarações. 23ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

INSTITUTO CATEQUÉTICO SUPERIOR DE NIJENGEN.BUENO, **Nuevo Catecismo para Adultos**. Versión íntegra del Catecismo holandés. Barcelona (Espanha): Editorial Herder, 1969.

MEDELLIN,II Conferencia Geral do Episcopado Latino Americano, 1968

Papa João Paulo II, Pastores Dabo Vobis, Exortação Apostólica,Pós Sinodal, 1992

II - ESTUDOS ESPECÍFICOS

BARTH, Karl. **Introducción a la teología evangélica**. Salamanca (Espanha): Ediciones Sígueme, 2006.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.

BLANK, Josef. **El Evangelio según San Juan**. Barcelona (Espanha): Editorial Herder, 1984.

BOFF, Clodovis. **El Evangelio del poder-servicio**. Bogotá (Colômbia): CLAR/Confederación Latinoamericana de Religiosos, 1988.

_____. Teologia do poder (teses). Centro de Estudos Anglicanos. **Revista Inclusividade**, março 2003.

BOFF, Leonardo. **Paixão de Cristo Paixão do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOOR, Werner de. **Carta aos Colossenses**. Comentário Esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

_____. **Evangelho de João**: Comentário Esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

_____. **Primeira Carta aos Tessalonicenses**. Comentário Esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2007.

BROWN, R., FITZMYER, J. A., MURPHY, R. E., CARM, O. **Comentário bíblico San Jerónimo**. v. 3. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972.

CHAMPLIN, Norman Russel. **O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo**. v. 2. Guaratinguetá : Editora A Voz Bíblica, 1998.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova Editora, 2003.

DEBERGE, Pierre. **Ética do Poder**, abordagem bíblica e teológica. Coleção Ética e Sociedade. São Paulo: Paulinas, 2002.

DUFOUR, Xavier Leon. **Vocabulário de teologia bíblica**. Barcelona (Espanha): HERDER, 2001.

FOSTER, Richard. **Celebração da disciplina** - O Caminho do crescimento espiritual. São Paulo: Editora Vida, 1983.

HENDRIKSEN, William. **Comentário al Nuevo Testamento: El Evangelio según San Marcos**. Michigan (EUA): Libros Desafío, 1998.

HOLMER, Uwe. **Primeira Carta de Pedro**. Comentário Esperança. Curitiba: Editora Esperança, 2008.

JONES, Peter, **A Ameaça Pagã**, WinePress Publishing, 1998

LAUBACH, Fritz, **Carta aos Hebreus**, Comentário Esperança Curitiba, 2000.

LUTERO, Martinho, **Coleção Lutero Para Hoje**, Editora Sinodal, Concórdia, 2000

POHL, Adolf. **Comentário Esperança Evangelho de Marcos**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.

_____. **Evangelho de Marcos**. Comentário Esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas**. Comentário Esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2005.

_____. **Evangelho de Mateus**. Comentário Esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.

_____; ROGERS, Cleon. **Chave Lingüística do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

WIERSBE, W. W. **Comentário bíblico expositivo**. Santo André: Geográfica, 2006.

WILLIAMS, David J. **Novo comentário bíblico contemporâneo – Atos**. São Paulo: Ed. Vida, 1998.

III -.LITERATURA DE APOIO

ALLEN, Clifton J. **Comentário bíblico Broadman**. v. 12. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.

ALVES, Rubem. Colarinho de Padre (Resenha). **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, 1980.

_____. **Dogmatismo e Tolerância**. São Paulo: Paulinas, 1982.

ASSMANN, Hugo. **A Igreja eletrônica e seu impacto na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Um rumor de anjos**: A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **Perspectivas sociológicas** – uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BARBOSA, Ricardo. A igreja no mercado e o profissionalismo religioso. **Contexto Pastoral**, a. 7, n. 35, jan/fev, 1997.

BARTH, Gerhard. **A Primeira Epístola de Pedro**. 2. ed. São Leopoldo, Sinodal, 1979.

BARCLAY, William. **The Letters of James and Peter**. Philadelphia (EUA): Westminster Press, 1976.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BRATCHER, Robert G. **A Translator's Guide to the Letters from James, Peter, and Jude**. New York (USA): United Bible Societies, 1984.

BROWN, Colin, COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CAMPOS, Leonildo S. **Destino pessoal e organização religiosa – um estudo de carreiras pastorais no interior de uma organização religiosa**. São Bernardo, 1987. Dissertação (Mestrado). Instituto Metodista de Ensino Superior.

_____. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. A crise na formação do pastor protestante em um contexto de pós-modernidade. **Contexto Pastoral**, a. 7, n. 39, set., 1997.

_____. As mudanças no campo religioso brasileiro e seus reflexos na profissionalização do pastor protestante. **Teoria e Pesquisa**, Universidade Federal de São Carlos, jan./jul., 2002.

CAPOSSA, Romão Felisberto Joaquim. **A mulher na comunidade do discípulo amado e sua dinâmica evangelizadora, a partir de João 4,1-43, tendo em conta os aspectos sociais, políticos, econômicos e religiosos**. São Leopoldo (RS), março de 2006, 162 f. Dissertação (Mestrado em Teologia e Bíblia) – Instituto Ecumênico de Pós Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Candeia, 1997.

_____. **O Novo Testamento Interpretado**. São Paulo: Candeia, 1995.

C.M.I. Uma igreja para o mundo - um estudo das estruturas missionárias da congregação. Conselho Mundial de Igrejas. Edições Oikomene, 1969.

CURTIS, A. Kenneth, LANG, J. Stephen, PETERSEN, Randy. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**. São Paulo: Editora Vida, 2003.

DENHAM, J. R. **Concordância fiel do Novo Testamento**. São José dos Campos: Fiel, 1994.

ELLIOT, Philip. **Sociología de las profesiones**. Madrid (Espanha): Tecnos, 1975.

_____. **Dinheiro, Sexo e Poder**. São Paulo: Mundo Cristão, 1988.

FREIDSON, Eliot. **Renascimento do profissionalismo**. São Paulo: Edusp, 1998.

GNILKA, Joachim. **Jesus de Nazaré: mensagem e história**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p.162.

GUNDRY, R. H. **Panorama do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1998.

GUTIERREZ, Benjamin, CAMPOS, Leonildo S. **No poder do Espírito**, Pentecostais e protestantes históricos na América Latina. São Paulo: Pendão Real, 1996.

GYARMATI, Gabriel *et al.* **Las profesiones: dilemas del conocimiento y del poder**. Santiago (Chile): Ediciones Universidad Católica de Chile, 1984.

HALE, B. D. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

HANNUCH, Maria Eugenia M. Conflitos no exercício do ministério pastoral. Cadernos de Pós-Graduação. Questões pastorais contemporâneas. **Ciências da Religião**, São Bernardo do Campo, UMESP, n. 7, out. 1992.

HARPER, A. F. **Beacon Bible Commentary**. Kansas City (USA): Beacon Hill Press, 1967.

HARRISON, E. F. **Comentário Bíblico Moody**. São Paulo: EBR, 1983.

HÖRSTER, G. **Introdução e Síntese do Novo Testamento**. Curitiba: Esperança, 1993.

HORTON, M. S. (edit.). **Religião de poder**. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

JAMIESON, R.; FAUSSET, R.A.; BROWN, D. **Comentario Exegético y Explicativo de La Biblia**. 8. ed. El Passo (USA): Casa Bautista de Publicaciones, 1983.

JOSUTTIS, Manfred. **Prática do Evangelho entre política e religião**. São Leopoldo: Sinodal, 1979.

KIRCHHEIM, Humberto. **Pastorado em discussão**. São Leopoldo: Sinodal, 1979.

KNIGHT, A. E., ANGLIN, W. **História do cristianismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1983.

LEONARD, Emile G. **O protestantismo brasileiro**. Estudo de eclesiologia e história social. 2. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna**, São Paulo: Paulinas, 1995.

MATTHES, Joachim. **Introduccion a la sociologia de la religión**. Madrid: Alianza Editorial, 1971.

MENDONCA, Antonio G. A versão protestante nacional de ministério. In. **Cristianismo y Sociedad**, 1981.

_____. VELASQUES FILHO, P. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**, São Paulo: Loyola, 1990.

_____. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos**. O campo religioso e seus personagens. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.

_____. **O celeste porvir: A inserção do protestantismo no Brasil**, São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. A identidade reformada e as transformações sociais. **Revista Teológica**, Campinas, Seminário Presbiteriano do Sul, v. 59, n. 48, jan./abr., 1998.

MUELLER, E.R. **I Pedro: Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1988.

O'DEA, Thomas F. **Sociologia da religião**. São Paulo: Pioneira, 1969.

O'REILLY, A. J. **Os Mártires do Coliseu**. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2005.

PIERUCCI, Antonio F. **Reencantamento e dessecularização: O propósito do auto-engano em sociologia da religião**. **Novos Estudos Cebrap**, n. 49, 1997.

SAYÃO, Luiz Alberto. **Novo Testamento trilingüe: grego, português e inglês**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

SELWYN, Edward G. **The First Epistle of St. Peter**. London: Macmillan, 1958.

SHEDD, Russel P. **Nos Passos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

SILVEIRA, José Roberto. **A profissão de pastor presbiteriano na cidade de São Paulo**. São Bernardo do Campo, 2005. Dissertação (Mestrado), UMESP.

SOUZA, Wilson Emerick. **Pastores em crise: O conflito da identidade social do pastor Presbiteriano**. São Bernardo do Campo, 1998. Dissertação (Mestrado), UMESP.

STIBBS, A. M., WALLS, A.F. **Tyndale New Testament Commentaries**. Grand Rapids: Eerdmans, 1959.

STOTT, John R. W. **A Mensagem de 2 Timóteo**. 3. ed. São Paulo: ABU, 1989.

STRONG, James. **Dicionário Bíblico Strong. Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

TENNEY, M. C. **O Novo Testamento: Sua Origem e Análise**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

TOLSTÓI, Leon. **O Reino de Deus está em vós**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa Dos Tempos, 1994.

TURNER, D.D. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1987.

V.V.A.A. **O clero num mundo em crise**. Atas da IX Conferência Internacional de Sociologia Religiosa, Montreal, 1967. Petrópolis: Vozes, 1969.

WACH, Joachim. **Sociologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Fundamentos da sociologia compreensiva, v.1. Brasília: Editora da UNB, 1991.

WILLAIME, Jean-Paul. O pastor protestante como tipo específico de clérigo. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, UMESP, n. 25, dez., 2003.

_____. Prédica, culto protestante e mutações contemporâneas do religioso. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, UMESP, n. 23, dez., 2002.

_____. O Protestantismo como objeto sociológico. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, UMESP, n.18, jun., 2000.

WILLARD, Dallas. **O Espírito das disciplinas**. Rio de Janeiro: Ed. Danprewan, 2003.

ZUP, Roberto. **Oficio y modelos pastorales**: analisis y reflexiones sociológicas desde Nicaragua. Managua: Cieets-Vision Mundial/Indef, 1996.